

REVISTA

COMUNICAÇÃO & SOCIEDADE

DEZEMBRO DE 2014, Nº04

Comunicação Política e Saúde

Parceiros



AUTORES
NESTA EDIÇÃO

Ernesto Nhanale
Laura António Nhauелеque
Ernesto Saúl Nhapanze
Crescêncio B.G. Pereira
Ernesto Nhatsumbo
Francisco Ngwenya

DEZEMBRO DE 2014, N°04

REVISTA COMUNICAÇÃO & SOCIEDADE

Publicação Anual do centro de estudos
interdisciplinares de comunicação (CEC)

Presidente António Eduardo Namburete
Director Executivo Mário Fonseca

Conselho Editorial Ernesto Nhanale (CEC/Escola Superior de Jornalismo)
Luca Bussotti (CEC/Universidade Técnica de Moçambique)
Leonilda Sanveca (Universidade Pedagógica)
Francisco Vicente (Universidade Eduardo Mondlane)
Mário Fonseca (CEC/Universidade Eduardo Mondlane)

Endereço da Redação Rua Sociedade dos Estudos, n°112, Maputo, Moçambique
www.cec.org.mz
Email: info@cec.org.mz
Sobre as normas de publicação consulte a página n°
Revista Comunicação & Sociedade, Maputo, n°4,
Dezembro de 2014, Maputo

Design Gráfico, Layout e Maquetização 8386 Deziñ - oito3 oito6 Deziñ

Sobre as normas de publicação, consulte a página 118

INDICE

- Nota de Abertura pp. 08
- A imagem de Samora Machel “combatente” e “mobilizador”:
Uma releitura dos discursos de Samora à luz dos estudos da retórica
Ernesto Nhanale pp. 12
- A Representação de Eduardo Mondlane “Arquiteto da Unidade
Nacional” na Política e na Imprensa Moçambicana
Laura António Nhaueleque pp. 24
- Representações da morte em África e em Moçambique:
Análise das imagens do Facebook
Ernesto Saúl Nhapanze pp. 46
- A estratégia de combate ao VIH/SIDA nos media: O caso do
“Diário de Moçambique” em 2005 e 2009
Crescêncio B.G. Pereira pp. 60
- O papel do teatro no impacto das campanhas de comunicação para
a mudança de comportamento em HIV/SIDA promovidas pela World
Vision Moçambique em Chidenguele
Ernesto Nhatsumbo pp. 82
- Comunicação para o desenvolvimento sustentável
em Moçambique
O caso da Vila do Milénio de Chibuto
Francisco Ngwenya pp. 102

Nota de Abertura

Nas suas três primeiras edições (2011, 2012 e 2013), a Revista Comunicação & Sociedade foi caracterizada, em grande parte dos textos publicados, por reflexões académicas sobre os processos de comunicação no contexto dos mass media, sobretudo em perspectivas que buscam cruzar a actividade do jornalismo com os diversos sectores da sociedade.

Esta predominância de estudos sobre os media e jornalismo na Revista é, em parte, resultante das linhas de investigação que têm sido desenvolvidas pelo centro de estudos interdisciplinares de comunicação (CEC), entidade editora da revista e que congrega grande parte dos autores contribuintes nos seus números, que buscam compreender o contexto e a qualidade de intervenção do jornalismo em Moçambique.

A presente edição, mesmo mantendo a linha de pesquisa sobre os mass media, abre novos horizontes que procuram reflectir sobre outros contextos da actividade da comunicação. Conforme mostramos seguidamente, este número oferece, por um lado, contribuições valiosas nos estudos sobre a retórica política e, por outro, sobre o contexto da comunicação para a mudança de comportamentos, através de estudos empíricos realizados sobre campanhas de comunicação em HIV/SIDA bem como sobre práticas de comunicação no contexto das redes sociais (facebook) propiciadas pelos novos media.

O primeiro artigo, da autoria de Ernesto Nhanale (investigador do CEC), é centrado nos estudos da retórica política, oferecendo contribuições sobre a figura de Samora Moisés Machel, primeiro presidente de Moçambique independente. Tido por muitos como uma figura carismática, o autor mostra a imagem de Samora Machel combatente, tendo como base teórica os estudos sobre o ethos que fazem alusão à imagem que um orador deixa inscrita no seu discurso. Trata-se de um desafio que o autor coloca nos estudos sobre a

retórica dos líderes em Moçambique, desafiando também os leitores e investigadores a considerarem que a imagem que se oferece sobre Somora Machel, considerado em muitos fóruns uma figura “saudosa”, como resultado do contexto político autoritário em que se produziu.

No segundo artigo, Laura Nhaueleque (Investigadora do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais), traz-nos uma análise sobre as modalidades de representação da figura de Eduardo Mondlane, primeiro presidente da Frente de Libertação de Moçambique, por parte de diferentes atores políticos moçambicanos e de parte da imprensa pública e privada do País. O quadro discursivo que emerge ilustra que Mondlane foi representado por todos como o emblema do nacionalismo moçambicano, com a relevante diferença de que a FRELIMO e o Governo procuraram enaltecê-lo de forma acrítica, fazendo dele como que um puro objeto de “culto”, enquanto os representantes de outras tendências políticas e culturais enveredaram esforços para, através dele, rearticular leituras mais sofisticadas da recente história do País.

O terceiro texto, produzido por Ernesto Saul (mestrando em jornalismo na Universidade Pedagógica de Moçambique), busca compreender como é feita a representação da morte nas redes sociais em Moçambique, com destaque para o Facebook. A partir da análise do conteúdo de textos iconográficos, relacionam-se, ao longo do texto, as imagens e as categorias dos produtores à significação das imagens. Igualmente, discutem-se as categorias dos signos e o seu significado a partir das respostas dos receptores. A morte, no estudo realizado por Saul, é vista nas perspectivas material e filosófica – religiosa. Portanto, algo abstracto analisado nas dimensões do produtor e do receptor das imagens. Na óptica do produtor, a morte é abordada numa perspectiva de humor, memória, perda e revolta. Para os receptores, ela desperta a expressão da solidariedade, da revolta e da dúvida.

Crescêncio B.G. Pereira, doutorando em “Dinâmicas de Saúde e Protecção Social na Universidade de Évora/Portugal, marca a fileira das pesquisas produzidos com base em investigação sobre o HIV/SIDA em Moçambique, oferecendo-nos resultados de uma análise de conteúdo temática realizada sobre o jornal “Diário de Moçambique” (DM) durante o período da implementação do segundo plano estratégico nacional de combate ao HIV/SIDA em Moçambique – PEN II. O texto de Pereira procura compreender como o DM faz a cobertura noticiosa do HIV/SIDA, bem como analisar os temas tratados pelo mesmo jornal no quadro dos objectivos que orientam a resposta à epidemia em Moçambique. A análise temática relativa aos conteúdos das notícias de dois momentos específicos, nomeadamente Outubro, Novembro e Dezembro de 2005 e 2009, revela que o VIH/SIDA teve uma cobertura superficial, irregular, inconsistente,

fraca e até certo ponto ineficaz por parte do DM. Ao todo, foram analisados 68 artigos, enquadrados em sete temáticas: “prevenção”, “advocacia”, “estigma e discriminação”, “tratamento”, “mitigação das consequências”, “investigação” e “coordenação da resposta nacional”.

Ernesto Nhatsumbo, director do curso de jornalismo na Escola de Comunicação e Artes da Universidade Eduardo Mondlane, baseando-se num estudo de caso sobre a implementação de campanhas de mudança de comportamento em HIV/SIDA, procura perceber o impacto da campanha de sensibilização levada a cabo pela World Vision junto às populações alvo no distrito de Chidenguele. A pesquisa foi realizada com base numa abordagem qualitativa, nomeadamente observação directa e entrevistas juntos a intervenientes-chave. O estudo conclui que existem diferenças bastante significativas entre a percepção da World Vision e a das populações alvo no que diz respeito às campanhas de prevenção da doença centradas no teatro. Tal abre importantes questionamentos acerca da elaboração e eficácia das formas de comunicação para a saúde que ocorrem como resultado de iniciativas de entidades internacionais junto às populações locais.

No final, Francisco Nguenha (pesquisador do CEC e docente na Escola Superior de Jornalismo), oferece a terceira análise em Comunicação para o desenvolvimento centrada na visão da UNESCO no contexto do desenvolvimento sustentável. Toma-se, neste contexto, a comunicação, a informação e a educação como os elementos centrais que nos ajudam a perceber até onde vão as forças do Governo no fomento do uso da Ciência e da Tecnologia para se incrementar o desenvolvimento. A unidade de análise é a Vila do Milénio de Chibuto, Distrito de Chibuto, Província de Gaza. O artigo de Nguenha procura mostrar as políticas de comunicação usadas pelas Vilas do Milénio em Moçambique, em particular pela vila de Chibuto. O autor procura evidenciar a importância do fluxo de informação em qualquer contexto como um sistema que fundamenta o bem-estar e a liberdade desejável nos processos de aquisição de conhecimento bem como na produção de bens de consumo.

Conselho Editorial

A imagem de Samora Machel “combatente” e “mobilizador”: Uma releitura dos discursos de Samora à luz dos estudos da retórica

Ernesto C. Nhanale*

Resumo:

Este artigo procura discutir a imagem que se traça em torno da figura de Samora Machel, enquanto líder político-militar que dirigiu o processo da luta de libertação e primeiro presidente de Moçambique, após a proclamação da independência nacional, em 1975. Tomando como base o estudo do ethos, uma das figuras retóricas que alude à imagem que um orador deixa inscrita no seu discurso, ao longo do texto, mostram-se os atributos e o sentido que se oferecem à figura de combatente inscrita nos discursos de Samora Machel, tanto no processo da luta de libertação nacional, assim como nos anos em que Samora Machel é Presidente de Moçambique.

Esta imagem de Samora combatente inscrita em parte dos seus discursos deve ser percebida como uma construção apropriada do contexto em que a sua actividade política se desenvolve, marcado, sobretudo, pela fragilidade ou inexistência de pluralismo de opiniões, o que, conseqüentemente, gerava poucas oportunidades e possibilidades de emergência de outras figuras políticas que se destacassem acima do que era definido como o modelo pela liderança. É nesta perspectiva que o artigo coloca, no final, como desafio a necessidade de o estudo da retórica de Samora Machel ser feito considerando o contexto político que o País atravessava (guerra colonial, o partido único e a guerra), onde a sua actividade política se desenvolveu. A ideia de Samora que mobiliza, muitas vezes repetida no imaginário e memória colectiva em torno da sua obra política, poderia não encontrar um sentido apropriado se lhe retirássemos do contexto em que ocorre.

Palavras-chave: Imagem, Combatente e Samora Machel

* Doutorando em Comunicação, Media e Cultura pela Universidade Autónoma de Barcelona, Assistente na Escola Superior de Jornalismo e Pesquisador do centro de estudos interdisciplinares de comunicação

The image of Samora Machel as “combatant” and “mobiliser”: A new reading of the speeches of Samora in the light of studies of rhetoric

Ernesto C. Nhanale*

Abstract:

This article seeks to discuss the image drawn of the figure of Samora Machel, as the politico-military leader who led the liberation struggle and as first President of Mozambique, after the proclamation of national independence, in 1975. Taking as its basis the study of ethos, one of the rhetorical figures that alludes to the image that an orator leaves embedded in his speech, throughout the text the attributes and meaning offered to the figure of combatant in the speeches of Samora Machel are shown, both during the national liberation struggle, and in the years when Samora Machel was President of Mozambique.

This image of Samora as combatant embedded in some of his speeches should be understood as an appropriate construction of the context in which his political activity was undertaken, marked above all by the weakness or non-existence of pluralism of opinions and which, as a result, generated few opportunities and possibilities for the emergence of other political figures who would stand out apart from what the leadership defined as the model. It is in this perspective that the article poses, at the end, as a challenge the need for the study of the rhetoric of Samora Machel to be undertaken considering the political context the country was passing through (the colonial war, the one party state and the later war) and in which he undertook his political activity. The idea of a Samora who mobilised, often repeated in the imagination and collective memory around his political work, might not find an appropriate meaning, if we remove it from the context in which it occurred.

Key words: Image, Combatant and Samora Machel

* Doctoral candidate in Communication, Media and Culture at the Autonomous University of Barcelona, Assistant Lecturer at the Higher School of Journalism, and researcher at the centre of interdisciplinary communication studies

Introdução

Muitos relatos e testemunhos foram feitos em torno da figura de Samora Moisés Machel, primeiro presidente da República Popular de Moçambique, instituída após a independência da colonização portuguesa, em 1975. Informações disponíveis sobre Samora Machel ilustram uma figura carismática e retórica, cujos atributos projectam a imagem dum líder político-militar.

Parte da vida de Samora, enquanto dirigente, foi confrontada com a necessidade de definir objectivos e dar orientações que pudessem conduzir grupos dispersos a prosseguirem objectivos comuns. Estes desafios podem ser vistos em dois momentos fundamentais da sua liderança: por um lado, a fundação da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) que impunha a necessidade de definir o inimigo, os objectivos e unir os homens para a luta de libertação nacional contra o colonialismo português; por outro lado, após a independência de Moçambique, momento em que se impunha a escolha de modelos e políticas de governação da nova nação, num contexto em que a saída do sistema colonial se via confrontada por um novo conflito armado.

Os diversos registos, assim como a memória colectiva, relatam uma figura de Samora Machel que foi capaz de responder aos desafios do País, seja a nível das suas competências como líder militar, assim como da sua capacidade discursiva, nos dois momentos da sua liderança. Como relata na sua biografia, é no campo da instrução político-militar dos recrutas que iriam lutar contra o regime colonial português, que Samora foi revelando os seus dotes de condutor de homens e de pensador político e vai reforçar a natural liderança da sua pessoa (Ganhão, 2001: 16).

Estas capacidades passam-se e revelam-se no meio da luta armada de libertação nacional, onde Samora Machel assume um papel importante na unificação face ao período conturbado e de instabilidade que se vivia no seio da Frelimo, sobretudo com a morte de Eduardo Mondlane, primeiro presidente da Frelimo, em Fevereiro de 1969. Neste período, Samora revelava-se um político militar concretizado, uma vez que o contexto exigia a coincidência das duas tarefas de direcção na mesma pessoa, ele tinha já o carisma e os modos de um chefe, ora adulado pelos seus comandados e adorado pelos militares (Ganhão, 2001: 16).

Samora Machel assume o poder, logo após a independência, num momento em que o País necessita duma orientação política que pudesse responder aos novos desafios e às expectativas do povo. Uma referência oferecida por Luís Cabaço, ministro de informação no período de governo de orientação comunista, dá conta de que Samora Machel foi uma figura influente, entusiasmante e decisiva para a história de Moçambique. É precisamente

¹ Luís Cabaço, antigo combatente da Luta de Libertação Nacional e Ministro de Informação no Governo de Samora Machel, fala sobre “Discursos e Imagens de Samora” em entrevista ao jornal O País, versão online, publicada no dia 29 de Abril de 2009.

nestes momentos que se foram construindo a figura e a liderança de Samora Machel.

Centrando-se em relatos e discursos produzidos por Samora Machel, durante este período, o presente artigo faz uma caracterização dos atributos predominantes que caracterizam a imagem do combate liderado por Samora Machel, procurando discutir como eles se relacionam com os desafios que Samora teve de enfrentar.

É através da identificação de formas de dizer manifestas em tonalidades específicas e que ilustrem os traços psicológicos – carácter - patentes em relatos de discursos que se apresentarão diversos atributos da imagem do combatente Samora Machel.² Estas descrições seguem o que designamos de *ethos*,³ isto é, o sentido do discurso imposto pelas ideias que o orador transmite, propiciadas por uma maneira de dizer que remete a uma maneira de ser (Maingueneau, 2004: 99). O sentido da imagem de Samora vai se oferecendo no momento em que esses atributos vão sendo associados às condições e ao contexto da sua produção (Amossy, 2005: 142).

Este trabalho foi desenvolvido através da classificação e quantificação de expressões com uma tonalidade que se pode atribuir ao carácter político e militar da figura de Samora Machel em dois discursos que proferiu: na sua tomada de posse como Presidente da República Popular de Moçambique e na tomada de posse do Governo de Transição. As classes dos atributos apresentados foram definidas a posteriori, isto é, depois da leitura exploratória dos textos, foram seleccionados os que apareciam com mais frequência, o que facilitou uma análise sem hipóteses previamente formuladas (Vala, 1986: 112).

1. O *ethos* no discurso: alguns instrumentos teóricos para o estudo da imagem no discurso

Podem ser considerados vários processos através dos quais os indivíduos constroem a sua imagem. A tradição dos estudos retóricos oferece uma riqueza sobre os processos expressivos de construção de imagem através do discurso. Partindo da noção aristotélica de *ethos*, enquanto imagem que o orador constrói sobre si no discurso, pode-se depreender que a tomada de palavra constitui um acto de construção de imagem sobre si. Assim, o *ethos* pode ser definido como o conjunto de traços de carácter que o orador mostra ao auditório para causar uma boa impressão, os “ares” que assume ao se apresentar. Quando o orador enuncia uma informação, ao mesmo tempo, diz: “eu sou isto e não sou aquilo” (Barthes, 1966, 22 Apud Maingueneau, 2004: 98).

Na retórica aristotélica, o *ethos*, enquanto carácter do orador inscrito no discurso,

² O objectivo desta investigação é fazer uma inventariação, através da análise do discurso, do conjunto de categorias de atributos que se podem identificar no discurso de Samora Machel. Muitos dos estudos enquadrados no âmbito descritivo não dispõem de hipóteses de partida, mas sim, reúnem dados de forma controlada e sistemática que depois organizam e classificam, sendo a análise de conteúdo uma técnica apropriada para o efeito (VALA, 1986: 105).

³ Maingueneau (1999) distingue o *ethos* pré-discursivo, correspondente à imagem preexistente do locutor, do *ethos* discursivo, correspondente à imagem que o orador constrói no seu discurso.

aparece como uma das três provas técnicas de argumentação, para além do *phatos*/*diathesis* que compreende a disposição na qual o orador coloca o auditório, fazendo a manipulação do seu estado de espírito; e o *logos*, referente ao discurso que demonstra os argumentos logicamente construídos.

Esta noção de *ethos* definida por Aristóteles não tem a ver com a personalidade moral do orador, mas sim, com a impressão que ele exerce sobre o auditório, através do seu discurso. Para se exercer como prova técnica, esta “impressão” ou “imagem” tem de ser reproduzida pelo discurso junto do auditório, não contando a ideia prévia que este possa ter sobre o orador. O *ethos* ressalta duas dimensões que não se excluem e perfazem a actividade argumentativa: o seu sentido moral, que corresponde às atitudes e virtudes – honestidade - e o seu sentido ideal ou neutro, ligado ao carácter - hábitos e costumes (Eggs, 1999).

Tanto na tradição aristotélica como na pragmática moderna, a construção da imagem do orador é constituída no discurso, pois, são consideradas as escolhas feitas pelo locutor quanto a representações colectivas e os estereótipos que o auditório faz dele. O *ethos* manifesta-se, não pelas afirmações elogiosas que faz sobre si, mas pela aparência que lhe conferem o ritmo, a entonação (calorosa ou severa), a escolha de palavras, dos argumentos (Ducrot, 1984: 201 Apud Maingueneau, 2004: 98).

É através do tom que o locutor, o leitor ou co-enunciador consegue construir uma representação da imagem do orador. Esta imagem é sempre aliada aos efeitos pragmáticos do discurso. É por isso que Maingueneau propõe uma resignificação do conceito de *ethos* à luz da pragmática e da análise do discurso, distinguindo-o em dois tipos: *ethos* pré-discursivo, correspondente à imagem preexistente do locutor, e o *ethos* discursivo, correspondente à imagem que o orador constrói no seu discurso.

O *ethos* não corresponde, somente, aos atributos textuais, mas também “ao conjunto das determinantes físicas e psicológicas ligadas pelas representações colectivas à personagem do enunciador”; assim, a imagem construída pelo leitor parte de indícios textuais de diversa ordem, aplicados para atribuir o carácter e a corporalidade (Maingueneau, 2004: 98).

Neste contexto, a análise do *ethos* deve levar em consideração também o tom que é associado ao carácter e à corporalidade. O autor mostra, nas suas palavras, como se podem identificar carácter e a corporalidade:

“O tom está necessariamente associado a um carácter e a uma corporalidade. O “carácter” corresponde a este conjunto de traços “psicológicos” que o leitor-ouvinte atribui espontaneamente à figura do enunciador, em função de seu modo de dizer (...) deve-se dizer o

mesmo a propósito da “coporalidade”, que remete a uma representação do corpo do enunciador da formação discursiva” (Maingueneau, 1997: 46–47).

Diversos estudos sobre o ethos têm sido realizados cruzando os estudos retóricos e a análise do discurso. Adam, por exemplo, através do estudo dos conectores argumentativos, dos actos do discurso e da performatividade, das marcas pessoais do orador analisa o ethos em sua relação como o logos nos discursos enunciados pelo marechal Pétain e pelo general De Gaulle, nos dias 17 e 18 de Junho de 1940.

No contexto do estudo de imagens e processos da retórica discursiva de figuras marcantes na história, José Gil oferece um estudo exemplar sobre a retórica de Salazar, em Portugal, embora não na tradição dos estudos do ethos. Trata-se dum estudo que ilustra a maneira como Salazar construiu uma imagem sobre si e como, a partir duma estratégia discursiva de redução dos destinatários à inacção e, conseqüente, invisibilidade, levou o povo a um estado de acção caracterizado por um constante silêncio.

Pretende-se, a seguir, através da análise do ethos em dois discursos de Samora Machel, discutir o sentido que se pode aferir da sua imagem, tendo em conta o contexto e o papel que esta figura representa para a história de Moçambique.

2. A imagem do “combatente” e “mobilizador” Samora Machel: A independência como fronteira da sua construção

A independência de Moçambique constitui o marco de duas fases que dividem os dois discursos de Samora Machel. O primeiro entende-se no recorrente rescaldo histórico que o orador faz no seu discurso de tomada de posse sobre a luta de libertação e a conquista da independência nacional (1963 – 1975), onde a exploração colonial portuguesa foi combatida através da força militar; no o segundo momento (1975 – 1986), Samora Machel traça a conquista da independência como um fruto de sacrifício que, no entanto, deveria ser valorizado através de uma outra forma de combate: a construção de um Moçambique novo e livre da miséria herdada do colonialismo.

O combate travado através da força das armas culmina com a independência, uma conquista do povo orientado pela FRELIMO na luta contra a exploração colonial portuguesa. Esta conquista é reconhecida como resultado da revolução popular, apresentada, no primeiro momento, como o método de luta através do qual o povo deveria ser mobilizado à acção de combate contra o inimigo, o “colonialismo imperialista português”; e no segundo, a revolução, uma luta ideológica, orientada a servir como o meio de luta contra a situação económica e social deplorável, resultante da acção colonizadora dos portugueses.

Ao longo dos dois textos analisados, são encontradas descrições, expressões e atributos cujo tom remete ao carácter de Samora Machel combatente. O sentido desta figura de combatente vai-se subdividir também nos dois momentos do discurso: o primeiro referente ao processo de combate e de conquista da independência e o segundo atinente aos desafios da governação incumbidos ao governo, dirigido pela FRELIMO, à luta permanente pela reestruturação do Estado e à conquista da dependência económica e aos desafios da constituição duma sociedade comunista.

Antes de explorarmos o sentido da figura de combatente que emerge nos dois discursos de Samora Machel, é preciso notar um elemento comum caracterizado pela retórica de inclusão. Samora Machel, constantemente, procura trazer o auditório mais próximo de si, através do uso recorrente da primeira pessoa do plural para reforçar a presença. É distinguindo os actos elocutivos e alocutivos⁴ que se pode notar esta estratégia persuasiva de Samora caracterizada pela atribuição das acções ao colectivo, através do uso do pronome pessoal “nós” e o possessivo “nosso”⁵.

3. O sentido das duas fases do combate

Combatente é o atributo que atravessa os dois discursos de Samora Machel, sobretudo pelo significado que ele atribui à luta nas duas fases descritas. Esta figura marca as suas actividades nos dois momentos delineados. O primeiro combatente trava uma luta pela conquista da independência contra um inimigo que recebe a figura de “explorador” físico e ideológico do povo moçambicano. É nesta luta contra a exploração dos moçambicanos que se ergue a figura de Samora Machel, líder combatente, que conquista a independência através duma luta político-militar, destruindo as principais forças do inimigo.

Com a conquista da independência, instala-se um segundo combate, onde Samora emerge como a cabeça do comando na luta contra a miséria, o desemprego, a fome, a nudez, o analfabetismo, o problema das crianças abandonadas, a prostituição, o banditismo que o país herda(ra) da exploração colonial. Este novo combate que se desenha resulta do reconhecimento de que a conquista do poder político não significava a conquista da independência económica, era preciso que o povo se sacrificasse, mais uma vez, na conquista das novas frentes de independências (Machel, 1975).

Como dizia Samora no discurso da sua tomada de posse como Presidente da República Popular de Moçambique, a proclamação da independência Nacional iniciava uma nova batalha, pois, o inimigo tomava uma outra face ao encarnar-se em novas formas de exploração, através da “infiltração, das tentativas de desvirtuamento da nossa linha política, do oportunismo político”. A figura do combatente no pós-independência mergulha numa ofensiva ideológica que “liquide a mentalidade colonial”, objectivando a

⁴ Os actos elocutivos são aqueles actos de linguagem em que está marcada a presença do locutor, demonstrando um ponto de vista, e os actos alocutivos são os actos de linguagem que marcam a presença do interlocutor, tentando garantir a proximidade com os leitores e aconselhá-los.

⁵ Não foi encontrada nenhuma referência ou passagem do discurso em que Samora usa o pronome pessoal “eu” ou uma conjugação verbal na primeira pessoa do singular.

construção do “homem novo” (Rebelo, 2001).

É sob o sofrimento do povo moçambicano, explorado e saqueado, que nasce, durante a luta armada de libertação, a revolta do combatente contra um colonialismo que explorou e transformou os moçambicanos em escravos, “destruindo a sua personalidade” e dividindo-os. Com a luta, Moçambique ganha a independência, mas herda um contexto miserável. Desenhava-se, então, uma nova ordem de revoltas que deveriam conduzir o povo moçambicano a perceber que era preciso ultrapassar o atraso, a ignorância, a fome frutos da exploração colonial.

O sucesso deste combate passava pela capacidade de mobilização do povo para uma única causa. Samora poderá, assim, ser visto como um homem unificador e mobilizador do povo. Samora Machel trabalha incansavelmente na questão da definição dos objectivos da luta armada e do inimigo (Ganhão, 2001). Com a independência de Moçambique, o povo disperso por todo o país deveria ser unido. A opção passava pela organização numa filosofia de orientação do estado comunista (Machel, 1974).

A mobilização é constituída como a força principal de organização do povo para a luta pela libertação nacional. É através da mobilização do povo para a luta que a FRELIMO conquista a independência nacional; que o governo de transição consolida o poder; que as largas massas se identificam com o combate da FRELIMO. Ela é a arma e força principal no estabelecimento da estratégia do desenvolvimento de um Moçambique independente. A figura do combatente é fortificada por este conjunto de atributos mas, fundamentalmente, pelo heroísmo e pela determinação orientados para a vitória nas duas frentes de combate. É assim que encontramos mais traços de imagem no discurso de Samora Machel: a imagem de herói e a de determinado.

Nos seus discursos, prevalece esta ideia e sentido do combatente Samora Machel determinante na destruição da exploração colonial portuguesa. Trata-se da mesma determinação evocada na definição de políticas para a prossecução de objectivos comuns rumo ao desenvolvimento e à conquista da independência económica. O combatente é definido como o herói de luta, sacrificado, morto a defender o interesse do povo. Por outro lado, o atributo de vencedor é patente em todas as frentes de combate, manifestando-se no somatório de pequenas vitórias até à conquista da independência nacional: desde a aniquilação das manobras inimigas e das forças oportunistas; as sucessivas vitórias ideológicas que permitiram o desenvolvimento da luta de libertação; a vitória contra o oportunismo; o enfraquecimento do inimigo em grandes frentes de combate, como a operação “Nó Górdio”, até ao lançamento da ofensiva generalizada em todas as frentes, em Dezembro de 1972, que acelera o colapso do inimigo e a liquidação da exploração (Ganhão, 2001).

Esta vitória nasce também como o resultado da inspiração do combatente e mobilizador. Estas duas figuras de combatente e mobilizador, das mais predominantes nos discursos de Samora, são inspirados e fundam-se na recordação da memória dos heróis, aqueles que caíram no decurso da luta de libertação nacional, especialmente, Eduardo Mondlane, o fundador da FRELIMO.

Considerações finais

É sob a figura do combatente que foram descritos os atributos da imagem de Samora Machel, cujo sentido ocorre em dois momentos: o período da luta de libertação e o período da luta pela construção da nação independente. O heroísmo a que assistimos nos dois discursos, por exemplo, constitui um atributo fundamental no processo de combate contra o colonialismo português enquanto uma forma de exploração e no combate contra a miséria resultante da exploração e de todo o tipo de miséria imposto pelos colonos.

Samora Machel deixa um ethos de um combatente encarnado de diversos atributos (coragem, heroísmo, determinação, unificador) que orientam a sua luta contra um inimigo que toma duas faces. A primeira face, a exploração colonial, que é combatida pela força das armas, cuja vitória faz nascer a segunda, o combate contra os efeitos da exploração. Este segundo combate não deveria ser feito pelas armas, mas pela capacidade dos moçambicanos em dirigir os seus destinos. É esta dualidade de sentidos de combate que mostra a figura de Samora no centro dos destinos do povo moçambicano.

Esta proposta da figura de “Combatente Samora Machel” gera-se, exactamente, pelo facto de o “combate” definir o sentido às acções de Samora Machel contra um inimigo que explorou e privou o povo da liberdade. Por fim, contra a miséria que o sistema colonial deixou no país. Em ambos os momentos, Samora define combates e combate causas, embora tomem sentidos diferenciados.

Quarenta anos passam depois da independência, mesmo com Samora Machel morto, o país continua na mesma batalha: lutar contra a miséria e a fome. Este elemento é determinante para compreender que a retórica, como qualquer outro discurso, deve ser compreendida dentro do contexto em que é produzida. Isto é, os discursos de Samora deverão ser compreendidos dentro do contexto em que eles foram produzidos, sobretudo num contexto em que a centralidade da sua figura se fazia sentir pela vigência de um sistema político centralizado, onde a competição política e de ideias era quase inexistente.

A vida e a obra de Samora Machel, enquanto político e “homem do povo” (como por muitos foi considerado), traça-se em momentos de conflitos diferenciados, seja contra o

colonialismo, a guerra e o próprio ambiente quase caracterizado pela pobreza que se torna ela própria uma outra espécie de inimigo simbólico. Por outro lado, o contexto da guerra colonial, o sistema do partido único e a guerra de desestabilização levada a cabo pela Renamo, são por si outros elementos contextuais importantes e que circunscrevem a liderança de Samora Machel e sobre os quais urgência de uma figura com capacidades de liderança, das quais muitas vezes se atribuem a Samora Machel, se mostravam quase que indispensável.

Esta visão retórica, indiscutível e “saudável” na memória colectiva de um Samora “combatente” e comprometido com as causas do povo, deve ser considerada um objecto de uma construção apropriada do contexto em que ela se faz acontecer, marcado pela fragilidade ou inexistência de pluralismo de opiniões, o que, conseqüentemente, gerava poucas oportunidades e possibilidades de emergência de outras figuras políticas que se destacassem acima do que era definido como modelo pela liderança. Isto é, a figura e a retórica de Samora Machel deverão ser compreendidas e estudadas dentro do contexto do partido único, onde os níveis de autoritarismo eram manifestos e com poucas oportunidades de construção de lideranças concorrentes.

Pode-se, por isso, concluir-se que esta imagem de combatente se manifesta como um mecanismo de mobilização e de construção de uma imagem consensual para fazer face aos problemas vivenciados num contexto particular, assim como um mecanismo de busca de autoridade da figura política de Samora Machel.

Referências

- Adam, Jean-Michel (1999). *Images de soi et schématisation de l'orateur: Pétain et de Gaulle en juin 1940*. In Amossy, Ruth. [Dir.]. *Images de soi dans le discours: La construction de l'ethos*. Paris: Delachaux et Niestlé.
- Amossy, Ruth (1999 A) [Dir.]. *Images de soi dans le discours: La construction de l'ethos*. Paris: Delachaux et Niestlé.
- Amossy, Ruth [Org] (2005). *Imagens de si no discurso: a construção de ethos*. São Paulo: Contexto.
- _____. (1999 B). *La notion d'ethos de la rhétorique à l'analyse de discours*. In AMOSSY, R. (1999) [Dir.]. *Images de soi dans le discours: La construction de l'ethos* (pp 9 – 30). Paris: Delachaux et Niestlé.
- Aristóteles (2005). *Retórica*. 2.ª Ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda: Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa.
- Cabaço, José Luís (2001). *O homem novo (breve itinerário de um projecto)*. In Sopa, António [Coord]. *Samora, Homem do Povo*. Maputo: Maguezo Editores.
- Charaudeau, Patrick e Maingueneau, Dominique (2004). *Dicionário de Análise de Discurso*. São Paulo: Contexto.
- Eggs, Ekkehard (1999). *Ethos aristotélicien, conviction et pragmatique modern*. In Amossy, Ruth [Dir.]. *Images de soi dans le discours: La construction de l'ethos*. Paris: Delachaux et Niestlé.
- “Machel assumiu um cariz autoritário”. Entrevista com Luís Cabaço publicada no Jornal O País Online (http://www.opais.co.mz/opais/index.php?option=com_content&view=article&id=902:Machel_assumiu-um-cariz-autoritario&catid=76:entrevists&Itemid=288). Data da publicação: 29 de Abril de 2009.
- Ganhão, Fernando (2001). *Samora Machel: Um relâmpago caído no céu*. In Sopa, A. [Coord]. *Samora, Homem do Povo*. Maputo: Maguezo Editores.

- Gil, José (1995). *Salazar: A retórica da invisibilidade*. Trad. Maria de Fátima Araújo. Lisboa: Relógio d'Água.
- Machel, Samora Moisés (1974). *Unidade, Trabalho, Vigilância*. Maputo: Imprensa Nacional de Moçambique.
- Maingueneau, Dominique (1997). *Novas tendências em Análise do discurso*. 3ª edição. Campinas: Pontes.
- Maingueneau, Dominique (1999). *Ethos, scénographie, incorporation*. In Amossy, Ruth [Dir.]. *Images de soi dans le discours: La construction de l'ethos*. Paris: Delachaux et Niestlé.
- Reis, João & Mumane, Armando (1975). *Datas e documentos da história da FRELIMO*. 2ª ed. Lourenço Marques: Edições da Imprensa Nacional.
- Vala, José (1986). *A análise de Conteúdo*. In Silva, Augusto Santo & Pinto, José Madureira [Org.]. *Metodologias das Ciências Sociais*. Edições Afrontamento: Porto.

A Representação de Eduardo Mondlane “Arquiteto da Unidade Nacional” na Política e na Imprensa Moçambicana

Laura António Nhaueleque *

Resumo:

O artigo analisa as modalidades de representação da figura de Eduardo Mondlane por parte de diferentes atores políticos moçambicanos e de parte da imprensa pública e privada do País. A figura de Mondlane tornou-se fulcral sobretudo nas celebrações de 2009, em ocasião do quadragésimo aniversário da sua morte, em que largo espaço foi dado a cerimónias, entrevistas e debates em volta desta personagem.

O quadro que emerge ilustra que Mondlane foi representado por todos como o emblema do nacionalismo moçambicano, com a relevante diferença de que a FRELIMO e o Governo procuraram enaltecê-lo de forma acrítica, propondo dele um puro objeto de “culto”, enquanto os representantes de outras tendências políticas e culturais enveredaram esforços para, através dele, rearticular leituras mais sofisticadas da recente história do País.

Palavras-chave: Debate político, cerimónias, história nacional, representação pública.

* Doutoranda da Universidade Aberta de Lisboa, curso: Relações Interculturais e Investigadora do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais/CEMRI

The Representation of Eduardo Mondlane “Architect of National Unity” in Politics and in the Mozambican Press

Laura António Nhaueleque *

Abstract:

The article analyses the way in which the figure of Eduardo Mondlane has been represented by the various Mozambican political actors and by part of the country's public and private media. The figure of Mondlane became fulcrum particularly in the 2009 celebrations, on the occasion of the fortieth anniversary of his death, when a great deal of space was devoted to ceremonies, interviews and debates around this figure.

The picture that emerges shows that Mondlane was represented by everyone as the emblem of Mozambican nationalism, with the significant difference that FRELIMO and the Government sought to praise him in an uncritical fashion, turning him into a pure object of “worship”, while the representatives of other political and cultural trends made efforts, through Mondlane, to re-articulate more sophisticated readings of the country's recent history.

Key words: Political debate, ceremonies, national history, public representation.

* Doctoral candidate at the Open University of Lisbon, course: Intercultural Relationships; and Researcher at the Centre of Studies on Migrations and Intercultural Relations (CEMRI)

Introdução

Este trabalho visa esclarecer como Eduardo Mondlane, primeiro Presidente da Frelimo, foi representado após a sua morte por diferentes atores políticos e sociais, inclusive na imprensa moçambicana. O estudo está subdividido em três partes: na primeira, apresenta-se a maneira como a FRELIMO e os seus principais dirigentes (Samora Machel e Guebuza, em particular) têm vindo a delinear a imagem de Eduardo Mondlane, que toca o seu auge em 2009, quando o Governo Moçambicano declara este como o “Ano Eduardo Mondlane”. Na segunda parte, serão apresentadas algumas das posições expressas pelos representantes dos principais partidos de oposição sobre a figura de Eduardo Mondlane; finalmente, na última parte, a atenção estará concentrada nas modalidades de representação de Mondlane por parte da imprensa moçambicana.

Em termos metodológicos, foi usada uma abordagem qualitativa, centrada na análise do discurso político dos atores acima mencionados, assim como do tipo de cobertura feita pela comunicação social em volta desta personagem. Foram, basicamente, analisados dois momentos: por um lado, um momento, por assim dizer, “contínuo” a respeito das modalidades de representação da figura de Eduardo Mondlane; e um mais pontual, centrado nas celebrações que dele foram feitas em 2009, quando o Governo presidido por Amando Emílio Guebuza dedicou o ano inteiro ao primeiro Presidente da FRELIMO, em ocasião do quadragésimo da sua morte.

Duma maneira geral, é possível afirmar que existe um consenso entre as diferentes forças políticas e sociais relativamente à consideração de Mondlane como a figura emblemática do nacionalismo moçambicano. Entretanto, sobretudo em de 2009, desencadeia-se uma espécie de “corrida” à apropriação do “verdadeiro” legado dele: por um lado, a FRELIMO pretende celebrar Mondlane mediante discursos pomposos e de cunho nacionalista e pacifista; por outro, as outras forças políticas, nomeadamente a RENAMO e o MDM, procuram analisar numa forma mais sofisticada a obra de Mondlane, com a finalidade de distanciá-la da actual FRELIMO, aproximando-a às suas próprias histórias políticas. Esta tentativa é feita, como se verá ao longo do trabalho, principalmente pelo MDM, que fala do assunto por intermédio de Lutero Simango, cuja tentativa é de unir a figura de Mondlane com a do seu pai, Uria Simango, cujas mortes representariam o sonho interrompido da construção dum Moçambique inclusivo e realmente democrático.

A perspectiva de se disputar um legado histórico por parte de diferentes atores políticos faz parte duma propensão mais geral presente no debate ideológico de todos os países independentes e democráticos do mundo. Ela visa fazer com que visões e apropriações diferentes de se elaborar a história nacional entrem em choque e sejam colocadas na agenda do debate político e jornalístico (Hobsbawm & Ranger, 1983).

Se formos a analisar, de forma pormenorizada, o “episódio-Mondlane”, não será difícil perceber que a confrontação sobre o seu legado inscreve-se no seio dum debate mais abrangente, que tem como objectivo último redesenhar, por parte das forças políticas, sociais e culturais não-alinhadas com a FRELIMO, toda a história do País, por vezes reescrevendo-a por completo. Exemplos disso não faltam: livros dedicados à figura de Uria Simango (Nkomo, 2004) ou a releitura de significativos acontecimentos da história recente de Moçambique, sobretudo durante a luta contra o colonialismo, abrem novas perspectivas neste sentido.

Numa linguagem mais próxima à da ciência da comunicação, poderíamos avançar a ideia de que a FRELIMO aborda Mondlane numa forma meramente celebrativa, num estilo de “coroação”, ao passo que as forças “alternativas” fazem desta figura uma alavanca para encenar uma “competição” (Dayan & Katz, 1999), problematizando a vida, as obras e também a morte, de que a FRELIMO nunca fala.

1. Eduardo Mondlane na Imagem da FRELIMO

1.1. *A representação de Samora Moisés Machel: início e consolidação do “mito”*

Neste ponto, proceder-se-á à análise de como Samora Moisés Machel, primeiro Presidente de Moçambique independente e contemporâneo de Mondlane, representou publicamente o seu antecessor. É possível afirmar que o “mito” de Eduardo Mondlane foi lançado e propalado por Samora Machel, na tentativa de edificar historicamente e eticamente o novo País ainda em formação, de que Mondlane devia constituir a melhor expressão, quer do ponto de vista político, quer humano.

O primeiro aspecto que Samora Machel realça é o espírito de mestria que jazia em Mondlane. Num dos seus discursos, Samora enaltece Mondlane pelas lições deixadas:

“O camarada Mondlane ensinou-nos a definir com clareza quem é o nosso inimigo – que o inimigo não deve ser definido pela cor da pele, mas pela sua actividade contra os interesses do nosso povo. E é esta orientação que nos permite hoje, mesmo depois da sua morte, definir com clareza o inimigo em cada fase da nossa luta” (Frelimo, 1975: 20)

A educação, de acordo com a leitura que Samora faz de Mondlane, constitui um eixo estratégico no processo de edificação do novo Estado independente e do próprio “homem novo”. Para Samora, a educação, assim como formulada por Mondlane, serviu para adquirir conhecimentos, técnicas e estratégias que foram usadas durante a luta toda até a vitória com a Independência nacional. Na ideia de Samora, Mondlane constitui o primeiro que se preocupou em ensinar à nação inteira, necessária para que o povo tomasse consciência da situação de opressão, exploração e dominação em que se encontrava.

Samora olha Mondlane como um dos poucos homens de génio incontestável, unificador e organizador admirável; um intelectual inteligente, exemplar, de mente aberta, crítico que não hesitou fazer-se mestre para o bem dos outros.

As palavras de Samora querem apresentar um Mondlane de *mestria aberta* para uma educação e formação igualmente *aberta*. As lições de Mondlane não decorriam num lugar determinado, com horários rigorosamente elaborados, onde se devia seguir os métodos já preconcebidos, uma vez que cada lugar, cada tempo podiam servir para o efeito. O método era igualmente flexível. Por isso faz sentido definir a sua mestria de “aberta”, assim como resulta evidente desta outra citação: “O camarada Mondlane ensinou-nos ainda sobre a necessidade de sermos completamente independentes nas nossas relações com outros países – rejeitarmos o paralelismo de certas potências, aceitarmos só o auxílio que nos é dado sem imposição de condições, na base do respeito absoluto dos outros povos pela nossa luta e pelo nosso povo” (Idem).

Samora aponta que “camarada Mondlane preocupou-se em estruturar a FRELIMO em bases sólidas – tão sólidas que sobrevivesse se ele ou outros dirigentes em certos momentos não pudessem continuar a participar na luta. Preocupou-se em criar uma estrutura que assegurasse a continuidade da Revolução – para além da presença física dos indivíduos. Tudo isto camarada Mondlane realizou”.

A eliminação física de Mondlane (considerado cabecilha das vitórias moçambicanas) foi interpretada como sendo uma acção inimiga, objectivada para enfraquecer e destruir todas as vitórias então conquistadas: “a unidade, compreensão da necessidade da luta armada, o carácter popular e revolucionário da luta, a definição do inimigo em termos de exploração, a prioridade na construção do povo, a solidez das nossas estruturas, a independência no plano internacional” (Idem).

Samora define Mondlane como sendo homem que visou formar uma consciência comum dos moçambicanos, até os da diáspora. Nas suas palavras, “Eduardo Mondlane (...) é ele que, antes de ninguém, compreendeu e ensinou que a nossa luta devia ser a revolução dos camponeses e operários, a destruição da exploração do homem, ele está firme e cada vez mais presente no poder do popular crescer na nossa pátria. Eduardo Mondlane criou quadros, criou estruturas, como tinha criado a Unidade, como tinha forjado a nossa linha” (Idem: 25).

Samora insiste em apresentar um Mondlane pedagogo, que apreciava a educação enquanto horizonte, consciencializou, promoveu a igualdade, valorizou os moçambicanos então imersos numa era de exploração, sofrimento, trabalho forçado, pobreza, dilaceração que, portanto, o fim de tudo isso dependeria por um lado do empenho de cada moçambicano e por outro de uma educação abrangente.

Portanto, Samora é um dos apologistas da importância da revitalização das obras, ensinamentos, objectivos, anseios, encarados como sustentáculos do grande sucesso da luta e da unidade. Foi ainda graças aos ensinamentos de Mondlane que os guerreiros moçambicanos conseguiram derrotar o inimigo. Mesmo depois de o pai da unidade morrer, aqueles que tinham ficado a combater o inimigo deixaram-se guiar pelos ideais dele.

O primeiro Presidente da República relata as vitórias alcançadas durante a luta que foram conseguidas graças às técnicas e estratégias deixadas por Mondlane, afirmando:

“Um ano passado sobre a morte do nosso presidente, surge naturalmente a questão: terá o inimigo alcançado os seus objectivos com este crime? Terá conseguido destruir a nossa unidade? Parar a luta armada? A resposta é dada pelo próprio desenvolvimento da luta – o desenvolvimento político, militar, económico, educacional, etc. nunca a nossa luta conheceu sucessos como no ano que passou. Tudo isto foi possível porque o Presidente Mondlane conseguiu criar uma estrutura que sobrevivesse à sua morte, e, interpretando a vontade do povo, formulou uma linha política revolucionária que, por ser verdadeiramente popular estava segura de ser sempre definida”. E continua, admitindo momentos de fragilidades na altura da morte de Mondlane, mas enaltecendo mais uma vez o papel deste mesmo após o seu assassinato: ele próprio tinha espalhado nas consciências dos Moçambicanos o germe de que era possível ganhar o inimigo colonialista e opressor.

“A morte do presidente da FRELIMO provocou reacção - continua Samora - uma certa desmoralização entre os nossos combatentes. Mas cedo nós vencemos a dor, e transformamos a dor, e transformá-la em nova força e ódio contra o inimigo. Porque, como o camarada Mondlane frisou muitas vezes, o problema que se põe ao nosso povo não é o de viver ou morrer, mas viver livre ou escravizados. E então a morte daquele que dera a sua vida em sacrifício pela libertação do seu povo não podia de maneira nenhuma significar o fim da luta. Os nossos combatentes compreenderam que parar a guerra seria traiçoar os ideais de liberdade, Independência e Revolução pelos quais o camarada Mondlane morreu. Parar a luta seria tornar inútil o sacrifício do nosso Presidente – e seria condenarmo-nos a uma escravidão perpétua” (Idem: 20-21).

Samora sobrestima a liderança de Mondlane como aquela que cravou marcas indeléveis na luta de libertação e no sucesso que a guerra conheceu anos depois da morte de Eduardo, na igualdade e emancipação dos moçambicanos, e afirma: “foi sob a liderança do camarada Mondlane que a FRELIMO desencadeou a Luta de Libertação Nacional, em 25 de Setembro de 1964. O camarada Mondlane representava assim a compreensão de que só a luta armada pode conduzir o povo moçambicano à Liberdade e Independência” (Idem: 23).

Samora considera Mondlane um líder vocacionado, sagaz, capaz e ideal que para além de tudo, se interessou com a emancipação do povo. Talvez seja por causa disso que as mulheres foram incentivadas a participar na luta de libertação como foi o caso de Josina que foi uma das mulheres de destaque na luta de libertação.

A participação da mulher na Luta de Libertação tinha dois significados: primeiro emancipar a mulher, quebrando assim a tradição milenária da inferioridade e exclusão feminina, segundo, a ideia da unidade universalista concebida por Mondlane se revelaria incoerente caso a mulher não tivesse um papel activo na luta da resistência.

Recrutar a mulher para a guerra foi um grande avanço no que tange à valorização e inclusão na vida do País.

1.2. Mondlane no Manifesto do Partido FRELIMO

Mondlane é a figura destacada da unidade nacional por Samora e o próprio partido Frelimo também desenvolveu um papel relevante no que diz respeito à representação “áurea” desta figura. O “Secretariado do Comité Central da FRELIMO”, movimento político formado por Mondlane, reconhece a figura do seu fundador, desde 1976. Em memória de Mondlane, o dia 3 de Fevereiro (data da sua morte) passou a ser conhecido pelos moçambicanos como dia dos que deram a vida pela causa do País (dia do heroísmo Moçambicano). A partir desta data, as comemorações, o reconhecimento, a homenagem, a valorização da figura de Mondlane foi ininterrupta, no seio da FRELIMO.

Um documento lançado no ano 2009, alusivo às comemorações dos quarenta anos da morte de Mondlane, ilustra como o movimento continua a eternizar de forma viva a figura de Mondlane. O ano inteiro foi chamado de “Ano Eduardo Mondlane”, onde o partido reconhece que Mondlane foi intelectual inteligente, ligado ao seu país, contribuindo, sobremaneira, a fazer com que os Moçambicanos se sentissem um só povo através da criação da FRELIMO. A seguir, pode ler-se um pequeno texto da FRELIMO, inerente à figura de Mondlane, alusivo ao ano de 2009:

Eduardo Mondlane como Presidente da FRELIMO teve um impacto bastante assinalável. O seu currículo académico, a sua personalidade amadurecida, os seus conhecimentos de organização, a sua capacidade de mobilizar recursos, espírito libertário constituíram uma mais-valia para a luta pela independência de Moçambique. Mondlane era uma espécie de farol e ideólogo que guiava os moçambicanos na luta pela sua liberdade. O Presidente Mondlane era ao mesmo tempo comandante das Forças Populares de Libertação de Moçambique. O seu pensamento e maturidade contribuíram muito na evolução do Movimento. Definia claramente as coisas; quando a FRELIMO tentou negociar com Portugal para a concessão da independência a Moçambique por meios pacíficos, cuja resposta foi negativa. A sua lucidez política levou-lhe à brilhante ideia da luta armada, como a única via para a libertação do povo

e do território moçambicano, do jugo colonial.

Acima de tudo, a figura de Mondlane é recordada hoje como tendo conseguido transmitir nos moçambicanos o sentimento de pertencerem todos a um mesmo território, que se encontrava sob a dominação colonial, ou seja, a ideia da Unidade Nacional.

Neste sentido, Mondlane destacou-se por ter enaltecido a necessidade da participação de todos moçambicanos nas várias frentes de Luta para a libertação de Moçambique, superando complexos de raça, etnia e filiação religiosa.

Aquando da realização do II Congresso da FRELIMO de 20 a 25 de Julho de 1968 em Matchedje, Província de Niassa, Mondlane defendeu fortemente a luta prolongada como via de libertação de Moçambique. Opôs-se às ideias divisionistas e separatistas. A título de exemplo, defendiam, unilateralmente, uma independência somente para a Província de Cabo Delgado. De igual modo, opunham (sic) à integração e participação da mulher na Luta Armada de Libertação Nacional. Foi essa maturidade política, intelectual, social e estratégico-militar que semeou as bases da libertação total e completa de Moçambique, a 25 de Junho de 1975. A sua morte constituiu uma perda irreparável para os moçambicanos e a então Frente de Libertação de Moçambique, pois ficavam sem uma fonte de inspiração e timoneiro da sua gloriosa luta de Libertação da Pátria, do jugo colonial.

Resulta bastante evidente a linha de continuidade do discurso da FRELIMO aquando das celebrações do ano de Eduardo Mondlane com a abordagem proposta por Samora Machel numa altura histórica diferente. Aliás, parece que a continuidade da inspiração ideológica e política seja perfeita, exceptuando expressões já não muito utilizadas, tais como “o camarada Mondlane”, agora antecedido pelo apelativo de “Presidente”.

1.3. Eduardo Mondlane na Máquina Governamental de Guebuza

O discurso do Presidente da República Armando Emílio Guebuza, que subiu ao poder em 2004, largando-o em 2014, percorre, mais uma vez, a supramencionada linha de continuidade. Guebuza procurou “cristalizar” a figura de Mondlane, protegendo-a dos supostos ataques políticos e históricos que esta estava a sofrer, e que subentendiam uma visão diferente da formação da própria FRELIMO.

Uma das primeiras tarefas a este propósito a que Guebuza foi chamado foi responder às testemunhas de Fanuel Guideon Mahluza, um dos fundadores da FRELIMO que, numa entrevista ao “Savana” de 2000 (de que se fala no ponto a seguir), indica que Mondlane não foi o fundador deste partido, uma vez que a unificação dos três movimentos de libertação MANU, UNAMI e UDENAMO já tinha acontecido, em sua ausência (Moyana, 2000). Ainda em 2012, nas vésperas do fim do seu mandato, Guebuza preocupa-se em responder a esta reconstrução histórica, continuando a indicar

Mondlane como a figura central e o verdadeiro fundador da FRELIMO (MMT, 2012). Por outra, uma parte da imprensa privada já tinha publicado inúmeros textos, entrevistas e reflexões sobre o conceito de “unidade nacional” que Moçambique e o governo da FRELIMO estavam levando a cabo, criando muitas preocupações “ideológicas” no seio das alas mais tradicionalistas da FRELIMO, a que Guebuza, certamente, pertence. O jornal “Savana” é um ótimo exemplo desta tendência (Feijó, 2010).

Foram provavelmente essas razões, ou seja, um debate político que visava, além que colocar sérias dúvidas sobre a figura de Samora Machel, também sobre a de Mondlane, que levou Guebuza, ao longo da sua governação, a lançar o “Ano Eduardo Mondlane”; na sua mensagem de homenagem a esta figura, Guebuza afirma o seguinte: “Os ensinamentos de Mondlane continuam a ser o farol da luta dos moçambicanos pela construção de um Moçambique cada vez mais próspero, unidos em paz” (Homenagem, 4/2/2009: 1).

O antigo Presidente Guebuza também enfatiza o papel educativo de Mondlane, visando a tomada de consciência da massiva exploração dos Moçambicanos por parte do colono: “Ele ensinou-nos que a exploração e a dor sentidas pelo contratado do chibalo não eram diferentes da discriminação de que os assimilados eram vítima no seu dia-a-dia. Eduardo ensinou-nos que o colonizador poderia variar as suas técnicas (...), mas a sua estratégia era a mesma, isto é, manter os moçambicanos sob o seu jugo e os nossos recursos sob controlo” (Ibidem).

Na celebração do 114º aniversário de Gwaza Muthine, Armando Guebuza estabelece um paralelismo entre a falta da unidade entre os Moçambicanos e as derrotas do século XIX, mostrando a importância da unidade defendida por Mondlane para a vitória. Guebuza afirma que “as derrotas dos vários grupos guerreiros que nos finais do Século XIX, princípio e meados do Século XX, que combatiam a dominação portuguesa em Moçambique não ficaram a dever-se exclusivamente à superioridade militar do invasor, mas à nossa falta de unidade em alguns momentos dessa luta” (Ibidem).

Guebuza quer mostrar o quão foi importante a unidade promovida por Mondlane para o País, estabelecendo o paralelismo entre os feitos dos chefes guerreiros que enfrentaram os portugueses no século XIX nas suas campanhas militares e as ideias de unidade promovidas por Mondlane. Guebuza afirma ainda que “Eduardo Mondlane esteve sempre atento aos fenómenos políticos, sociais da sua época e identificou como fundamental a necessidade de gerar, entre os moçambicanos, a consciência de que estavam todos sob o mesmo jugo colonial. O primeiro presidente da FRELINO ensinou aos moçambicanos que, unidos como um só povo, venceríamos a dominação estrangeira” (Ibidem).

Os discursos sobre as grandes influências que o pensamento e obra de Mondlane exercem convergem. Segundo Guebuza, as novas gerações devem revitalizar os ensinamentos de Mondlane ao deixarem-se guiar por eles.

É uma necessidade, defende Guebuza, construir Moçambique de hoje sob valores da unidade, do amor pátrio tal como fizeram a geração de 25 de Setembro (geração que combateu o colonialismo e trouxe a Liberdade) e a geração de 8 de Março (geração que se estende desde a independência até poucos anos depois daquela).

A geração 08 de Março teve um mérito de reconhecimento porque, com disponibilidade, respondeu prontamente à crise que apoquentava o País, nomeadamente a falta de quadros em várias áreas. Os jovens desta geração 08 de Março, ao acatarem os comandos do governo, estavam a levar avante as lições pedagógicas, os objectivos, os anseios de Mondlane – assim acredita Guebuza e outros testemunhos.

Durante o ano da exaltação da figura de Mondlane, Guebuza vulgarizou o conceito “Geração”, talvez como uma nova forma de perceber e dividir a história de Moçambique em três famosas “gerações”.

1. “Geração 25 de Setembro ou da luta de libertação”, datada de 1963. Esta geração tinha a incumbência de libertar o País do grande mal e inimigo do então: o colonialismo. E as palavras de ordem eram: “unidos, venceremos”. Aquilo que se projectava era que a partir da vitória nasceria uma nação patriótica. A luta armada de resistência traduzia-se também na criação de novas organizações lideradas pelos moçambicanos e para os moçambicanos como é o caso de Associações de Jovens, de Jovens estudantes etc., que o próprio Mondlane foi um dos percussores. Nos discursos atuais, é explícito como se atribui a esta geração o gozo da liberdade, de um povo livre, que Moçambique vive desde 1975.

2. “Geração 08 de Março”, a dita a geração a seguir à independência de 1975, que tinha como actividade construir uma “nova sociedade” e um “homem novo” com uma perspectiva um pouco radical como, por exemplo, renunciar e sacrificar os próprios sonhos em nome do bem de todos. E cultivavam-se valores como: socialismo, comunismo, patriotismo, luta contra o tribalismo e o regionalismo, superstição e capitalismo, religião. O capitalismo, o colonialismo, a religião, o analfabetismo, o subdesenvolvimento, o desemprego eram vistos como um dos grandes inimigos intoleráveis e Samora pode ser considerado o grande precursor desta geração.

3. Por fim é a “geração da viragem”. Segundo a explicação de Guebuza, esta geração engloba os jovens de Moçambique de hoje, que têm o dever de conseguir a riqueza recorrendo meios diversos, como, por exemplo, a criação do autoemprego. Sendo o assim, o capitalismo constitui um valor indispensável; portanto, o capitalismo passa de

um antigo inimigo para um valor actual e a pobreza é o verdadeiro inimigo a ser combatido.

E, na linguagem que Guebuza procurou inculcar nas mentes dos Moçambicanos ao longo dos seus dois mandatos, apelou-se, frequentemente, a geração “da viragem” no sentido de continuar a valorizar e pôr em prática as indicações de Mondlane: as novas palavras de ordem tornaram-se *a luta contra a pobreza absoluta, definida como sendo o inimigo actual de todos os Moçambicanos*, que representa o antónimo das práticas criminosas, tendo como valores representativos, a educação de qualidade, a promoção do autoemprego, o combate de qualquer forma de neocolonialismo.

Após o ano de 2009, a atenção de Guebuza e do seu governo para com a figura de Mondlane desceu numa forma bastante evidente. Todo o segundo mandato de Guebuza foi caracterizado por uma exasperada tentativa de “fazer as contas” com a história mediante o silenciamento político e militar do “inimigo” de sempre, a RENAMO do que pela defesa e manutenção da unidade nacional e da luta contra a pobreza.

Uma tal tendência pode ser notada mesmo nos discursos que membros do governo e importantes representantes da FRELIMO têm vindo a fazer antes e depois de 2009, ano de Eduardo Mondlane, assim como das contestadas eleições gerais, largamente ganhas pelo partido no poder, mas com a “mancha” da exclusão da nova formação política do MDM da maioria dos círculos eleitorais, devido a razões formais.

Pode notar-se algumas tendências de radicalismo dentro da FRELIMO e uns desses exemplos são as intervenções de Sérgio Vieira, um dos “antigos” camaradas da primeira FRELIMO. Ainda em 2016, ele intervém numa forma muito contundente a propósito da figura de Eduardo Mondlane e dos seus detratores. Numa longa intervenção no jornal “O País”, Vieira (que assina com as iniciais, SV) realça, muito mais do que a figura de Eduardo Mondlane, os que supostamente (mas segundo ele certamente) tiveram um papel activo na sua morte. E ele não hesita em usar a linguagem da FRELIMO socialista, destacando o papel fundamental de Uria Simango no assassinato de Mondlane, juntamente com o traidor Nkavandame, que se encontrava em Mutwara. E assim conclui, com uma clara referência ao presente, ligando a história e política actual: “Triste que a politiquice de uma edilidade queira honrar o nome de um traidor nacional e assassino de Mondlane” (SV, 2016).

- **Aires Aly**

Aires Aly foi Ministro da Educação e depois Primeiro-ministro do segundo Governo de Guebuza até 2012. Ele também enfrentou e enalteceu a figura de Mondlane, principalmente antes e ao longo de 2009.

No seu discurso, realça que, como no passado, nos nossos dias, os efeitos e o heroísmo de Mondlane continuam reconhecidos, sobretudo no que respeita ao contributo que ele deu na constituição de Moçambique como um País independente e na responsabilidade que imprimiu nos Moçambicanos quanto à construção e defesa da sua terra. Finalmente, procura “atualizar” o pensamento de Mondlane, reconhecendo as influências que este continua a exercer em várias áreas, acima de tudo na educação.

Neste estratégico sector, Aly defende que Mondlane promoveu a educação igual para todos, que representa um dos objectivos do Milénio. Como se testemunha, Mondlane queria que todos os Moçambicanos tivessem as mesmas oportunidades de se formarem, que fossem criadas escolas de alfabetização, acabando com a separação entre escolas oficiais e escolas rudimentares. Com a introdução da ideia de igualdade humana em direitos e oportunidades entre os Moçambicanos, seria fácil alcançar a unidade, aliás, a unidade só se tornaria possível e verdadeira mediante a aceitação mútua, o respeito recíproco e o reconhecimento do outro como seu igual.

O então Ministro da Educação Aly afirma que Eduardo Mondlane “representa a figura sublime de todos os moçambicanos juntos, que sob a sua liderança se uniram para derrotar o inimigo comum, que era o colonialismo português. Eduardo Mondlane jogou um papel fundamental no encaminhamento da Luta de Libertação nacional em momentos mais difíceis e cruciais, dos quais era necessário inspirar a confiança, esperança e determinação para que se pudesse vencer o colonialismo português. Eduardo Mondlane é considerado herói-mor” (2009, 9/1/2001: 1).

- **John Kachamila**

As afirmações de pessoas que enaltecem as contribuições deixadas por Mondlane chegam desta vez de John Kachamila, antigo combatente e Secretário das Relações Exteriores da Associação dos Combatentes da Luta de Libertação Nacional (ACLLN), que prefere eternizar os projectos e as ideias de Mondlane que “permanecem vivos, e da FRELIMO também, uma vez que quando iniciou a luta a intenção era, primeiro, libertar o país. Conseguimos esse objetivo, com a independência do país. Construimos o nosso país, resgatamos a nossa identidade. É um processo longo que também inclui o desenvolvimento económico. Independência sem desenvolvimento económico não é o que pretendíamos na altura. Ainda não estamos totalmente realizados, por vários motivos. O importante é que Moçambique é independente. Somos um país soberano, conseguimos construir a unidade nacional e somos um país que sabe reconhecer os seus heróis” (Macdonald, 2010: 1).

Para John Kachamila, Mondlane constituirá um herói imortal por aquilo que ele deixou patente para Moçambique. O desenvolvimento que Moçambique regista, realça

Kachamila, deve-se a Mondlane, porque se Moçambique não estivesse livre seria impensável falar de qualquer tipo de desenvolvimento. O desenvolvimento do País deve ser acompanhado por uma boa Governação, e não existe boa governação senão aquela que continua a se inspirar em Mondlane.

2. Eduardo Mondlane nos Movimentos Políticos da Oposição

Neste ponto, ver-se-á como é que alguns dos partidos da oposição à FRELIMO projectam a imagem de Eduardo Mondlane nas suas alocuções públicas. Como temos visto ao longo dos pontos anteriores, a ideia de que se deve eternizar as obras e ideais de Mondlane como exemplos para o crescimento em todos os sentidos de Moçambique é explicitamente clara e indiscutível, embora algumas forças contrárias à FRELIMO não percam ocasião para propor assuntos inerentes à política contemporânea, justamente mediante um uso mais analítico e “instrumental” da figura de Mondlane.

Em suma, se o partido no poder usa Mondlane para reivindicar a coerência na continuidade, as principais oposições fazem o jogo contrário, demonstrando a enorme distância que caracteriza práticas hodiernas com os ensinamentos de Mondlane, o que torna o discurso dos governantes incoerente e vazio.

- **Ya-Qub Sibinde: Bloco da Oposição Construtiva (PIMO)**

O líder do partido PIMO – Partido Independente de Moçambique simplesmente exalta o génio de Mondlane fazendo uma leitura positiva da importância da sua obra, sobretudo para a expulsão do colono e o advento da nação livre do jugo colonial.

Ya-Qub reconhece a incomensurável importância de Mondlane como figura digna de ser seguida ainda hoje, devido aos seus projectos e objectivos, estratégias, ensinamentos. Ele apresenta um Mondlane que transcende o tempo e espaço, porque o que Mondlane pregou, projectou, objectivou, ainda hoje exerce força e influência no meio dos Moçambicanos, razão pela qual tem que ser valorizado e inspirar os novos líderes do povo. “O pensamento de Mondlane não está caduco, e a valorização do seu papel como arquitecto da unidade nacional pode inspirar os Moçambicanos na luta contra a pobreza, que constitui hoje o principal inimigo do nosso povo moçambicano” (Notícias, 9/1/2009: 1).

Portanto, destaca Sibinde, enquanto a geração mondlanica lutava para ver a sua terra livre do sistema colonial, o Governo actual deve aprender dele, encaminhando o povo no sentido contrário de todos os males, isto é, tornando-o protagonista na luta contra os males sociais, políticos, económicos, no caso concreto, contra a pobreza.

- **Miguel Mabote**

Mabote é o líder do Partido Trabalhista de Moçambique, um dos movimentos da oposição que estiveram presentes nas cerimónias da celebração dos quarenta anos da morte de Mondlane. Mabote reconhece a figura, a obra e os ensinamentos de Mondlane como alavanca para a construção da Independência Nacional com a expulsão do colono. Na óptica dele, o Governo tem que procurar revitalizar tudo o que foi o legado do Mondlane, porque ele foi um modelo de liderança, de ensinamento, de obra, de unidade.

É nesta linha de pensamento que Mabote enaltece a Governação da “máquina” de Guebuza como uma boa governação, uma vez que ela tenta concretizar os objectivos mondlanicos, eternizando as suas obras, os seus ensinamentos e rendendo-lhe a justa homenagem (...). Uma “Governação que se inspira em Mondlane, se espelha e põe em prática os ensinamentos, os objetivos e projetos do arquiteto da unidade, só pode ser uma boa governação” (Macdonald, 2010: 1).

- **Máximo Dias**

Máximo Dias já foi líder do movimento político UDENAMO e participou na primeira corrida à Ponta Vermelha, em 1994. Quando se abdicou do seu movimento, adere à RENAMO, então “RENAMO-União Eleitoral”, o que lhe permite entrar na Assembleia da República como deputado da bancada daquele movimento político.

Dias não se mostra alheio aos feitos, protagonismo e influência que Mondlane representou para a constituição da Nação independente. É nessa perspectiva que ele acha que uma das formas de reconhecer a imagem de Mondlane seria trazer a verdade à tona no que concerne à sua morte. Portanto, é pela importância nacional, irreversível, eterna da figura e obras, ideias, estratégias de Mondlane que Dias persuade e exorta a Justiça moçambicana para investigar e revelar a verdade da morte do arquitecto da unidade. Portanto, não se pode falar da importância de Mondlane se a verdade da sua morte continuar oculta. Há “necessidade de se esclarecer, duma vez por todas, a verdade sobre a morte de Eduardo Chivambo Mondlane. (...) Não se deve ter medo da verdade, porque o povo, as gerações vindouras precisam de saber a real história do país. Precisam saber como é que ele foi assassinado, como é que Samora Machel foi assassinado, esses grandes símbolos do heroísmo moçambicano. Estamos a manter a unidade do país, a lutar para o combate à pobreza absoluta, já conquistamos o poder político e agora queremos conquistar o poder económico para todos” (Idem).

- **Lutero Simango**

Lutero Simango é o atual Chefe da bancada parlamentar do MDM, e filho de Uria Simango, Vice-Presidente da FRELIMO de Mondlane, eliminado juntamente com a sua

esposa pelo governo de Samora como um dos mais acérrimos opositores do regime. Simango insere Mondlane numa grande lista de todos aqueles que pegaram em armas e lutaram a favor da independência e chama a esses por “antepassados”.

A ideia de antepassado no mundo africano atribui-se a uns poucos que morrem e deixam obras inéditas, exemplares, pessoas que contribuíram para o bem da sociedade, do clã, da família; quer dizer, nem todos os que morrem são chamados e considerados antepassados.

Talvez Simango quisesse recuperar a significação do conceito de antepassado para enaltecer e reconhecer a positividade das obras daqueles que lutaram pela libertação, paz, unidade nacional; homenagem que não põe de lado o mentor da Unidade Nacional: Eduardo Mondlane.

Portanto, o esforço dos “antepassados” serviu para conferir aos Moçambicanos o direito de livre escolha política, mas sobretudo para que eles sejam autores dos seus destinos, levando a cabo os seus objectivos no que diz respeito à construção do seu país. Os nossos antepassados “defendiam os ideais da democracia, da liberdade e da justiça. É um processo que nós estamos a continuar. Temos que continuar a lutar para que se possa materializar o sonho das pessoas que fizeram e construíram a Frente de Libertação de Moçambique” (Idem).

Em Simango, um dos mais destacados representantes da oposição, é notória a sua reivindicação para que o País continue a valorizar e a viver os ideais da FRELIMO de Mondlane, que por sinal foi também a FRELIMO do seu pai, Uria Simango.

Num dos seus discursos, é patente o uso de alguns indicadores semânticos particularmente significativos. Estes, indirectamente, marcam uma separação com a Frelimo de hoje no que tange à valorização, mas sobretudo a vivência da obra e ideais de Mondlane: a. Uso enfático do substantivo “nós”, que implicitamente indica: 1. “nós” partido alternativo da FRELIMO e 2. “nós” Moçambicanos; b. o uso igualmente enfático do verbo “sonhar” que remonta a uma dimensão também ideal e desejável, mas já negligenciada pela actual FRELIMO, que, mesmo assim, mostra uma clara tentativa de querer assumir-se como “o legítimo dono” do legado mondlanico.

- **Fernando Mazanga**

Mazanga, político do maior partido da oposição de Moçambique, foi deputado e chefe da bancada da RENAMO na Assembleia Municipal de Maputo. Ele também adiciona a figura e obra de Mondlane na vasta lista dos vários combatentes da Luta de Libertação Nacional. Nas palavras deste político, Mondlane goza do mesmo respeito e consideração dos outros tantos que sacrificaram suas vidas porque não aceitavam nem compactuavam com a opressão portuguesa: “Independência total de Moçambique, fruto da entrega de

muitos filhos desta pátria amada que, nas várias frentes e de formas diversificadas, lutaram com galhardia para tornar possível o discurso de Gungunhana aquando da sua prisão e deportação” (A Independência, 26/6/2009: 4).

Este político reconhece, no entanto, que estes heróis (conhecidos e não conhecidos) merecem que o povo moçambicano renda a sua homenagem, uma vez que as suas vidas foram gastas e doadas irreversivelmente para o advento da independência, liberdade, paz do País.

Estes heróis – como quer deixar evidente Mazanga – são sinónimo da génese de Moçambique como Nação que, a partir de 25 de Junho de 1975, viu de volta a sua terra, sua dignidade, as suas riquezas; deles emana o orgulho da moçambicanidade de hoje, de um Povo que leva avante a sua história, os seus destinos.

Mazanga contradiz a ideia segundo a qual a actual governação se inspira nas ideias dos heróis moçambicanos que visavam libertar o povo. Estas afirmações são, para Mazanga, uma deslealdade, visto que o Governo Moçambicano, para além de não cumprir com os seus deveres e obrigações, inventou novas formas de colonização, aquilo que M’bembe chama de novo colonialismo africano. Tal exploração traduz-se na violação dos direitos humanos e liberdades dos moçambicanos, desaguando num elevado número de cidadãos ainda analfabetos, fraco acesso à saúde, numa falta de segurança, de liberdade de expressão, etc.

Mazanga radicaliza o seu discurso ao comparar o massacre de Mueda (reivindicação dos moçambicanos para o reconhecimento dos seus direitos por parte do colono) com as mortes que aconteceram em 1999 em Montepuez, quando um grupo de manifestantes da RENAMO que reivindicavam os resultados das eleições gerais e pediam a recontagem dos votos foram encarcerados numa minúscula cela e ali perderam a vida em circunstâncias que nunca foram esclarecidas (Bussotti, 2012).

O sonho dos heróis ficou assim comprometido com todos os males que o País vive, imputáveis à actual FRELIMO. Em Moçambique, conclui Mazanga, temos “liberdade para poucos com o governo irresponsável; o nosso Governo tem preguiça mental para criar, para inovar. Governo medíocre com a intolerância e com atitude de estica braço” (A Independência: 4).

3. Eduardo Mondlane na Imprensa Moçambicana Contemporânea

A figura de Mondlane desfila em tantas páginas quantos são os tipos de jornais no País. A convergência da mensagem daquilo que se diz dele é evidente.

De acordo com todo o material analisado, todos os órgãos de comunicação concordam

com a ideia de Mondlane ser o arquitecto da unidade nacional, criador da FRELIMO, mestre, unificador do povo moçambicano, protagonista do sucesso da luta de libertação nacional, anti-regionalista, anti-tribalista, anti-racista, inimigo do regime colonial e de todo o tipo de sistema opressor, intelectual que deve inspirar as governações dos nossos dias.

Mondlane é apresentado como a pessoa mais ligada à obtenção da independência, da construção e desenvolvimento de Moçambique, um nacionalista que tinha muito amor à sua pátria e aos seus compatriotas.

3. 1. Eduardo Mondlane na imprensa pública

• **Jornal Notícias**

O Jornal Notícias, embora formalmente privado, na prática, pertence aos serviços da comunicação social pública e o seu director é nomeado pelo Primeiro-ministro.

Duma forma geral, o “Notícias” aborda o tema relacionado com Mondlane mediante uma série de entrevistas a personagens públicas, nomeadamente membros da FRELIMO, artistas moçambicanos, chefes dos partidos da oposição.

A ideia de base é de representar Mondlane de acordo com as directrizes do Governo-Guebuza, acentuando a ideologia libertadora e unitária. Por exemplo, Hélder Martins afirma que, ainda em 2010, os ideais de Eduardo Chivambo Mondlane continuam. Apresenta Mondlane como um grande dirigente carismático com uma visão muito correcta sobre a libertação de Moçambique e de África. Essa libertação incluía a libertação da terra, dos homens e económica. Martins destaca a sabedoria de Mondlane num sentido duplo: como intelectual, mas sobretudo como intelectual com sabedoria incontestável do bem dirigir-se ao povo, usando linguagem e conceitos perceptíveis a qualquer pessoa, mesmo a mais humilde que desagua na grande capacidade de liderança:

Eduardo Mondlane era um grande homem, um grande intelectual. Era um homem que tinha uma compreensão profunda dos problemas do povo moçambicano e era um líder carismático capaz de falar aos intelectuais, mas também e ao mesmo tempo capaz de falar ao povo, o que às vezes é difícil, porque há intelectuais que são muito bons para os intelectuais, mas não sabem falar com o povo, e há pessoas que sabem falar com o povo mas não sabem falar com os intelectuais. Mondlane sabia falar com todos, afirmou, ajuntando que o arquitecto da unidade nacional era um dirigente incontestado, sobre o qual havia o máximo consenso.

A obra de pura celebração de Mondlane proposta pelo “Notícias” continua com a intervenção de uma destacada figura artística moçambicana, Malangatana. Este escultor e pintor expõe uma exposição de 40 quadros que retrata Mondlane, nas várias fases da sua

vida. O “Notícias” reporta esta informação, realçando o título que Malangatana quis dar à sua exposição: Homenagem a Eduardo Chivambo Mondlane – Pastor de Manjacaze. Trata-se de um título assaz dessueto, que faz lembrar a religiosidade de Mondlane, geralmente negligenciada pelos vários atores políticos, assim como a sua capacidade de dirigir o rebanho constituído pelo povo moçambicano.

Um espaço bastante largo é reservado a alguns representantes dos partidos da oposição, especialmente à dita “oposição construtiva”, na altura bastante próxima às posições políticas da FRELIMO e do Governo. Entre eles, o já citado Ya-Qub Sibinde, do PIMO, embora valha a pena sublinhar a entrevista feita a José Manuel Duarte de Jesus, um português experto de relações internacionais, autor dum contestado livro, *Um Homem a Abater* (Jesus, 2010), que defende a ideia de que a morte de Mondlane poderá estar relacionada com infiltrações internas da própria FRELIMO. Trata-se de uma entrevista extremamente interessante, que quebra, de certa forma, o muro da pomposidade e pura celebração da figura de Mondlane por parte da imprensa pública, mexendo assuntos considerados inconvenientes no âmbito governamental (Eduardo Mondlane, 29/3/2011: 1).

3. 2. *Eduardo Mondlane na imprensa privada*

- **Jornal Magazine Independente**

O “Magazine Independente” é um semanário criado por Salomão Moyana, um dos mais destacados jornalistas moçambicanos, que o dirigiu durante muitos anos, oferecendo uma linha editorial bastante crítica para com as atitudes do governo e do partido no poder. Salomão Moyana deixou a direcção do semanário quando foi nomeado membro da Comissão Nacional de Eleições (CNE), sob indicação da RENAMO, em ocasião das últimas eleições gerais de 2014.

O “Magazine” também inseriu-se no debate em volta da figura de Eduardo Mondlane, enaltecendo esta figura como o principal obreiro da unidade nacional.

Como se pode ler num dos artigos deste semanário, “(...) todas diferentes facetas de resistência eram comunidades pequenas que sofriam com o colono. Com estes passos isolados, a consciência sobre a necessidade de Unidade para a luta de libertação de Moçambique foi crescendo e criando forças, para que os moçambicanos se organizassem e conduzissem o regime colonial à derrota final. Esta necessidade de Unidade foi acelerada pelo presidente Eduardo Mondlane, e iniciou assim a fase de luta de libertação de Moçambique, com criação da FRELIMO a 25 de Junho de 1962”.

Mondlane é considerado até aos nossos dias pai da “Unidade Nacional Moçambicana”, pelo fato de ser o primeiro que considerou a Unidade sinónimo da vitória na luta de Libertação Nacional. A figura de Mondlane é apresentada como contrária a qualquer tipo de discriminação, regionalismo, tribalismo, etnocentrismo. O “Magazine” sublinha que a

paternidade de Mondlane emana justamente por ter percebido que o regionalismo, o tribalismo, o etnocentrismo podiam levar ao fracasso na resistência ao colono.

A unidade é vista, portanto, como o grande segredo e uma das armas indispensáveis e necessárias para chegar-se à paz moçambicana. Era, sem dúvidas, a unidade traduzida em prática.

O pragmatismo de Mondlane é clarividente e concreto quando se fala da fusão dos três movimentos políticos anteriores que passaram a constituir a FRELIMO.

Acerca do “Ano Eduardo Mondlane”, o “Magazine” expressa toda a sua complacência: “A homenagem de Mondlane é merecedora pelo fato da sua contribuição moral, militar, intelectual na construção de Moçambique livre unido de Rovuma ao Maputo ser muito evidente”.

A mestria de Mondlane é reconhecida pelos moçambicanos, fora de qualquer equívoco; ela continua presente, exemplo para o desenvolvimento e para a construção de um Moçambique mais justo e próspero.

- **Jornal Savana**

Conforme acima assinalado, o “Savana” é, provavelmente, o órgão da comunicação social mais interessado em levar a cabo reflexões sobre o passado de Moçambique e da própria FRELIMO.

Antes de 2009, o que merece um destaque especial é a entrevista que o então editor deste semanário, Salomão Moyana, faz junto com Fanuel Guideon Mahluza (Moyana, 2000).

O teor da entrevista de Moyana é bastante claro: Mondlane não foi o fundador da FRELIMO, uma vez que ele nem estava presente na altura da fusão dos três anteriores movimentos; o que interessa mais é perceber o ponto de vista que o jornal expressa através do seu próprio editor, Salomão Moyana.

Moyana representa, a partir do título, uma história da FRELIMO diferente da oficialmente transmitida pelas instituições moçambicanas: com efeito, ele dá como certa a hipótese do seu entrevistado, apelidando de “mentira” a versão oficial a que pretende contrapor-se. Por isso, o título resulta particularmente chamativo e cativante. Além disso, Moyana faz uma “inversão” no que diz respeito à forma como os vários protagonistas da luta de libertação (e os seus supostos sucessores no governo do País) foram tratados, uma vez conquistada a independência. Apresentando Mahluza, Moyana realça que hoje ele “é um cidadão que nem casa tem para albergar a sua família”, ao passo que outros que nenhum papel concreto exerceram no processo de libertação de Moçambique as têm

(Idem). Finalmente, Moyana enfatiza outra questão acerrimamente disputada: o papel de Uria Simango, que, como vimos no ponto anterior, Sérgio Vieira, ainda em 2016, colocou entre os “traidores” da pátria. Na entrevista com Mahluza, Moyana destaca como Uria Simango “nunca foi reacionário”, mas sim “vítima da demagogia dos 'tsongas””, assim deixando entender a importância das componentes étnicas no seio das lutas internas da primeira FRELIMO.

De diferente teor, é o editorial que o mesmo semanário publica no dia 30 de Janeiro 2009, em ocasião do Ano Eduardo Mondlane. Aqui, a figura de Mondlane é apresentada como uma referência incontornável para o processo de unificação nacional, embora evitando tocar no assunto da fundação da FRELIMO (com ou sem Mondlane?).

A importância da figura de Mondlane para a história de Moçambique está relacionada com a sua obra desinteressada e de longo alcance que permitiu a unificação dos vários e dispersos esforços moçambicanos em torno de um objectivo, que era libertar Moçambique do domínio colonial.

É por isso que Mondlane não foi só o primeiro presidente da FRELIMO. Ele é o arquitecto de Moçambique, e a honra que lhe é atribuída neste quadragésimo aniversário da sua morte é mais do que perfeita.

Apesar desta linha editorial de certa forma mais conciliante que Moyana tinha proposto na altura em que exercia as funções de editor do “Savana”, continua a insistência em “usar” Mondlane como um símbolo não apenas do processo de unidade nacional, mas sim duma ética pública que os atuais governantes parecem ter esquecido, reproduzindo os vícios coloniais.

Uma das formas mais sublimes de prestar homenagem a Mondlane é não aceitar sermos engolidos pelos mesmos vícios que o colonialismo contra o qual a luta representava. Isso significa combater tenazmente a corrupção, a acumulação ilícita de riquezas, a insensibilidade perante as necessidades do povo.

Conclusões

Este trabalho visou apresentar as formas como diferentes tendências políticas e sensibilidades culturais lidaram com a figura de Eduardo Mondlane. Apesar da aparente unanimidade que emerge dos discursos oficiais e inclusive em boa parte da imprensa, foi demonstrado que o debate em volta de Mondlane tem levantado questões extremamente bicudas e sérias no que diz respeito a pontos ainda críticos e abertos da história da FRELIMO e de Moçambique.

Essas questões, que foram realçadas ao longo da análise, têm uma estreita interligação

com, por um lado, a reescrita da história de Moçambique, por outro, com a actualidade política, num processo circular em que as duas dimensões se alimentam reciprocamente.

Tornou-se patente que a figura de Mondlane é, por um lado, um património reconhecido por todas as forças políticas, por outro, ele é usado, por vezes, de forma “instrumental” por parte dos vários partidos – da maioria assim como da oposição – para comprovar as suas teses políticas, que pouco têm a ver com a obra e o pensamento do primeiro Presidente da Frelimo. Este processo de apropriação, reapropriação e desapropriação (tentada) gira em torno dum eixo fundamental: a “essência” da obra de Mondlane, que seria “naturalmente” herdada pela Frelimo, é reclamada como mais autêntica por parte das outras forças políticas, que sublinham, portanto, as descontinuidades, sobretudo de natureza ética entre o partido da maioria no País e o seu primeiro Presidente. Assim, emergem vários Mondlane ou, melhor dizendo, diferentes visões de interpretar a sua obra, de acordo com interesses, perspectivas e posicionamentos políticos.

Um estudo de maior exaustividade deverá compreender outras vozes que se têm associado a este debate, acima de tudo, a literatura especializada e, em segundo lugar, os livros de testemunhas directas que, ao longo dos últimos anos, têm sido publicados por figuras políticas destacadas, como Chissano, Monteiro e Sérgio Vieira.

Referências bibliográficas

- A Independência é bela quando serve os cidadãos, “Magazine Independente” (26/06/2009), p. 4.
- Bussotti, Luca (2012), Moçambique: o Caso dos jornais “Notícias” e “O País” na cobertura das violações dos direitos humanos, “Revista Africana de Mídias”, 20 (1-2), pp. 101-142.
- Dayan, Daniel & Katz, Elih (1999), A história em directo, Coimbra: Minerva (Ed. Orig.: The Live Broadcasting of History, Harvard: Harvard University Press, 1994).
- 2009: Ano Eduardo Mondlane, “Notícias” (09/01/2009), p. 1.
- Editorial, “Magazine Independente”, 14/04/2010, p.18
- Eduardo Mondlane: herói de todos os Povos, “Savana”, 30/01/2009, p. 6.
- Eduardo Mondlane: Percursos da independência nacional, “Notícias”, 29/03/2011, p. 1.
- Feijó, João (2010), Discursos Jornalísticos sobre a Independência de Moçambique – Uma análise da cobertura do semanário savana (1998-2003), “Cadernos de Estudos Africanos”, (20), pp. 56-83.
- FRELIMO (1975), Frelimo e a Luta Revolucionária de Libertação Nacional, 1975, Ano da Independência, Lourenço Marques: Oficinas Gráficas da Minerva Central.
- Hobsbawm, Eric, & Ranger, Terence (1983), The Invention of Tradition, Cambridge: Cambridge University Press, de <https://www.scribd.com/.../Hobsbawm-E-Ranger-T-1983-the-Inv>.
- Duarte de Jesus, José Manuel (2010), Eduardo Mondlane: um Homem a Abater, Lisboa: Almedina.
- Macdonald, Ryan (2010), Eduardo Mondlane foi um grande Visionário, “Notícias”, 04/02/2010,
- MMT (2012), Guebuza considera Eduardo Mondlane “figura central” na fundação da Frelimo, “Lusa”, 03/02/2012, de www.noticias.sapo.cv/lusa/artigo/13745458.html
- Moyana, Salomão (2000), “A mentira não faz a História de uma Nação” Fanel Guideon Mahluza, o homem que deu o nome “FRELIMO” ao movimento de libertação de Moçambique, “Savana”, 20/10/2000.
- Nkomo, Lucas Barnabé, (2004), Uria Simango. Um homem, uma causa, Maputo: Novafrica.
- SV (2016), Pensando no caminho para o 3 de Fevereiro, “O País”, 19/01/2016.

Representações da morte em África e em moçambique: **Análise das imagens do *Facebook***

Ernesto Saúl Nhapanze*

Resumo:

O presente trabalho procura compreender a representação da morte nas redes sociais em Moçambique, com destaque para o Facebook. A partir da análise de conteúdo dos textos iconográficos, relacionam-se as imagens e as categorias dos produtores à significação das imagens. Igualmente, discutem-se as categorias dos signos e o seu significado a partir das respostas dos receptores. A morte, no presente estudo, é vista nas perspectivas material e filosófica – religiosa. Portanto, algo abstracto analisado nas dimensões do produtor e do receptor das imagens. Na óptica do produtor, a morte é abordada numa perspectiva de humor, memória, perda e revolta. Para os receptores, ela desperta a expressão da solidariedade, da revolta e da dúvida.

Palavras – chave: Ícone, imagem, significante, significado, morte.

* Mestrando em Jornalismo e Estudos Editoriais e Licenciado em ensino de geografia pela Universidade Pedagógica. Jornalista e director de programas no Fórum Nacional de Rádios Comunitárias em Moçambique

Representations of death in Africa and in mozambique: Analysis of the images in Facebook

Ernesto Saúl Nhapanze*

Abstract:

The present work seeks to understand the representation of death in the social networks in Mozambique, with particular stress on Facebook. From an analysis of the content of the iconographic texts, the images and the categories of producers are related to the signification of the images. Likewise, the categories of the signs and their meanings are discussed, based on the responses of the receivers. Death, in the present study, is seen from the material and philosophical-religious perspectives, Hence, something abstract analysed from the point of the producer and receiver of the images. From the viewpoint of the producer, death is broached in a perspective of humour, memory, loss and revolt. For the receivers, it awakens the expression of solidarity, revolt and doubt.

Key words: Icon, image, significant, signified, death.

* Candidate for a Master's Degree in Journalism and Editorial Studies, and holder of a licentiate degree in geography from the Pedagogic University. Journalist and director of programmes in the National Forum of Community Radios in Mozambique.

Introdução

O estudo semiológico das imagens constitui um campo muito pouco explorado em Moçambique, independentemente do suporte através do qual os signos são produzidos e publicados. Este cenário é também verificado na abordagem da representação da morte nas redes sociais, como é o caso do Facebook.

A morte, como realidade abstracta e intangível, apresenta-se sob diversas imagens. Ela é representada sob a forma de um ícone, que pode significar sinal ou índice/índice da morte. Esta multiplicidade de significação justifica o estudo da Representação da Morte nas Redes Sociais em África no geral e em Moçambique em particular, com enfoque nas imagens publicadas pelos internautas no Facebook.

O trabalho visa, de forma geral, compreender as dinâmicas de produção e recepção das imagens associadas à morte no Facebook em África e em Moçambique. Especificamente, pretende-se identificar as formas de representação da morte no Facebook em África e em Moçambique, categorizar os produtores das imagens no Facebook e discutir o significado destas na óptica dos produtores e dos receptores dos signos.

O estudo parte da análise de conteúdo, tendo como base procedimentos estatísticos. A colecta de dados ocorreu com o recurso à grelhas de conteúdos, posteriormente processados através da ferramenta IBM SPSS. Esta metodologia permitiu o estabelecimento da relação entre os tipos de signos, as categorias dos produtores e/ou difusores das imagens e os respectivos significados.

Além dos elementos pré e pós – textuais, o trabalho comporta a introdução, o desenvolvimento, que inclui a análise dos dados e a discussão dos resultados, e a conclusão, que traduz as principais constatações e os posicionamentos do autor face às questões analisadas.

1. Imagens e estratégias discursivas no Facebook

À semelhança do que ocorre na construção discursiva verbalizada ou escrita, a imagem expressa sentidos e significados passíveis de várias significações e/ou interpretações. Em África e Moçambique, a par de outras áreas geográficas, os suportes através dos quais as imagens são expostas são diversificados.

As plataformas digitais assumem um papel de destaque nos fluxos comunicativos entre os cidadãos. Na lista destes suportes, está o Facebook, criado em 2004, por Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz e Chris Hughes. Em 2014, Moçambique contava com cerca de 500 mil usuários do Facebook (Fonseca, 2015:141).

No Facebook, os cidadãos partilham e difundem informações de carácter pessoal, familiar, propagandístico – comercial e até de cunho político – partidário. A combinação das linguagens verbais (ou escritas) e visuais é uma característica facilmente perceptível (Bernardo, 2014:4). As imagens publicadas pelos internautas, nesta plataforma referem-se, regra geral, à representação iconográfica de objectos, factos e fenómenos.

Sobre esta matéria, Barthes (1990:20) atribui ao texto o estatuto de elemento complementar na leitura da imagem, na medida em que este orienta o leitor no processo de significação. No entanto, o autor alerta para o risco de esta complementaridade representar certa redundância, porquanto a imagem em si já transmite uma intenção comunicativa. Outra observação prende-se com a chamada “ditadura” do texto perante o significante, se considerarmos que a expressão verbalizada pode “forçar” uma significação contrária àquela construída pelo receptor da imagem (Klinkenberg, 2006:40).

No que diz respeito à morte, importa, antes de mais, referir que este conceito possui uma multiplicidade de significados. Para o presente caso, a morte atrela-se às perspectivas biológica, filosófica e religiosa (Gonçalves, 2007:245). A primeira refere-se à morte material, portanto, um estado (do morrente). A segunda e terceira dizem respeito à atribuição de significados (significação) e aos efeitos (sensações, comportamentos e percepções) experimentados pelo observador (Nascimento e Roazzi, 2007:440). Destaca-se, também, o referente “morte” na perspectiva filosófico – religiosa. Ou seja, como um acontecimento cujo significado é exteriorizado pela sociedade e/ou por um ente querido através de imagens iconográficas. Estas imagens assumem o estatuto de ícones da morte (ao representarem fielmente esta realidade), símbolos da morte (por resultarem de acordos e convenções sociais) e de índice ou indício da morte (porque comunicam algo relacionado com a morte).

Greimas e Courtés (1979:223) referem-se ao ícone como “um signo definido pela sua relação de semelhança com a realidade do mundo exterior, por oposição, ao mesmo tempo, ao índice e ao símbolo.” Por outro lado, consideram o símbolo, no contexto da semiologia, como sendo “o referente susceptível de uma ou várias interpretações.” A diferença entre os dois conceitos reside, como ficou evidente, na objectividade e subjectividade no processo de significação.

2. A morte no Facebook em África e em Moçambique

“Em África e em Moçambique [grifo nosso], a morte é encarada como um renascimento e como um rito de passagem. Como um rito de passagem, ela necessita ser celebrada e o morto preparado (Secco, 2012:68-72).” Portanto, os ente-queridos celebram o estado de transição do morrente para um “novo mundo”. Seria, neste caso, a

separação do corpo (físico) da alma (metafísica).

A morte é, também, vista numa perspectiva negativa. Um fenómeno acompanhado de sentimentos de “desespero, dúvida, medo,” entre outros (Alencar, 2014:219-236). No entanto, estes comportamentos nem sempre são facilmente identificáveis nas imagens publicadas no Facebook pelos cidadãos expostos à morte. Se por um lado as imagens são complementadas pela linguagem verbalizada, por outro verifica-se a ausência de texto. As imagens abaixo demonstram esta tendência.



Fig. 1



Fig. 2

A primeira figura, dominada pelo fundo preto e uma frase com letras a branco, não demonstra claramente a que objecto se refere. No entanto, a mensagem representa a ideia de luto, associando-se à sensação de perda.

Bowlby (2004) apud Silveira (2011:17) descreve o luto como “uma resposta ao rompimento de um vínculo significativo que pode ser acompanhado de sintomas como tristeza, desânimo, desinteresse pelo mundo externo, entre outros”. A significação das imagens em torno do luto será, no entanto, subjectiva, por resultar de uma construção social ou convenção. A imagem em análise será, então, considerada símbolo da morte.

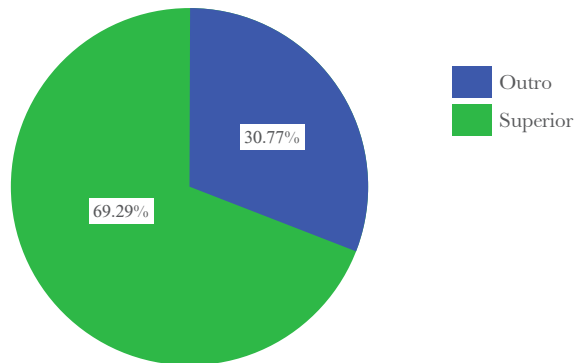
A segunda imagem, à direita ilustra, entre outros aspectos, um corpo coberto com um pano branco avermelhado, numa rodovia, e um grupo de pessoas, aparentemente admirado, próximo do corpo rodeado por ramos de árvores. O cenário remete-nos para um ser humano morto. O pano branco com manchas avermelhadas sugere o derramamento de sangue por conta da violência física que originou a sua morte. A morte é ilustrada, aqui, por elementos e objectos concretos, observáveis e que se assemelham à realidade, assumindo, assim, o estatuto de ícone. No entanto, se considerarmos a morte como consequência da disfunção total dos órgãos vitais, um fenómeno intangível, então os elementos físicos arrolados (corpo estatelado, sangue e o pano branco) representarão

o índice e/ou indício da morte. Assim, para a apreensão da significação da imagem em causa, receptor deverá socorrer-se de informação adicional, além da observação dos três elementos que caracterizam o cenário, para concluir se de morte se trata ou de mero acidente violento, que não tenha, efectivamente, resultado na morte da vítima.

3. Categorias e características dos produtores

A análise semiológica da imagem inclui, como vimos, o conhecimento dos produtores e dos receptores dos signos. Simon (2008:3) afirma que “o texto produzido também deverá ser compatível com a expectativa do receptor em colocar-se diante de um texto coerente, coeso, útil e relevante [...]”. Este princípio remete-nos à análise das características dos produtores dos signos que norteiam o presente estudo, no que diz respeito à sua idade, ao seu sexo, nível de escolaridade, entre outras.¹ Da análise quantitativa dos produtores dos signos, verifica-se que os maiores produtores foram do sexo masculino, com cerca de 69%, seguidos pelos produtores do sexo feminino, com perto de 15%, mesma cifra representada pelas empresas ou instituições de mídia. Estes dados sustentam a ideia de que nas sociedades africanas e moçambicanas, a responsabilidade de transmitir a “notícia” sobre a morte aos ente-queridos recai, regra-geral, no homem.² Relativamente ao nível de escolaridade, grande parte possui o nível Superior, tal como ilustra o gráfico abaixo.

Gráfico 1: Escolaridade dos produtores de signos associados à morte no Facebook em Moçambique



FONTE: Elaboração do autor

Conforme se pode notar, a maior parte dos produtores dos signos associados à morte, publicados no Facebook em Moçambique, possui o nível superior de escolaridade, atingindo os cerca de 69%. Perto de 31% não revela a sua formação, por tratar-se de produtores associados a empresas e/ou instituições. Por esta via, embora não aplique de forma linear, a capacidade de produzir de signos e de atribuição de significados será directamente proporcional à escolaridade do indivíduo, tal como atesta a teoria do capital

¹ Por exemplo, se se trata da imprensa ou de outras instituições.

² Os factos e a verdade: o povo macua. [online], disponível na internet via , 27.09.2016.

humano (Becker, 1993 apud Souza e Oliveira, 2016:214), ainda que no contexto económico o autor relacione a capacidade produtiva do indivíduo à acumulação de conhecimentos gerais e específicos.

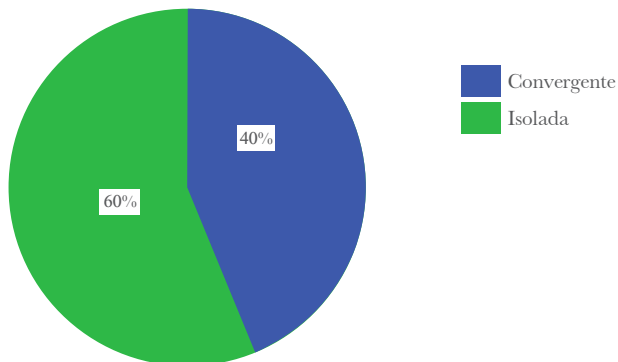
A idade dos produtores das imagens do corpus do presente trabalho nem sempre é publicada no Facebook em África e em Moçambique. Este cenário ocorre por duas razões: a primeira tem a ver com o facto de os produtores omitirem, de forma premeditada, esta informação para evitarem exposição individual no Facebook. A segunda prende-se com o facto de este dado só ser visível para quem pertence ao mesmo círculo de amizade (capital social). No entanto, tendo em conta as fotografias de perfil³ e a formação académica, deduz-se que os produtores possuem acima de 35 anos de idade. O nível de socialização é, por isso, considerado suficiente para a produção ou reprodução coerente de signos.

4. Tendências e práticas

Tal como já fizemos referência, nesta secção, abordaremos as práticas de produção e recepção dos signos associados à morte no Facebook em África e em Moçambique. Distribuiremos os signos em duas categorias: Imagens isoladas (sem texto) e imagens convergentes (acompanhadas por texto).

O levantamento realizado demonstra que grande parte dos produtores dos signos publicaram imagens isoladas, ou seja, não acompanhadas pela linguagem verbalizada e/ou texto (60%). Apenas 40% dos produtores optaram pela publicação de imagens acompanhadas de textos. Este cenário eleva, em certa medida, o nível de subjectividade no processo de significação (Barthes apud Ramos, 2008:160). As imagens abaixo são exemplos da representação iconográfica da morte, com e sem texto.

Gráfico 2: Distribuição dos signos por imagem isolada e acompanhada de texto



FONTE: Elaboração do autor

³ Refere-se às fotografias associadas ao perfil das contas Facebook dos usuários.



Fig. 3



Fig. 4

A imagem apresentada na figura três, conforme se pode notar, ilustra um rosto à preto e branco (com tendência acinzentada), com a boca cosida. Uma frase a vermelho acompanha o ícone, remetendo-nos para o carácter conotativo Barthesiano do texto em relação à imagem (*idem*). Isto é, a frase enfatiza a mensagem da morte não só pelo seu sentido, mas também pelas cores usadas pelo produtor. Já a figura número quatro, à direita, demonstra cinco viaturas numa curva de estrada asfaltada e um corpo humano estatelado. Igualmente, são visíveis duas pastas pretas. Sem legenda, dificilmente o receptor saberá interpretar o contexto do signo. Pode-se, apenas, inferir que o corpo estatelado representa um homem morto que se fazia transportar por uma das viaturas de segurança visíveis na imagem.⁴

Em termos de categorias de signos mais exploradas, os produtores privilegiaram a representação icónica da morte, com uma cifra de 80% das imagens. 20% representam um sinal da morte.

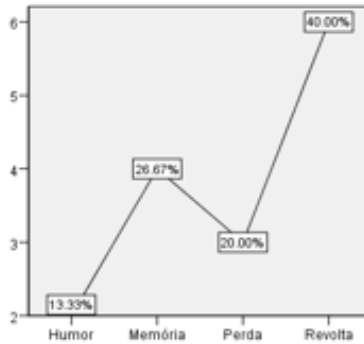
5. O significado das imagens na óptica dos produtores e receptores

O ícone, conforme vimos, é a categoria dos signos mais usados na representação da morte no Facebook em África e em Moçambique. Geralmente, este é apresentado por via de imagens de indivíduos com corpos estatelados, degradados e violentados, bem como por instrumentos e vestes ensanguentados. A compreensão do significado destes elementos exige a análise da intenção comunicativa dos produtores e receptores dos signos. O gráfico 3 demonstra as sensações experimentadas pelos produtores das imagens associadas à morte no Facebook em África e em Moçambique.

Do ponto de vista do produtor, quatro significados são atribuídos às imagens associadas à morte publicadas no Facebook: Humor, memória, perda e revolta. Desta análise, percebe-se que a maioria das imagens publicadas no Facebook transmite a mensagem de revolta. Entre outras definições, o dicionário online de Língua portuguesa,

⁴ Entretanto o comentário do produtor revela que as imagens resultam de confrontos armados entre as FDS e a Renamo.

Gráfico 3: Distribuição dos signos por imagem isolada e acompanhada de texto



FONTE: Elaboração do autor

infopedia, refere-se à revolta como sendo um “sentimento de indignação.” A imagem e o texto da figura 3, anteriormente exposta, demonstra este sentimento, tal como a imagem abaixo.



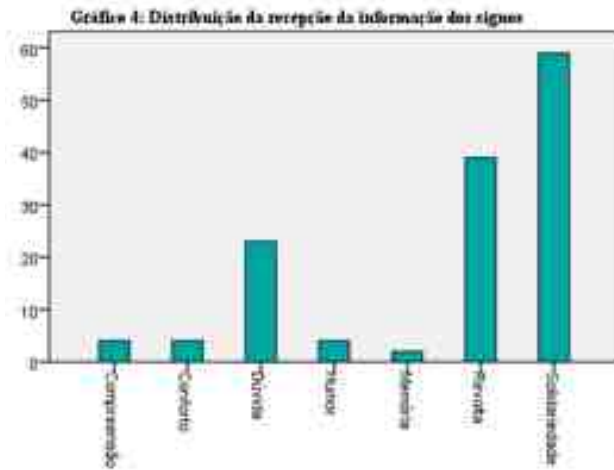
Fig. 5

A imagem ilustra um ser humano, aparentemente jovem, deitado defronte de um edifício gradeado e a contorcer-se de dores. Está vestido de calças jeans azuis manchadas, uma camisa de cor vermelha e um casaco preto. Ao seu lado esquerdo, está um idoso de pé, com veste formal, segurando um saco plástico branco com algumas escritas a vermelho. Nas grades do edifício, aparentemente comercial, estão afixados alguns “cartazes” com uma marca de uma bebida não alcoólica e um com uma frase em Inglês. O contacto com as imagens não permite a compreensão do contexto geográfico retratado na imagem. Porém, a escrita de um dos cartazes indica que o acto ocorreu num País de Língua oficial inglesa. No entanto, o produtor, no Facebook, partilha um link, por cima da fotografia, que orienta o receptor para um jornal online que reportou o assassinato do

jovem Taxista Emmanuel Sithole, na República Sul Africana (RAS), em 2015.

O artigo é intitulado “The brutal death of Emmanuel Sithole⁵ (TROMP & OATWAY, in Times Live, 2015).” O produtor denuncia, em princípio, a crueldade do assassinato e, posteriormente, expressa a sua indignação para com a forma como a vítima foi assassinada. Portanto, as manchas sobre as calças de jeans ilustram o derramamento de sangue.

Se, por um lado, os produtores das imagens demonstram a ideia de revolta, por outro, expressam o sentimento de perda Nascimento e Roazzi (2007:138). A perda resultante da morte, no Facebook em África e Moçambique, é representada pelas imagens de luto. Portanto, a morte no seu sentido abstracto. No contexto da recepção, a morte em África e em Moçambique desperta sentimentos de compreensão, conforto, dúvida, humor, memória, revolta e solidariedade, conforme o gráfico abaixo.



O gráfico demonstra que as sociedades africanas e moçambicanas são solidárias aos enlutados, revoltam-se perante o fenómeno e duvidam da autenticidade das “notícias” relacionadas com a morte. Ainda que em menor escala, os cidadãos confortam as partes afectadas, brincam com o fenómeno, recordam-se os falecidos e demonstram capacidade de compreensão de mensagens relacionadas com a morte. O conforto, a memória, a revolta e a solidariedade reflectem afecto para com a vítima e para com os ente-queridos. O humor representa advertência comportamental para evitar a morte e desafecto para com os actores políticos.⁶ Igualmente, os cidadãos revelam desapontamento para com os promotores da morte. A dúvida e a compreensão têm a ver com questões de clareza quanto ao significado das imagens, conforme se pode notar nas ilustrações abaixo.

⁵ Traduzido para o Português significa “a morte brutal de Emmanuel Sithole.

⁶ Apelo à prudência dos automobilistas na sexta-feira santa e confissão de homicídio sob forma de Banda Desenhada



LUTO

Fig. 7

Antes de avançarmos para a análise detalhada da imagem, torna-se pertinente lembrar que a intenção comunicativa do produtor do signo transmite a ideia de perda. Voltando à imagem, o signo é composto apenas por um fundo preto e pela palavra “luto”, a branco e em letras maiúsculas. O signo representa um ícone e, ao mesmo tempo, sinal da morte. Assume o estatuto de ícone se considerarmos o referente no sentido abstracto e de sinal por comunicar um estágio resultante da morte. A par da solidariedade e da revolta, que reflectem a compreensão do significado da imagem, verificam-se igualmente dúvidas relativamente ao conteúdo do signo.

As primeiras reacções à publicação foram expressas por perguntas dos interconectores, no Facebook. A questão mais colocada foi “Quem é que faleceu?” Esta questão transmite a ausência de clareza da imagem, ainda que estivesse acompanhada pela linguagem verbalizada (texto). A compreensão do significado da imagem só foi possível após uma resposta do produtor. Este comportamento sustenta a ideia defendida por Buysens (1967) apud Santaella (2004) ao referir-se à comunicação como sendo “a reconstituição de ideias e intenções de um comunicador e de um intérprete [grifo nosso].” Este cenário confirma a crítica em torno da “ditadura” do texto verbalizado perante a imagem, ao não permitir, neste caso, uma significação fiel referente ao indivíduo envolvido na morte.

Conclusões

Compreender a representação da morte em África e em Moçambique a partir do Facebook representa um desafio na medida em que escasseiam estudos semiológicos nesta área. Um outro desafio prende-se com o facto de o estudo centrar-se num significante abstracto e intangível. Este cenário eleva o grau de subjectividade das imagens, cuja significação depende, em certa medida, do contacto com o respectivo produtor.

Apesar desta limitação, grande parte das imagens, embora não se refram efectivamente

à morte como um elemento metafísico, são acompanhadas por objectos indissociáveis a este fenómeno. As imagens são, regra geral, acompanhadas pela linguagem verbalizada, que, de certa forma, permite a compreensão do significado da imagem.

As imagens do corpus do presente estudo revelaram comportamentos reactivos dos produtores e dos receptores dos signos. A revolta constituiu a mensagem predominante nas publicações dos produtores dos signos. A memória e a perda constituem, também, comportamentos das sociedades africanas e das moçambicanas, embora numa escala relativamente menor.

Na óptica da recepção, a solidariedade, a revolta e a dúvida constituem comportamentos despertados nos cidadãos como consequência da morte.

Se, por um lado, as imagens associadas à morte representam ícones no Facebook, por outro, estes ícones assumem o papel de sinal e símbolo da morte. Como sinal, as imagens comunicam um sentimento de perda e estado de infelicidade.

A visão simbólica dos ícones resulta de uma construção social ou convenção. Portanto, a imagem assume um sentido e significado por conta do “acordo” das sociedades. Embora não tenha sido suficientemente explorada, neste estudo, a questão dos ícones como índices e/ou indícios da morte não pode ser completamente descartada nas sociedades analisadas.

Referências bibliográficas

Amaral, Melanie. P. (2014). Produção discursiva em divulgação científica em jornais. *scripta*, V.18, n. 35, (25.05.2016), de http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem16/CO_LE_871.pdf.

Alencar, K. Queiróz (2014). Ventos do apocalipse, *scripta*, n. 35, V. 18, Pp. 219-236.

Bernardo, Luciana F. (2008). Imagens da Morte: um estudo do gênero policial-fantástico em Poe, Wilde e Christie (Dissertação de mestrado em Estudos da Linguagem da, Universidade Federal do Rio Grande do Norte) (23.05.2016), de <http://docplayer.com.br/12704345-Imagens-da-morte-um-estudo-do-genero-policial-fantas-tico-em-poe-wilde-e-christie.html>).

Bernardo, Júlio C. O. Hipertexto, diversidade e gênero textual no Facebook. Universidade, recuperado em Maio de 2016, de <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/11/99.pdf>.

Biblio: Secco. C. L. Tindó (2012). Travessias e margens da existência; Representações da morte em textos literários de Angola e Moçambique, *Navegações*, V. 5, Pp. 68-72.

Fonseca, Thiago (2015). *Think Local-novas ideias no Marketing e na Publicidade*. Chiado Editora.

Greimas, Algirdas. J. e Courtés, Joseph (1979). *Dicionário de semiótica*. Achette: Editora CULTRIX, Pp. 223-233.

Gonçalves, Ferraz (2007). Conceitos e Critérios de Morte. *Nascer e Crescer*, n. 4, V. 16, (25.05.2016), de .

Klinkenberg, Jean – Marie (1944). *Manual de semiótica general*. Bogotá: Fundacion Universidad de Bogota Jorge Iadeo Lozano.

Nascimento, Alessandro. M. e Roazzi, António (2007). A morte e suas imagens. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis: EDUFSC, Especial Temática, (24.05.2016), de .

Nascimento, Alessandro. M. (2001). Religião, morte e pós-modernidade: as relações entre os discursos religioso e científico na construção da representação da morte em profissionais de saúde, (24.05.2016), de https://www.google.co.mz/url?sa=t&ct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&ved=0ahUKEwj7_U5_LMAhWKF8AKHfh1BZEQFggvMAI&url=http%3A%2F%2Fwww.abhr.org.br%2Fwpcontent%2Fuploads%2F2013%2F11%2FAlexsandro-Medeiros-do-Nascimento.doc&usq=AFQjCNHhRZe2o068Z19TPmjqIVtKmqJ6rA.

Nascimento, Alessandro. M. e Roazzi, António (2007). A Estrutura da Representação Social da Morte na Interface com as Religiosidades em Equipes Multiprofissionais de Saúde. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, n. 20(3), (30.05.2016), de <http://www.scielo.br/pdf/prc/v20n3/a11v20n3.pdf>.

Portari, Rodrigo. D. L. e Putic, Mariana. O. (2014). A imagem da morte nas capas de jornais do interior de MG. Comunicação apresentada ao Encontro Nacional de Pesquisa em Comunicação e Imagem-ENCOI, Londrina, ECONI, 24-25 de Novembro, (21.05.2016), de <http://www.uel.br/eventos/encoi/anais/TRABALHOS/GT1/A%20IMAGEM%20DA%20MORTE.pdf>.

Os factos e a verdade (2015). O povo macua, recuperado em Setembro de 2016, de <http://d101589010207184652.typepad.com/blog/2015/01/o-povo-macua.html>.

Paskoali, Vanessa P. (2008). Imaginário da morte na barquinha: uma religião amazônica na óptica do envolvimento. Trabalho apresentado no XV Círculo de Estudos sobre o Imaginário. Imaginário do Envolvimento-Desenvolvimento, Fórum XVII – Religião, Imaginário e (Des) Envolvimento, São Paulo, Outubro de 2008. (23.05.2016), de <http://www.unioeste.br/travessias/CULTURA/IMAGINARIO%20DA%20MORTE.pdf>.

Pinto, Aline. M. (2013). *Escrever, morrer: Estudos sobre a imagem da morte nos ensaios de Maurice Blanchot*. Tese de Doutoramento em História Social da Cultura do Departamento de História-Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio, (23.05.2016), de http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0912289_2013_completo.pdf.

Ramos, Roberto José (2008). Roland Barthes: a semiologia da dialética. *Conexão-Comunicação e Cultura*. V. 7, Pp.159-160, (27.09.2016), de <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/158/149>.
Villasenor, Rafael. L. e Concione, Maria. H. V. B (2012). A celebração da morte no imaginário popular mexicano. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(4), (24.05.2016), de <https://www.google.co.mz/url?sa=t&ct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0ahUKEwizwLDd3LMAhVhD8AKHR29BG0QFggBMAA&url=http%3A%2F%2Frevistas.pucsp.br%2Findex.php%2Fkairos%2Farticle%2Fdownload%2F17036%2F12642&usq=AFQjCNG9rl0tEz7M3ekmy3EhTyh4K1Aziw>.

Santaella, Lúcia & Nöth, Winfried (2004). *Comunicação e semiótica*, São Paulo. Hacker editores, (03.06.2016), de <https://gpsc.wordpress.com/2012/05/31/ficha-de-leitura-comunicacao-e-semiotica-de-santaella-e-noth/>.

Simon, Maria. L. M. (2008). A construção do texto: coesão e coerência textuais - conceito de tópico. Texto resultante do trabalho apresentado no I Simpósio de Estudos Filológicos e Linguísticos – GIFEFiL, FFP(UERJ), 3 a 7 de Março, (30.05.2016), de https://www.google.co.mz/url?sa=t&ct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0ahUKEwizwLDd3LMAhVhD8AKHR29BG0QFggBMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.gifefil.org.br%2Fwp-content%2Fuploads%2F2008%2F03%2Fsimon_texto.pdf.

Silveira, Michelle. C. (2011) *Ela: esclerose lateral amiotrófica e o luto de si mesmo* (Monografia de Conclusão de Curso de Aprimoramento. 4 Estações, Instituto de Psicologia. São Paulo) (01.05.2016), de .

Souza, Nali. J. e Oliveira, Júlio. C. (2007). Relações entre geração de conhecimento e desenvolvimento econômico, recuperado em Junho de 2016, de .

Tromp Beauregard & Oatway James in Times Live (2015). The brutal death of Emmanuel Sithole (03.06.2016), de <http://www.timeslive.co.za /local/2015/04/19/ the-brutal-death-of-emmanuel-sithole1>.

<http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/revolta>.

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=788525261230211&set=a.101359519946792.2541.100002182326444&type=3&theater>

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=788630331219704&set=a.101359519946792.2541.100002182326444&type=3&theater>

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1126806754007947&set=a.434396399915656.98600.100000358989970&type=3&theater>

<https://www.facebook.com/voaportugues/photos/pcb.10153556978359000/10153556962889000/?type=3&theater>

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=470895289737893&set=a.202505099910248.1073741830.100004522776302&type=3&theater>

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=395627500598006&set=a.202505099910248.1073741830.100004522776302&type=3&theater>

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=395552027272220&set=a.202505099910248.1073741830.100004522776302&type=3&theater>

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1501133586803085&set=a.1378826242367154.1073741827.100007193736947&type=3&theater>

<http://www.timeslive.co.za/local/2015/04/19/the-brutal-death-of-emmanuel-sithole1>

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=536318236528931&set=a.202505099910248.1073741830.100004522776302&type=3&theater>

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1792106044350565&set=a.1400830150144825.1073741828.100006535605117&type=3&theater>

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1803192203241949&set=pcb.1803192783241891&type=3&theater>

A estratégia de combate ao VIH/SIDA nos *media*: O caso do “Diário de Moçambique” em 2005 e 2009

Crescêncio B.G. Pereira *

Resumo:

Neste texto são apresentados os resultados de uma análise de conteúdo temática realizada sobre o jornal “Diário de Moçambique” (DM) durante o período de implementação do segundo plano estratégico nacional de combate ao VIH/SIDA em Moçambique – PEN II. Tenta-se compreender como o DM faz a cobertura noticiosa do VIH/SIDA, bem como analisar os temas tratados pelo mesmo no quadro dos objectivos que orientam a resposta à epidemia em Moçambique. A análise temática relativa aos conteúdos das notícias de dois momentos específicos, nomeadamente Outubro, Novembro e Dezembro de 2005 e 2009, revela que o VIH/SIDA teve uma cobertura superficial, irregular, inconsistente, fraca e até certo ponto ineficaz por parte do DM. Ao todo, foram analisados 68 artigos, enquadrados em sete temáticas: “prevenção”, “advocacia”, “estigma e discriminação”, “tratamento”, “mitigação das consequências”, “investigação”, e “coordenação da resposta nacional”.

Palavras-chave: VIH/SIDA, cobertura noticiosa, análise de conteúdo temática, Diário de Moçambique.

*Doutorando em “Dinâmicas de Saúde e Protecção Social: Uma abordagem das ciências sociais” Phoenix EM, JDP Dynamics of Health and welfare, no Instituto de Investigação e Formação Avançada (IIFA), Universidade de Évora, Portugal)

The strategy of the fight against HIV/AIDS in the media: The case of “Diário de Moçambique” in 2005 and 2009

Crescêncio B.G. Pereira *

Abstract:

This text presents the results of a thematic content analysis of the topics treated in a Mozambican daily newspaper, “Diário de Moçambique” (DM), during the implementation of the second national strategic plan for the fight against HIV/AIDS in Mozambique – PEN II. It tries to understand how DM makes the news coverage of the HIV/AIDS, and to analyse the themes covered by the newspaper in the framework of the objectives which guide the response to the epidemic in Mozambique. The thematic analysis of the content of news from two specific moments, namely October, November and December 2005 and 2009, show that HIV/AIDS news coverage was superficial, irregular, inconsistent, weak and to some extent ineffective on the part of that media. In all, 68 articles were analysed, falling under seven themes: “prevention”, “advocacy”, “stigma and discrimination”, “treatment”, “mitigation of the consequences”, “research”, and “coordination of the national response”.

Key words: HIV/AIDS, news coverage, analysis of thematic content, Diário de Moçambique.

* Doctoral candidate in “Dynamics of Health and Social Protection: An approach from the Social Sciences”/Phoenix EM JDP Dynamics of Health and welfare, at the Institute of Research and Advanced Training (IIFA), University of Évora, Portugal.

Introdução

A cobertura noticiosa do VIH/SIDA (Vírus da Imunodeficiência Humana/Síndrome da Imunodeficiência Adquirida)¹ tem sido um dos temas que mais preocupa os investigadores desde o início dos anos 80, quando esta doença veio ao público (Fausto Neto, 1999; Lopes, 2006; Pereira, 2011, 2015; Traquina, Silva, & Calado, 2007). Em África, continente onde a situação da doença atingiu níveis dramáticos, os media têm manifestado, até certo ponto, o seu compromisso em produzir e difundir mensagens/informações acerca desta problemática que desafia os sistemas de saúde pública (Boafo & Arnaldo, 2000; Lopes, 2006). No caso específico de Moçambique, em que a taxa de prevalência ronda os 11,5%, segundo revela a estatística nacional sobre a população dos 15 aos 49 anos (INE & MISAU, 2010; 2007), a cobertura noticiosa da infecção passou a ser, desde 1986, quando foi reportado o primeiro caso clínico na província de Cabo Delgado (CNCS, 2004), uma preferência na agenda-setting dos media (Matsinhe, 2006; INE & MISAU, 2010; Pereira, 2011).

Embora o público possa receber informações sobre a epidemia do VIH/SIDA através dos media, é necessário considerar que estes tendem a tratar esta problemática da saúde pública de forma inadequada, inconsistente, irreal e ineficaz (Fausto Neto, 1999; Lopes, 2006; Swain, 2005; Boafo & Arnaldo, 2000), podendo até comprometer o alcance dos compromissos políticos do combate à epidemia em termos de informação, educação e comunicação.

Este texto pretende analisar a cobertura noticiosa do VIH/SIDA em Moçambique na perspectiva de um jornal diário nacional, o Diário de Moçambique (DM)², durante dois momentos distintos: Outubro, Novembro e Dezembro de 2005 e 2009. Estes dois períodos correspondem ao início e ao fim da implementação do segundo Plano Estratégico Nacional de Combate ao VIH/SIDA em Moçambique – PEN II. Tenta-se medir a performance daquele jornal na sua tarefa de informar e educar o público de forma adequada, realística e permanente relativamente aos objectivos do PEN II. O texto responde, basicamente, ao seguinte: que temáticas sobre o VIH/SIDA e com que frequência as mesmas são tratadas pelo DM? Como é que as temáticas variam nos dois momentos em análise no DM? Quais são os enfoques que o DM atribui às temáticas? Finalmente, em que medida a abordagem do DM responde aos interesses da política nacional de combate ao VIH/SIDA? À partida, considera-se que, apesar de se verificar um certo interesse em cobrir a epidemia, o DM nem sempre esteve envolvido de forma consistente e regular na transmissão de informações sobre a epidemia e os conteúdos tratados variam de acordo com as regras inerentes ao campo da produção das notícias bem como em função dos contextos da evolução da doença, e os mesmos nem sempre respondem às expectativas da informação, educação e comunicação adequadas ao PEN

1 O discurso oficial em Moçambique usa a designação inglesa do vírus causador da SIDA “HIV” ao invés da terminologia portuguesa “VIH”.

2 O presente texto resulta de uma dissertação de mestrado defendida pelo autor na Universidade de Évora em 2011 com o título “Media e VIH/SIDA em Moçambique: o papel do Diário de Moçambique na combate

à epidemia (2005 e 2009)”. Refere-se que a análise sobre o DM justifica-se por duas razões principais: (i) pelo facto de ser um jornal de referência no país, e ser o único jornal diário de grande circulação publicado no centro do país, no município da Beira, província de Sofala; (ii) porque, como qualquer outro media, tem a responsabilidade de informar e educar o público sobre assuntos de interesse geral: tal é o caso da epidemia do VIH/SIDA, que afecta cerca de 15,5% da população de Sofala.

II.

O texto obedece à seguinte estrutura: (i) começa com uma breve contextualização da resposta sobre o VIH/SIDA, do geral ao local; (ii) segue-se uma análise da problemática do VIH/SIDA como notícia em perspectiva; (iii) depois aborda o procedimento metodológico assente na técnica da análise de conteúdo para responder à análise do último ponto (iv), que apresenta, de forma sumariada, o caso da cobertura do DM à luz dos temas do PEN II..

1. Contexto do surgimento da resposta estratégica ao VIH/SIDA

Em termos históricos, a aceitação gradual do VIH/SIDA, cuja existência foi inicialmente negada pelos principais actores políticos e sociais, constitui o primeiro momento da SIDA no espaço público. Rosenberg (1989) chama esta fase de acto de Progressive Revelation, ou seja, “revelação progressiva”. Por sua vez, o segundo momento da aparição da doença, Managing Randomness (“gestão aleatória”), corresponde aos esforços incoerentes e desorganizados das autoridades para “conquistar” a doença. A terceira irrupção, Negotiating Public Response (“negociação da resposta pública”), é o momento em que se assiste a uma dinamização da acção colectiva e política, onde todos os actores detêm uma melhor informação acerca da doença e desenvolvem uma resposta mais eficaz ao nível nacional e internacional .

Na mesma linha de periodização da SIDA, Caraël (2006) define três períodos da resposta internacional e nacional. O primeiro é a “longa fase de negação ou recusa” (1984-1988), em que a reacção dos actores sociais, sobretudo em África, foi de um conformismo negativo, de recusa da existência da doença. O autor considera que a SIDA foi, primeiro, um assunto político e cultural antes de se tornar num problema de saúde pública e multisectorial. O segundo momento é caracterizado pela “resposta global tardia e vertical” (1989-1994). Destaca-se, neste momento, a criação, através da Organização Mundial da Saúde – OMS, do Programa Global da SIDA– PGS, em 1987, responsável pela criação da estrutura global do combate à doença. O mesmo autor cita, por exemplo, trechos do discurso mobilizador do primeiro director do PGS, Jonathan Mann, sustentando que a saúde pública e os direitos humanos deviam ser protegidos, e que a educação seria determinante para a prevenção da SIDA, e que a transmissão do VIH poderia ser prevenida através de uma informação e um comportamento individual responsável (Caraël, 2006: 32-33). A terceira etapa, para Caraël (2006), ainda em operação (1995 aos nossos dias), é marcada pela ampliação, em termos de reacção internacional, ou seja, “resposta global contra a SIDA”. Este último período é caracterizado pela disponibilidade de fundos globais de combate à epidemia (como por exemplo, o Fundo Comum, o Banco Mundial, e o Plano de Emergência do Presidente dos Estados Unidos

da América (EUA) para o Alívio da SIDA – PEPFAR, para além da medicalização dos pacientes (acesso e tratamento, ainda que insuficiente e mal administrado devido, principalmente, a constrangimentos de natureza económica).

Para Caraël (2006), as mudanças na forma de abordar a doença começaram em Dezembro de 1995, quando a OMS coordenou a estratégia de combate à SIDA e reforçou a criação de um secretariado comum, Organização das Nações Unidas de luta contra o VIH/SIDA– ONUSIDA, com, inicialmente, cinco agências da Organização das Nações Unidas – ONU e o Banco Mundial no seu combate ao nível nacional e internacional. Em 1996, a ONUSIDA inicia, formalmente, a sua actividade de coordenação de programas de prevenção, pesquisa e avaliação. O sucesso da sua coordenação facilitou a coordenação conjunta de planos de combate à SIDA ao nível nacional em muitos países do mundo. No início do ano de 2000, o esforço do combate internacional alcançou os planos nacionais e facilitou a criação do Conselho Nacional de Combate à SIDA – CNCS, autoridade soberana criada para coordenar as estratégias de combate à SIDA ao nível dos países envolvidos na luta contra a doença, contando, igualmente, com o apoio de outros organismos, tais como, os ministérios da saúde, agências da ONU, governos, sector privado e sociedade civil.

É neste quadro que se define a estratégia multisectorial moçambicana de resposta ao VIH/SIDA, que tem vindo a ser implementada e actualizada regularmente desde o início do milénio – mas de notar que uma primeira resposta foi definida já antes, em 1988, com o estabelecimento de um programa de prevenção e controlo no Ministério da Saúde (Matsinhe, 2006). Em 2000, é aprovado e implementado o primeiro plano regular: o PEN I (2000-2004), e é estabelecido o CNCS. Durante a fase de execução do PEN, foi, igualmente, desenhado um plano específico, em 2003 – o Plano Estratégico Nacional – Sector da Saúde – um documento focado na área do tratamento e cuidados domiciliários. Em seguida, em 2004, o PEN I é revisto e actualizado para o PEN II (2005-2009), marcando deste modo, ciclos de implementação de cinco anos, sendo que, neste momento, segue na quarta geração – PEN IV (2015-2019) – depois de ter sido concluída a implementação do PEN III (2010-2014). O nosso foco neste texto é, precisamente, o PEN II, cujas principais áreas de acção estão descritas no “Quadro 1”, mais adiante.

Assim, torna-se importante analisar a performance dos media para a ampliação dos objectivos indicados nos PENs, ou seja, assume-se que eles são um dos principais actores, munidos de ferramentas apropriadas, para difundir, no espaço público moçambicano, a resposta nacional contra o VIH/SIDA com vista a garantir que o público tenha informação e conhecimentos apropriados sobre esta epidemia.

2. A cobertura noticiosa do VIH/SIDA em perspectiva

Os estudos sobre a cobertura noticiosa do VIH/SIDA revelam o interesse dos media

em informar o público, mas muitas das informações foram revestidas de simbolismo, espetacularização, sensacionalismo, manifestando situações de pânico, medo, exagero e conformismo (Boafo & Arnaldo, 2000; Caraël, 2006; Fausto Neto, 1999; Lopes, 2006; Matsinhe, 2006; Pereira, 2015; Pereira, 2011; Ponte, 2004; Rosenberg, 1989; Traquina et al., 2007; Vigarello, 2001).

Vigarello (2001) descreve esta tendência nalguns jornais franceses. O título do *Libération*, de 13 de Novembro de 1981, lança “A peste nos EUA”; o do *Nouvel Observateur*, a 26 de Abril de 1985, diz “Sida, a nova peste”; os comentários do *Quotidien de Paris*, datados de 28 de Abril de 1983: “Face ao Flagelo, que seria o equivalente da peste e da lepra da Idade Média, as reacções tornaram-se irracionais e irreflectidas”; o *Express*, de 26 de Julho de 1985, questiona se “É preciso ter medo da Sida?”; o *Point*, a 16 de Setembro de 1985, refere “Psicose ou realidade, sida: é necessário ter medo do sexo?”; um subtítulo do *Monde*, datado de 20 de Junho de 1990, proclama “devemo-nos considerar em estado de guerra”; o *Parisien Libéré*, a 20 de Julho de 1992, aponta para “previsões catastróficas”.

No contexto brasileiro, por exemplo, Fausto Neto (1999) aponta igualmente alguns títulos e comentários feitos pela imprensa brasileira, tais como em “O Globo”, datado de 17 de Outubro de 1983, em que se denuncia o seguinte: “a chave da cura da AIDS ou ‘Câncer gay’, misteriosa doença mortal que desatou uma onda de pânico entre os homossexuais de todo o mundo, pode ser encontrada na África”; o mesmo jornal, no mês de Julho de 1993, revela que “A maioria das vítimas são homossexuais haitianos, hemofílicos, e viciados em injeções de drogas”; no “*Correio Braziliense*”, de 4 de Setembro de 1983, afirma-se que “É a vez agora da Europa – a AIDS (SIDA), ou seja, o vírus mortal que na América do Norte já se tornou em pesadelo, chegou também ao velho continente”; em “A tarde”, datado de 2 de Junho de 1984, escreve-se “Ninguém sabe dizer se estas mulheres contraíram a doença do intercurso sexual com um dos atingidos pela síndrome perigosíssima”.

Em Portugal, também se verificou esta disposição na imprensa. Traquina et al. (2007), por um lado e, Ponte (2004), por outro, referem alguns exemplos do cenário pavoroso retratado na imprensa portuguesa. O “*Diário de Notícias*” escreve, a 05 de Abril de 1982, “Cancro dos homossexuais”, “Doença misteriosa”, “Homossexuais, adeptos de drogas duras, hemofílicos e refugiados do Haiti”; a 17 de Outubro de 1985, no mesmo jornal, “Um fantasma corre o mundo”; a 19 de Junho de 1986, “Vacinas contra a Sida só daqui a cinco anos”; o “*Correio da Manhã*” publica, no dia 21 de Agosto de 1985, “Doença tão temida como foi a peste na Idade Média”, em Janeiro de 1987, o jornal lança “SIDA – A lepra do século XX”.

Ainda Ponte (2004), num projecto denominado “20 anos de tratamento jornalístico da Sida”, realizado em Portugal, revela que a epidemia referida no “Diário de Notícias” e no “Correio da Manhã”, entre 1 de Julho de 1981 e 31 de Dezembro de 2000, discriminou, inicialmente, com textos leves e humorísticos, as pessoas infectadas e concentrou-se em matérias factuais, especulações, falsidades, repetição de histórias de figuras públicas (como Rock Hudson e Magic Johnson), crianças e pessoas anónimas atingidas pela SIDA, associação da doença ao insólito e ao mundo dos “outros” e “batalhas morais” em relação aos culpados, uso do preservativo, fidelidade e abstinência. Apenas nos anos 90, segundo a mesma autora, é que se deu uma viragem no tipo de cobertura sobre o VIH/SIDA, pelo facto de a produção noticiosa ter sido pensada de forma estratégica na própria organização dos media. Como consequência, houve um acompanhamento regular da doença por parte dos jornalísticas, que passaram a produzir peças, mais do que os simples faits divers, resultantes de trabalhos de investigação, tais como as reportagens, que possibilitaram a denúncia de escândalos (como por exemplo, a fraude do medicamento Virodene, em 1998).

Dentro do mesmo projecto de investigação, Traquina et al. (2007), analisam um jornal angolano, “Jornal de Angola”, em seis anos específicos (1985, 1988, 1993, 1995, 1998 e 2000), comparam a cobertura da SIDA de quatro jornais de quatro países diferentes (New York Times, nos EUA; “Folha de São Paulo”, no Brasil; “El País”, em Espanha e “Diário de Notícias”, em Portugal) durante o mesmo período, bem como de dois jornais portugueses, “Diário de Notícias” e “Correio da Manhã”, entre 1981 e 2000 (incluindo a cobertura feita ao Dia Mundial da SIDA nos anos de 1988 e 2000). Os autores concluem que o jornalismo praticado é orientado para o acontecimento, que a proximidade geográfica é um factor essencial na definição das notícias e que as fontes oficiais dominam o processo de produção das notícias (porém, figuras públicas como o Presidente da República estão ausentes das notícias). Os autores referem igualmente que o caso da estrela de Hollywood “Rock Hudson” e da estrela de basquetebol Magic Johnson ajudou a projectar a problemática no espaço público português (e norte-americano).

Esta tendência é demonstrada num longo estudo intitulado AIDS at 21: Media Coverage of the HIV Epidemic 1981-2002, realizado no âmbito do Inquérito Nacional sobre a relação entre os americanos e o VIH/SIDA (Brodie, Hamel, Brady, Jennifer, & Altman, 2004). Os autores recolheram cerca de 8173 “estórias” de jornais americanos (The New York Times, The Wall Street Journal, The Washington Post, USA Today, The Los Angeles Times, The Miami Herald, ethe San Francisco Chronicle), bem como 610 de um jornal britânico (The London Times). Brodie e seus colaboradores mostram que, à medida que o número de casos relacionados com o VIH/SIDA aumenta nos EUA, a quantidade de notícias acerca da epidemia diminuía nos media norte americanos e

britânicos. Os autores concluem, então, que as informações sobre o VIH/SIDA deixam de figurar na agenda noticiosa dos media devido ao cansaço por parte dos jornalistas para relatarem com interesse, consistência e regularidade a epidemia. Com base no estudo divulgado, os autores admitem que alguns poderiam, por um lado, argumentar que a fadiga pode ser confundida apenas com o declínio no número total de histórias sobre a epidemia ao longo do tempo, assim como pela diminuição de casos reportados ao nível nacional, que provavelmente está relacionado com a mudança na natureza do VIH/SIDA nos EUA (de uma sentença de morte certa para uma doença crónica com que as pessoas têm de lidar no dia-a-dia). Por outro lado, outros poderão argumentar que a redução das notícias não equivale a uma simples fadiga dos jornalistas, mas sim à própria prática de produção das notícias, onde se considera que quando uma epidemia muda para um enfoque global e quando não há factos novos e importantes em termos de vacinas e tratamento, assim como quando a epidemia afecta uma população pequena e cada vez mais marginalizada, os media deverão estar concentrados em outras problemáticas de maior interesse nacional.

Em África, foi marcante o papel desempenhado pela comunicação no sentido de desmascarar as mistificações criadas à volta da doença. A literatura sobre a cobertura da SIDA nesta região aponta para muitos entraves relativamente à aceitação da existência da doença: tanto o poder político e as elites médicas como a sociedade civil mostraram ignorância e resistência (Boafo & Arnaldo, 2000; Mchombu, 2000). Os mesmos obstáculos foram visíveis em todos os contextos, sobretudo na fase inicial da doença, sendo que, em poucos, anos a doença entrou na esfera do consenso público. Autores como Lopes (2006), por exemplo, consideram que os media ajudaram a construir a mensagem da SIDA como tendo origem em África. Durante a década de 80 e início da de 90, os media falavam da epidemia como uma ameaça devastadora para o continente africano. Relatavam que o vírus tinha origem nesse continente. Esta autora defende também que, mesmo na época contemporânea, as imagens, figuras, estatísticas apocalípticas e devastadoras que os media usam para ilustrar os perigos e consequências da doença, tanto no campo sanitário, como no campo económico, social, cultural e político têm como referência o continente africano. A mesma considera também que esse tipo de representação, até certo ponto, racista e xenófobo sobre a origem da SIDA nos media teve um impacto negativo reforçando o estigma “sobre e entre” a população africana. Por outro lado, a autora considera que as representações sociais da doença nos media foram imprudentes, uma vez que as mensagens sobre o processo de infecção e prevenção apropriadas e sustentadas pela ciência médica tinham sido, até certo ponto, ocultadas pelos jornalistas, perpetuando “o silêncio dos infectados e dos doentes da SIDA” e, conseqüentemente, uma rápida propagação da epidemia no espaço público.

No caso de Moçambique, há poucos estudos relativos à forma como os media foram ao

longo do tempo construindo, nas suas agendas noticiosas, a infecção pelo VIH/SIDA. Relatos iniciais sobre o papel dos media no combate ao VIH/SIDA foram descritos por Matsinhe (2006), envolvendo, por um lado, formas de comunicação como a publicidade nos jornais, nas rádios, televisão e outdoors e, por outro lado, usando meios como o teatro, canto e a dança. Além disso, no PEN III (CNCS, 2010), por exemplo, assume-se que, durante a implementação dos PEN I e II, entre 2000 e 2009, os media foram ineficazes na mobilização, sensibilização e prevenção das populações sobre esta epidemia. Já o PEN II reconhecia que as mensagens sobre a epidemia, que circulavam nos media logo depois do fim da guerra civil, mostravam um cenário degradante do país, afectado pela crise da guerra e pelo VIH/SIDA. Os media diziam que a situação da doença no país era devida ao regresso maciço de populações que, em resultado do conflito armado, se tinham refugiado nos países vizinhos, onde as taxas de seroprevalência eram altas. No entanto, a forma como a informação foi apresentada pelos media criou um certo espírito de tranquilidade, pois, acreditava-se que, com o reassentamento dos regressados, a doença iria regredir. Por conseguinte, os media não insistiram suficientemente no facto de que a infecção estava já bem instalada no país e com todas as condições para se desenvolver endogenamente (CNCS, 2010; Matsinhe, 2006).

Existem também estudos de base, como o realizado por Nobre (2010), acerca das notícias sobre o VIH/SIDA na imprensa moçambicana (com foco na criança). Este autor demonstrou que existem, nos media moçambicanos, estereótipos, metáforas e julgamentos morais, uma limitada cobertura de factos e eventos relacionados com o VIH, os assuntos são tratados de forma superficial e os artigos focalizam dados epidemiológicos, fontes institucionais (discurso de autoridade) e oficiais (sobretudo especialistas) são as mais citadas, um silêncio no discurso em relação aos grupos vulneráveis, como pessoas que vivem com VIH/SIDA, adolescentes, jovens, crianças e trabalhadoras do sexo.

O Instituto para a Comunicação Social da África Austral – MISA e o Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF, sedeados em Moçambique, realizaram um outro estudo sobre a cobertura jornalística da SIDA (também com foco na criança), onde se denuncia que os media dão pouca atenção ao grupo infantil (MISA-Moçambique & UNICEF, 2008). O estudo reconhece que, embora o VIH/SIDA seja responsável pela morte de crianças e pelo facto de existir cada vez maior número de crianças órfãs e vulneráveis, apenas 15% dos artigos publicados reportaram questões sobre esta doença. Tais artigos debruçaram-se, principalmente, sobre a transmissão vertical, os cuidados para as crianças órfãs e vulneráveis, a discussão em torno do encerramento dos “Hospitais Dia” e o lançamento de um inquérito com o intuito de perceber o comportamento de risco em torno do VIH/SIDA no país. Nesse estudo, o jornal DM

destacou-se, entre outros aspectos, por trazer 37,5% dos artigos relacionados com o VIH/SIDA.

Nota-se da cobertura noticiosa sobre o VIH/SIDA que a produção de notícias obedece a certas lógicas do campo dos média. De acordo com Correia (1997), existem critérios considerados pelos jornalistas no processo de definição das notícias; por exemplo, os aspectos técnicos e os conteúdos informativos, onde se privilegiam (i) a disponibilidade dos materiais e as características específicas do produto informativo, como documentos oficiais, informação-espectáculo, brevidade, actualidade, novidade, entre outros; (ii) o equilíbrio e o formato do noticiário em relação às temáticas abordadas; (iii) a questão da objectividade, que se interpreta com base no tratamento dos factos com rigor, exactidão e honestidade. Além disso, existem outros valores-notícias a considerar, nomeadamente a lei da proximidade, a qual valoriza que as notícias são publicadas com base na: (i) proximidade geográfica, privilegiando-se os assuntos mais próximos (a cidade, o país, o continente); (ii) proximidade psicológica, em que se respeitam os temas ou regiões que estão mais perto do interesse do público em termos históricos, políticos, económicos, culturais e outros; (iii) proximidade temporal, onde há maior interesse em difundir os acontecimentos da actualidade, a agenda, os aspectos socioprofissionais, socioculturais e político-ideológicos; (iv) quantidade de indivíduos envolvidos num dado acontecimento, dando-se primazia aos acontecimentos envolvendo números maiores, e a posição hierárquica dos mesmos dentro do sistema social, privilegiando-se aqueles que dispõem de uma maior visibilidade, ou seja, o que é conhecido em detrimento do que é desconhecido; e (v) relevância e no significado do acontecimento quanto à evolução futura de uma determinada situação, bem como notícias negativas, como desastres, crimes, catástrofes, atentados e epidemias, pois, acredita-se que as notícias positivas são mais difíceis de mostrar e envolvem um processo de produção mais moroso quando comparadas com os acontecimentos negativos. Deste modo, as notícias, do ponto de vista do interesse público e das regras próprias do campo da produção das notícias, são consideradas uma construção complexa (Correia, 1997; Traquina, 2002).

3. Procedimento metodológico: a técnica de análise de conteúdo

O ponto que se segue apresenta o caso do DM na cobertura do VIH/SIDA vis-à-vis os objectivos do PEN II. O procedimento metodológico para a análise da performance daquele média assenta na análise de conteúdo temática (Bardin, 1977; Esteves, 2006; Mucchielli, 2006). Tal análise de conteúdo temática consistiu na selecção, codificação, categorização e inferência de artigos sobre o VIH/SIDA divulgados pelo DM nos meses de Outubro, Novembro e Dezembro de 2005 e 2009, respectivamente. O corpus de análise é constituído por 68 artigos, dos quais 44 são de 2005 (31 da secção do jornal designada “Sociedade e Política” – “SP”, e 13 da secção “Saúde e Vida” – “SV”) e 24 são

Quadro 1.
Definição das unidades temáticas relativas aos objectivos do PEN II

Temáticas	Definição das unidades temáticas
Prevenção	Contempla as informações sobre o nível de conhecimento da população em relação ao VIH/SIDA em si (origem, causas, efeitos, formas de contaminação, de prevenção e de tratamento, estatísticas sobre infecções na população, indicação de centros de aconselhamento e testagem voluntária, uso do preservativo, vulnerabilidade das mulheres, transmissão vertical e transmissão não sexual do VIH).
Advocacia	Agrupa os conteúdos sobre a participação de lideranças, grupos e indivíduos, financiamento para actividades de combate à epidemia, consciencialização nacional vis-à-vis do combate ao VIH/SIDA.
Estigma e discriminação	Incorpora elementos como a visibilidade das PVHS, defesa dos direitos humanos das pessoas que vivem com o VIH/SIDA e seus dependentes, o acesso a cuidados de saúde e tratamento, a luta contra o estigma e a discriminação, e a dinamização dos agentes mobilizadores no combate ao VIH/SIDA.
Tratamento	Apresenta os seguintes conteúdos temáticos: profilaxia e tratamento das infecções, acesso ao tratamento antiretroviral, o papel do Ministério da Saúde no combate ao VIH/SIDA, os programas de tratamento em vigência, e as redes de prestação de cuidados domiciliários.
Mitigação das consequências	Enquadra as informações sobre a capacidade de geração de rendimentos dos indivíduos, das crianças, das famílias e das comunidades afectadas, a segurança alimentar, o apoio médico e medicamentoso, psicológico, social e educacional dos mesmos, sobretudo, de crianças órfãs e vulneráveis.
Investigação	Divulga os programas de investigação nas áreas biomédica, epidemiológica, comportamental, socioeconómica e sociocultural, bem como difunde informações sobre a recolha, sistematização, disseminação e utilização dos resultados das investigações, para além de apresentar a qualidade dos projectos de investigação.
Coordenação da resposta nacional	Inclui as informações sobre o papel CNCS na coordenação da resposta nacional, a descentralização da coordenação para o nível provincial, o envolvimento das comunidades locais e das suas lideranças e o apoio às instituições envolvidas na implementação da estratégia de combate à epidemia.

de 2009 (ambas as secções da recolha dos artigos tiveram 12 notícias cada).

A análise de conteúdo obedeceu às regras que se seguem, que são propostas pelos autores acima referenciados, com vista a produzir inferências sobre o significado das informações: i) “unidades de registo”, para definir o que se conta, neste caso optou-se pelos temas; ii) “unidades de contexto”, para considerar onde se conta, neste caso optou-se pelos artigos como um todo; e iii) “regras de contagem”, para determinar como se conta, neste caso a presença ou ausência dos temas e as suas frequências no artigo. Refira-se as unidades registo obedecem a lógica dos procedimentos fechados, que é definida

como sendo o conjunto dos casos em que o analista possui uma lista prévia de categorias apropriada ao objecto em estudo e a usa para classificar os dados (Esteves, 2009). Deste modo, foram definidas à priori sete unidades temáticas, designadamente: “prevenção”; “advocacia”; “estigma e discriminação”; “tratamento”; “mitigação das consequências”; “investigação” e “coordenação da resposta nacional” (ver “Quadro 1” acima) em função das principais áreas de acção do PEN II.

5. Análise e discussão dos resultados: frequências, variação dos temas e enfoques

Do total das 68 notícias publicadas nos meses de Outubro, Novembro e Dezembro de 2005 e 2009, respectivamente, nas secções “Sociedade e Política” (“SP”) e 13 da secção “Saúde e Vida” (“SV”) do DM, 18 correspondem à temática “advocacia” (cerca de 26,4% do total), 17 dizem respeito ao tema “prevenção” (25% do total) e 16 referem-se à unidade temática “estigma e discriminação” (aproximadamente 23,5%). As unidades temáticas “coordenação da resposta nacional”, “investigação” e “tratamento” constituem as unidades menos frequentes. A primeira conta com duas notícias (cerca de 2,9% do total). A segunda apresenta três notícias (aproximadamente 4,4% do total). A última conta com quatro notícias (cerca de 5,8% do total). Finalmente, “mitigação das consequências” é um tema mediano entre as unidades temáticas, por aparecer em oito ocasiões (cerca de 11,7% do total) (ver “Quadro 2” abaixo). Note-se que, a identificação dos temas, as suas ocorrências e alguns exemplos podem ser visualizados no “Quadro 3”, no anexo.

Quadro 2

Unidades temáticas	Ano 2005		Ano 2009		Total
	SP	SV	SP	SV	
Advocacia	7	5	6	0	18
Prevenção	2	9	2	4	17
Estigma e discriminação	0	8	4	4	16
Tratamento	0	3	0	1	4
Mitigação das consequências	3	4	0	1	8
Investigação	0	1	0	2	3
Coordenação da resposta	1	1	0	0	2
SubTotal	13	31	12	12	68

O “Quadro 2” mostra, por exemplo, que ao comparar-se o volume das notícias difundidas em 2005 com o de 2009 constata-se que a cobertura noticiosa baixou visivelmente no jornal. Em 2005, encontram-se 44 notícias, enquanto em 2009 este número diminuiu para apenas 24. As temáticas aparecem, em 2005, na maioria dos casos, com maior frequência quando comparadas com as do ano 2009. Dos 18 conteúdos

temáticos sobre “advocacia”, 12 correspondem aos meses de Outubro, Novembro e Dezembro de 2005, enquanto em 2009, o número de vezes em que estes conteúdos aparecem reduz para metade (seis). Quanto à temática “prevenção”, que ocorre em 17 ocasiões, nos meses estudados em 2005, ela conta com 11 aparições, enquanto em 2009, a ocorrência reduz para quase metade (seis). Por sua vez, o tema “mitigação das consequências” (com um total de 8 aparições) teve uma redução de sete para apenas uma ocorrência, quando se compara os dois períodos estudados. Os dados indicam também uma redução nas temáticas de menor frequência, nomeadamente “tratamento” e “coordenação da resposta”. No primeiro tema, do total de quatro ocorrências, três foram em 2005 e apenas uma 2009. O segundo é um tema isolado porque aparece num único período, 2005, em duas ocasiões. Um tema que se manteve equilibrado é “estigma e discriminação”, por ocorrer oito vezes em 2005 e igual número em 2009. A única temática que teve um aumento ligeiro é “investigação”, por aparecer uma única vez em 2005 e duas vezes em 2009.

Em termos gerais, esta disposição para a redução das notícias sobre o VIH/SIDA é idêntica quando se analisa a sua variação nos dois períodos em análise. Conforme mostra o “Quadro 4”, no anexo, em 2005, o mês de Novembro foi aquele em que houve mais notícias sobre o VIH/SIDA, com um total de 27 (61,3% do total das 44 notícias deste ano). Neste mês, verifica-se no DM pelo menos uma “estória” sobre a epidemia durante a semana, sendo que 12 delas aparecem na primeira semana do mês. O mês de Dezembro aparece a seguir, com 12 notícias (27,2% do total). Neste mês, há uma ausência de informações sobre a epidemia entre os dias 17 e 23 de Dezembro, bem como entre 25 e 31 do referido mês. O mês de Outubro é o mês em que houve visivelmente uma ausência de informações sobre a epidemia. Foram publicadas apenas 5 notícias (11,3% do total) em todo o mês. Nota-se também que a edição do dia 04.11.2005 apresenta o maior número de notícias publicadas, correspondendo ao total de cinco. Neste caso concreto tratou-se de revelar o estado da epidemia na província de Tete, onde o jornalista do DM apresenta notícias com os seguintes conteúdos informativos: taxas de seroprevalência, casos de morte devido à SIDA, grupos de risco (trabalhadoras de sexo), práticas culturais e tabus em relação ao VIH/SIDA. Além disso, observa-se que, na semana da comemoração do dia Mundial de luta contra SIDA, encontram-se publicadas apenas três notícias, das quais uma no dia em que se comemora a efeméride (01 de Dezembro) e duas no dia seguinte à comemoração.

Ainda o “Quadro 4”, no anexo, indica que, em 2009, o mês de Outubro é aquele que apresenta, em apenas uma única edição, a de 16.10.2009, um número considerável de notícias sobre o VIH/SIDA: um total de sete notícias. Do total, cinco notícias revelam um facto parecido ao constatado em 2005, pois, cinco notícias dizem respeito à situação da doença na província de Tete mas, desta vez, o jornal fala de pessoas vulneráveis,

crianças órfãs, estigma e discriminação. De resto, o mês de Outubro não apresenta nenhuma outra notícia sobre o VIH/SIDA. Do total das 24 notícias produzidas neste ano de 2009, o mês de Dezembro é o que oferece um número mais frequente de “estórias” sobre a epidemia, com 13 notícias em seis edições (54,1%), com maior destaque nas primeiras duas semanas do mês; seguido do mês de Outubro, como já se referiu, com sete notícias (29,1%), finalmente o mês de Novembro, com apenas quatro notícias (16,6%) publicadas em duas edições, a partir da segunda metade do mês. Os dados analisados revelam, no entanto, que a primeira semana de Dezembro de 2009, quando comparada com o mesmo período de 2005, apresenta o maior número de notícias publicadas, num total de sete. Sublinhe-se que a sequência mensal dos artigos naquelas duas secções não foi sistemática. Para além de existir um número reduzido de notícias sobre a epidemia, as informações sobre a infecção foram tratadas com grandes intervalos neste mês de Dezembro, com destaque entre os dias 09 e 14, 16 e 22, e 24 e 31, onde não se verifica nenhuma notícia sobre o VIH/SIDA no jornal.

Com estes dados, é possível inferir que a análise de conteúdo que se faz aos temas nas duas secções do jornal revela uma predisposição do DM para uma cobertura noticiosa do VIH/SIDA fraca, inconsistente e até certo ponto ineficaz. Algumas pesquisas, conforme foi discutido mais acima, demonstram esta disposição negativa no que diz respeito à redução das notícias sobre a infecção ao longo dos tempos nos media. Esses estudos consideram haver uma fadiga por parte dos media quando se trata de cobrir assuntos sobre o VIH/SIDA (Brodie et al., 2004). Para Mchombu (2000), esta cobertura noticiosa baixa, superficial e não sustentada por um tempo suficiente dificilmente pode criar o impacto necessário em termos de consciencialização e mudança de comportamento. Os dados das secções “SP” e “SV”, de um ano para outro, denunciam esta predisposição.

Numa outra dimensão de análise, nota-se que, em termos de conteúdos presentes nos temas (ver “Quadro 3”, no anexo), há um enfoque maior para o facto de o VIH/SIDA se ter transformado numa urgência nacional, o que implicava a participação de todos os actores da sociedade moçambicana no combate à epidemia. Exemplo disso é visível nos quatro principais temas abordados pelo DM. O tema “advocacia” reflecte o trabalho de consciencialização e sensibilização realizado pelos líderes políticos e religiosos e pelas figuras de destaque no aparelho do Estado e no sector privado em Moçambique. A temática “prevenção” aparece frequentemente marcada por um discurso de alerta às populações pelo facto de existirem muitos óbitos e crianças órfãs devido ao VIH/SIDA no país, para além de haver um aumento do número de infecções. O jornal divulga informações sobre o comportamento sexual das trabalhadoras do sexo, que tendem a aumentar o risco de infecção pelo VIH em Moçambique, sobretudo na região centro do país, e a cobertura de eventos específicos. Na temática “mitigação das consequências”, são expostas as acções de diversos grupos vocacionados no apoio às pessoas infectadas e

afectadas pelo VIH/SIDA e o esforço desenvolvido pelas pessoas seropositivas e crianças órfãs no desafio à doença. A temática “Estigma e discriminação” apresenta uma informação que demonstra situações de desconforto social por parte dos seropositivos, que se sentem estigmatizados e discriminados no espaço social. Desta feita, a frequência e o conteúdo das unidades temáticas nas duas secções do DM podem indicar que o maior desafio na resposta ao VIH/SIDA em Moçambique durante a fase de implementação do PEN II concentra-se na estratégia de advocacia, redução dos riscos de infecção e desafio às situações de estigma e discriminação das pessoas infectadas e afectadas pela epidemia, bem como no apoio psicossocial dessas pessoas, principalmente grupos vulneráveis (crianças órfãs, trabalhadoras do sexo e mulheres no geral) (ver também Nobre, 2010). Além disso, o conteúdo informativo demonstra que as temáticas que geralmente ocorrem reflectem a cobertura de eventos realizados em prol da prevenção e do combate ao VIH/SIDA (sobretudo, seminários de sensibilização e de capacitação, reuniões, conferências de imprensa e campanhas de sensibilização). Esta orientação pode ser igualmente dada como prova do comprometimento do DM no que se refere às expectativas do governo quanto à sensibilização e combate ao VIH/SIDA em Moçambique.

Note-se, também, da análise feita, que o jornal, ao divulgar as notícias sobre o VIH/SIDA, recorre aos discursos vindos do campo da medicina, como de médicos; da administração pública, como do Presidente da República, Ministros, Governadores, responsáveis de instituições públicas, de “confessionalidades”, ou seja, grupos e associações de pessoas que vivem com a doença, líderes religiosos, entre outros. Desta feita, o jornal manifesta um tipo de informação voltado para as “fontes oficiais”. A presença do discurso oficial no jornal é visível em quase todas as temáticas analisadas, o que mostra, por um lado, o comprometimento do governo de Moçambique no combate ao VIH/SIDA e, por outro, a notável ligação do jornal com as fontes do poder político. Refira-se que a análise de conteúdo não revela a existência de notícias que manifestem críticas e que aprofundem questões como o sistema de atendimento aos doentes da SIDA nos hospitais, o custo do tratamento antirretroviral para os doentes, a exposição de figuras públicas seropositivas, sobretudo mulheres, pese embora algumas pessoas que vivem com o VIH/SIDA – crianças órfãs e os grupos de risco tais como trabalhadoras do sexo – tenham espaço no jornal. Estes dados encontrados no DM estão de acordo com uma estratégia revelada pela literatura, que consiste em trazer ao público a confluência dos discursos provenientes de diferentes grupos envolvidos no combate ao VIH/SIDA (Fausto Neto, 1999).

Um outro dado importante a relatar relativamente aos efeitos desejados pela política nacional de combate ao VIH/SIDA por via dos media é que a maior parte das temáticas reportadas focaliza o contexto moçambicano. Das 68 notícias produzidas, apenas duas

dizem respeito ao mundo (cerca de 2,9%), cujos títulos são “Acesso a tratamentos contra HIV aumentou nos países mais pobres. Diz OMS”, datado de 16.10.09, correspondendo ao tema “tratamento”, e “Resultados sobre seropositivos reacendem esperanças de vacina contra Sida”, de 15.12.09, do tema “investigação”. Relativamente aos países vizinhos de Moçambique, também há duas notícias (2,9%), com os títulos “Em relação ao HIV. O pior estigma que tive de ultrapassar fui eu. Revela a Zambiana (Zâmbia) Ophelia Haanyama Orum”, datado de 23.12.09, referente ao tema “estigma e discriminação” e, na mesma edição, “Estudo sobre parceiros múltiplos traz várias surpresas” (África do Sul), da temática “investigação”. As restantes 64 notícias são sobre a situação da doença no país, correspondendo a aproximadamente 94,1%. Esta orientação é evidenciada pela literatura sobre a “lei da proximidade”, ou seja, o jornal DM deu maior visibilidade aos assuntos que são mais próximos do público em termos de proximidade geográfica, psicológica e temporal (Correia, 1997).

A análise de conteúdo manifesta também uma tendência verificada pela literatura no que concerne a uma cobertura revestida de um simbolismo negativo (Boafo & Arnaldo, 2000; Caraël, 2006; Fausto Neto, 1999; Lopes, 2006; Matsinhe, 2006; Pereira, 2011; Ponte, 2004; Traquina et al., 2007; Vigarello, 2001). No DM, é possível observar um discurso de culpa, medo e até certo ponto sensacionalista, não só pelo facto de existirem dúvidas em relação às incertezas sobre o conhecimento da doença, mas pelo facto de a medicina permanecer impotente no que toca à doença. Na edição de 02.11.05, no artigo “No distrito de Lalaua. Garimpeiros estrangeiros acusados de aumentar a propagação do HIV/SIDA”, relativo à temática “estigma e discriminação”, o jornal revela a tendência de atribuir a culpa ao “outro”, nomeadamente aos estrangeiros dos países vizinhos, as razões dos altos índices de infecção pelo VIH/SIDA no país. Além disso, o medo e o sensacionalismo podem ser verificados na edição de 04.11.05, no artigo “Ritos e práticas tradicionais cuja violação se pode confundir com sintomas de Sida... e perigo inclui salgar comida após relação sexual extra-conjugal” (do tema “advocacia”), no qual o jornal lança o exemplo de rituais e práticas culturais praticados na região de Tete, que, até certo ponto, confundem as populações envolvidas quando se deparam com uma situação da doença. O jornal refere que “a quebra de alguns ritos e práticas tradicionais (sobretudo cerimónias que envolvem) pode estar na origem da multiplicação de doenças cujos sintomas se confundem com Sida na província de Tete” e, segundo alguns testemunhos de curandeiros, juntar-se, por exemplo, com uma mulher “minada”, isto é, possuída por um feitiço, acaba por se ter o corpo infectado. Os curandeiros admitem que tal magia não pode ser curada pela medicina biomédica, a menos que se recorra à medicina tradicional.

Finalmente, um facto curioso da análise de conteúdo e que não espelha a tendência dos estudos sobre a cobertura noticiosa da doença tem a ver com a comemoração do dia mundial de luta contra a SIDA, que teve poucas notícias sobre o tema em 2005, contando

com apenas três notícias durante a semana da efeméride, uma no dia 01.12.05, “HIV/SIDA vira flagelo no distrito de Manhiça”, e duas na edição seguinte, de 02.12.05, “Apesar de muitas campanhas de sensibilização. Tendência crescente de infecção com HIV/Sida espanta Guebuza” e “Programas de mitigação consomem 16 milhões de meticais em Sofala”, correspondendo, respectivamente, aos temas “prevenção”, “advocacia” e “mitigação das consequências”. Mas este cenário melhora em 2009, onde o volume de notícias aumenta ligeiramente por aparecerem sete notícias, duas delas no dia 01 de Dezembro, “Hoje, por ocasião do 1 de Dezembro. Tendências actuais de HIV/Sida serão apresentadas em Maputo” e “Taxa de seroprevalência regista tendência de regressão em Sofala. Assinala-se hoje dia mundial de luta contra a Sida” (relativos aos temas “advocacia” e “prevenção”), três no dia seguinte, 02.12.09, “Depois de vários anos em alta no país. Taxa de prevalência de HIV/Sida estabiliza”, “Governo, associações e singulares privilegiam prevenção em Sofala. Preservativo feminino passará a ser gratuito”, e “Manica. Pessoas vivendo com HIV/Sida reclamam assistência alimentar” (correspondendo os primeiros dois títulos ao tema “advocacia” e o último à “estigma e discriminação”), e as restantes duas na edição de 04.12.09, “Devido à deficiência. Seis por cento da população vive marginalizada no país” e “Direitos da pessoa portadora de deficiência. Fórum em Manica apela à ratificação de convenção” (relativos ao “tema estigma e discriminação”). Estes resultados indicam que o DM cobre com ligeireza a semana de comemoração da luta contra o VIH/SIDA.

Conclusão

Esta análise de conteúdo temática realizada ao jornal DM revela que os desafios e as urgências relacionados com o VIH/SIDA são ainda evidentes. O DM deveria responder mais efectivamente às expectativas dos diferentes actores implicados na luta contra este problema de saúde pública. Os objectivos do PEN II (2005-2009), embora se encontrem reflectidos no jornal, tiveram, em certa medida, um tratamento jornalístico ligeiro, irregular, inconsistente, fraco e até certo ponto pouco eficaz com vista a produzir efeitos positivos relativos à doença. Reconhece-se que a luta contra o VIH/SIDA em Moçambique implica a sua extensão e visibilidade através dos media. No entanto, este espaço público, conforme revela a análise de conteúdo do jornal DM, não está a ser utilizado da forma mais adequada e incisiva. A análise de conteúdo pode indicar que o jornal transmitiu uma informação de combate e sensibilização sobre o VIH/SIDA, mas os moçambicanos que não possuem o conhecimento sobre a doença dificilmente poderão ter apreendido muito com vista à mudança de comportamentos, atitudes e práticas em relação à epidemia. Os diversos artigos e temáticas fornecem os acontecimentos que estão a ocorrer em Moçambique sobre a epidemia, nomeadamente estatísticas de óbitos, prevalência, órfãos e mulheres infectados e afectados, discursos políticos, alguns testemunhos de pessoas que vivem com a doença, resposta de grupos e

associações de combate à epidemia, mas o DM abordou-os, pode afirma-se, com muita superficialidade. Da mesma forma, o jornal está longe de desenvolver um jornalismo crítico e investigativo de modo a melhor contribuir para a regressão dos índices altos de seroprevalência em Moçambique.

Esta conclusão apresenta, evidentemente, algumas limitações para confirmar a performance dos media em relação à informação, educação e comunicação do público em matérias de VIH/SIDA. Uma delas tem a ver com o objecto de análise: o jornal DM. As conclusões obtidas aplicam-se apenas a este jornal, tratando-se, por isso, de um estudo de caso; pelo que não se pode generalizar os resultados obtidos para outros media moçambicanos. Por outro lado, acresce-se que a análise abarcou apenas duas fases da aplicação do PEN II em Moçambique: o início e o fim do mesmo (2005 e 2009); correspondendo apenas a três meses de cada ano (Outubro, Novembro, Dezembro), pelo que os resultados observados podem, eventualmente, sofrer variações se forem analisados em um período mais alargado. Futuras análises poderão colmatar estas deficiências ao abranger, de forma mais detalhada, os conteúdos informativos aqui levantados, onde uma possível redefinição dos conteúdos em dimensões de avaliação mais precisas poderá servir de base para a elaboração de um instrumento de diagnóstico da cobertura noticiosa em Moçambique relativamente ao VIH/SIDA. Nesse tipo de abordagem mais exaustivo, que requer um longo período de estudo, poderão ser explorados não só os temas como também os aspectos formais das notícias, os processos de selecção e produção das notícias, para além do impacto das mensagens sobre o público com vista a mudar comportamentos e atitudes em relação a esta doença.

Referências bibliográficas

- Bardin, Laurence (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Boafo, Kwame, & Arnaldo, Carlos (2000). *Media & HIV/AIDS in East and Southern Africa: A resource book*. Paris: UNESCO. Retrieved December 2009 from <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001211/121142eo.pdf>
- Brodie, Mollyann, Hamel, Elizabeth, Brady, Lee Ann, Kates, Jennifer, & Altman, Drew, E. (2004). AIDS at 21: Media coverage of the HIV epidemic 1981-2002. *Columbia Journalism Review* (supplement), March/April, pp. 1-8. Retrieved February 2011 from <http://www.siumed.edu/medhum/electives/HealthPolicyMedia/Wk1Brodie.pdf>
- Caraël, Michel (2006). Twenty years of intervention and controversy (pp. 29-40). In Denis, Philippe & Becker, Charles (Orgs.) *The HIV/AIDS epidemic in Sub-Saharan Africa in a historical perspective*. Réseau sénégalais "Droit, Éthique, Santé": Online edition. Retrieved July 2010 from <http://rds.refer.sn/IMG/pdf/AIDSHISTORYALL.pdf>
- CNCS (2004). *Plano estratégico nacional de combate ao SIDA, 2005-2009*. Parte I, Componente estratégica: análise da situação. Maputo: Conselho de Ministros.
- CNCS (2010). *Plano estratégico nacional de resposta ao HIV e SIDA, 2010-2014*. Maputo: Conselho de Ministros.
- Correia, Fernando (1997). *Os jornalistas e as notícias: a autonomia jornalística em questão*. Lisboa: Caminho.
- Esteves, Manuela. (2006). *Análise de conteúdo*. In Jorge Lima & José Pacheco (Orgs.), *Fazer investigação*. Contributos para elaboração de dissertações e teses. Porto: Porto Editora.
- Fausto Neto, António (1999). *Comunicação e mídia impressa: Estudo sobre a AIDS*. São Paulo: Hacker Editores.
- INE, & MISAU (2007). *Mozambique progress report for the United Nations General Assembly Special Session on HIV and AIDS (2006.2007)*. Relatório preparado para a sessão especial da Assembleia Geral da ONUSIDA. Maputo: INE & MISAU.
- INE, & MISAU (2010). *Inquérito nacional de prevalência, riscos comportamentais e informação sobre o HIV e*

SIDA em Moçambique (INSIDA, 2009). Relatório preparado para o Instituto Nacional de Estatística e Ministério da Saúde. Maputo: INE & MISAU.

Lopes, Orquídia (2006). SIDA: Os media são deuses de duas cabeças. Como estruturar campanhas de saúde pública. Viseu: Psico & Soma.

Matsinhe, Cristiano (2006). Tábula rasa: Dinâmica da resposta moçambicana ao HIV/SIDA. Maputo: Texto Editores.

Mchombu, Kingo J. (2000). The coverage of HIV/AIDS in Namibian media: a content analysis study (pp. 133-147). In Bofo, Kwame & Arnaldo, Carlos (Orgs.), Media and HIV/AIDS in East and Southern Africa: A resource book. UNESCO. Retrieved December 2009 from http://www.unesco.org/webworld/publications/media_aids/chapter_12.pdf

MISA Moçambique, & UNICEF (2008). A criança na imprensa. Uma análise da cobertura jornalística em 2008. Relatório preparado para o MISA e UNICEF. Maputo: MISA Moçambique & UNICEF. Quadro 3.

Identificação das unidades temáticas com alguns exemplos

Temas	Edição, título e alguns exemplos
Advocacia	Este tema tem 18 ocorrências observadas em: 19.11.05 – “Na abertura do...”; 28.11.2005 – “Devido ao HIV/Sida...”; 28.11.2005 – “Actores de HIV/Sida primam...”; 02.12.05 – “Apesar de muitas campanhas...”; 01.11.05 – “Fantasmas procuram sem sucesso...”; 03.11.05 – “No sistema curricular do ensino superior...”; 16.11.05 – “Órfão: a face...”; 29.11.05 – “De pais vítimas...”; 04.11.05 – “Ritos e práticas tradicionais...”; 08.11.05 – “Ressano Garcia...”; 08.12.05; “Destinados a acções...”; 15.12.05 – “Relatos de...”; 16.10.09 – “Infectados pelo HIV/Sida...”; 19.11.09 – “Urge operacionalizar...”; 26.11.09 – “Violência doméstica...”; 01.12.09 – “Hoje, por ocasião do 1 de Dezembro...”; 02.12.09 – “Depois de vários anos em alta...”; e 02.12.09 – “Governo, associações e singulares...”. Exemplos: (i) 24.10.05: “... Garrido explica que o governo considera a problemática do HIV/Sida como sendo uma urgência nacional (...) o governo em colaboração com a sociedade civil tem estado a promover a criação de associações de pessoas vivendo com a doença, a estimular e apoiar as actividades de geração de rendimentos, contribuindo assim para a redução da pobreza absoluta no seio de cada família (qualquer dessas acções custa dinheiro ao Estado)”; e (ii) 01.12.09: (de acordo com o CNCS) as preocupações do Governo para com os índices elevados de infecção com HIV levaram à aprovação da Estratégia de Aceleração da Prevenção, com clara orientação para mobilizar a adesão de toda a sociedade, particularmente os chefes de família, mães, estudantes, líderes políticos e religiosos, praticantes de medicina tradicional e outros, a adoptarem uma atitude mais comprometida, visível, eficaz e contundente contra a propagação de novas infecções”.
Prevenção	Este tema tem 17 ocorrências visíveis em: 08.10.05 – “Educadores capacitam-se...”; 24.11.05 – “Mais de 6.300...”; 03.11.05 – “Dramática situação do HIV/Sida...”; 03.11.05 – “Aconselhamento e testagem...”; 04.11.05 – “Província de Tete e luta pela mitigação...”; 04.11.05 – “Prostitutas estrangeiras...”; 07.11.05 – “HIV/Sida em Malema...”; 01.12.05 – “HIV/Sida vira...”; 13.12.05 – “No distrito de Caia...”; 13.12.05 – “Prostitutas vêem “estrelas” na zona...”; 15.12.05 – “Em Muchúnguê...”; 26.11.09 – “Activistas formados...”; 01.12.09 – “Taxa de seroprevalência regista...”; 16.10.09 – “Em Tsangano, Tete...”; 16.11.09 – “Órfãs da Sida...”; 16.11.09 – “Depoimento. Meu filho nasceu infectado...”; e 08.12.09 – “Estabilização nacional...”. Exemplos: (i) 01.12.05: “Nos hospitais (em Manhiça) reportam-se frequentes casos de mulheres que depois de diagnosticadas como seropositivas e instruídas a observar certas regras no seu comportamento sexual, surpreendem aparecendo grávidas (...) O número de crianças órfãs é elevado, contando-se já um total de 1.607 identificadas recentemente só numa aldeia rural do distrito e em alguns bairros da vila-sede (...); “(...) Nos primeiros meses deste ano, as autoridades sanitárias reportaram (em Manhiça) um total de 1507 seropositivos, dos quais 240 morreram”; e (ii) 16.11.209: “Vendo o sofrimento do meu pai (seropositivo) e do meu filho, que era uma criança fraca, pedi que fizessem o mesmo teste ao miúdo (...) Ai descobri que o meu filho era também seropositivo (...) Depois os médicos recomendaram que eu e o meu marido também fizessemos o teste (...) Deu positivo (...) Por ter visto o sofrimento do meu filho, não desejava voltar a engravidar, mas agora só me resta fazer prevenção de transmissão vertical para que o meu filho não seja seropositivo” (depoimento de uma mulher seropositiva da cidade de Maputo).
Estigma e discriminação	O tema aparece em 16 momentos em: 01.11.05 – “Por obrigar trabalhadores...”; 02.11.05 – “No distrito de Lalaua...”; 04.11.05 – “Curandeiros e médicos divididos...”; 04.11.05 – “Tchesso: arma que mata sem balas...”; 04.11.05 – “Curandeiros e médicos divididos...”; 08.11.05 – “Ressano Garcia. Ignorância...”; 08.12.05 – “Destinados a acções de combate...”; -- 15.12.05 – “Em Muchúnguê. Propagação...”; 26.11.09 – “Violência doméstica no país...”; 02.12.09 – “Manica. Pessoas...”; 04.12.09 – “Devido à deficiência...”; 04.12.09 – “Direitos da pessoa...”; 16.10.09 – “Ultrapassei a barreira do preconceito...”; 08.12.09 – “Pessoas com deficiência excluídas...”; e 08.12.09 – “Minha mulher abandonou-me...”; 23.12.09 – “Em relação ao HIV...”.

Exemplos: (i) 16.10.2009: “Em 2001 fui diagnosticado o HIV, numa altura em que a doença era um autêntico mito nas várias comunidades do país e castigo divino na igreja (...) Mas me lembro com exactidão quando adoeci e me cortaram o salário numa escola local onde trabalho como contínuo, por ter faltado alguns dias para visitar uma clínica de ATS (Aconselhamento e Testagem de Saúde) e ver um médico (...) Sabia que ganharia em troca o preconceito (...) O estigma e a discriminação matam mais do que a própria doença (...) Depois do anúncio, os outros seropositivos não morreram de amores por mim. Esperam me ver desmorronar (...) Enfrentei o desafio e agora trabalho como activista (...) Com a minha determinação não vou parar e não vou desistir para que os outros seropositivos tenham espaço na comunidade e possam ter uma vida sã e de paz” (depoimento de Nhararai Jaissonne, seropositivo do distrito de Mossurize); e (ii) 08.12.2009: “Para o meu espanto o teste veio positivo (...) Contei e a minha mulher aderiu ao teste (...) O teste dela veio negativo (...) Ela fez as malas e me abandonou com dois bebés gémeos de seis meses (...) Como a minha mulher, muitos amigos começaram a desligar-se de mim (...) depois de enfrentar enormes desafios, agora trabalho como activista de cuidados básicos” (Depoimento de António Campus, de Changara).

Mitigação das consequências

Este tema tem sete aparições em: 10.10.05 – “Devido à doenças relacionadas...”; 24.12.05 – “Por ocasião do natal...”; 02.12.05 – “Programas de mitigação consomem...”; 14.11.05 – “HIV/Sida na cidade de Xai-Xai...”; 15.11.05 – “Prevenção e mitigação...”; 17.11.05 – “Rudo Kubatana implementa...”; e 16.11.05 – “Niassa. Kuimuka presta assistência...”. Exemplos: (i) 17.11.05: “Nós recebemos produtos do PMA para distribuímos às crianças órfãs e membros da nossa associação (ressalvou o presidente da Associação de PVHS Rudo Kubatana, Mariano Fábica); “Acho que as actividades que desenvolvemos estão a surtir um impacto positivo, porque notamos que, por exemplo, as crianças órfãs têm amparo e os nossos membros estão a ter também apoio (disse Fábica)”; e (ii) 24.12.05: “Crianças pobres, por ocasião do natal (...) beneficiam de várias acções de auxílio, sobretudo em alimentos”; “Quinze famílias lideradas por crianças órfãs (...) receberam ontem na cidade da Beira vários produtos alimentares no âmbito do projecto Um Quilo Por Menino” levado a cabo pela Organização Continuadores de Moçambique”.

Tratamento

Este tema é observado por quatro vezes em: 01.11.05 – “Hospital de Dia...”; 11.11.05 – “Magude reclama Hospital de Dia...”; 16.12.05: “Tratamento anti-retroviral reduz...”; e 16.10.09 – “Acesso a tratamentos...”. Exemplos: (i) 16.12.05: “As autoridades sanitárias da província do Niassa afirmam que reduziram (...) nos últimos nove meses os casos de morte relacionados com a Sida, devido ao tratamento anti-retroviral que é administrado aos pacientes”; “Houve uma diminuição de mortes provocadas por Sida, porque as pessoas depois de submetidos ao tratamento de anti-retrovirais melhoraram o seu estado (disse Augusto Farreto, do Programa de Doenças de Transmissão Sexual em Niassa)”; e (ii) 16.10.09: “Mais de quatro milhões de seropositivos dos países mais pobres tiveram acesso a tratamento com antiretrovirais em 2008 (...); “De acordo com o relatório intitulado Rumo a um acesso universal: alargar as intervenções prioritárias ligadas ao HIV/Sida no sector da saúde) Garantir a igualdade no acesso ao tratamento para todos os doentes será sempre a primeira preocupação da ONUSIDA (...).”.

Investigação

Este tema é observado em três ocasiões em: 16.12.05 – “Em Moçambique...”; 15.12.09 – “Resultados sobre...”; e 23.12.09 – “Estudo sobre...”. Exemplos: (i) 16.12.09: “(...) a discriminação e a estigmatização ao nível de diversos sectores da sociedade figuram como algumas das principais preocupações (...), porquanto várias pessoas seropositivas não encontram nos seus mais próximos o devido amparo. Este é o resultado de um estudo efectuado pelas organizações nacionais que operam na área de prevenção e combate ao HIV/Sida”; e (ii) 15.12.09: “O primeiro teste clínico de uma vacina contra o HIV a dar resultados positivos foi anunciado há dias na Tailândia. Após seis anos, a equipa que conduziu os testes anunciou, em Bangucoque, que a vacina reduziu o índice de infecção em 31 por cento em voluntários”; “O estudo conhecido por RV144, começou por inscrever 16 mil homens e mulheres seronegativos com idades entre os 18 e os 30 anos”; “Estamos a planear um teste maior no próximo ano e dispor desses resultados torna-nos mais fácil convencer os financiadores a seguirem em frente (disse Dra. Glenda Gray, da Unidade de pesquisas de HIV Perinatal da Universidade de Witwatersrand, em Joanesburgo)”.

Coordenação da resposta nacional

Este tema aparece por duas vezes em: 15.11.05 – “Prevenção e mitigação...”; 28.10.05 – “CNCS aposta em projectos...”. Exemplos: (i) 28.10.05: “A coordenadora da unidade de Planificação e Coordenação no Conselho Nacional de Combate ao HIV/Sida, Páscoa Tembe, afirma que um dos grandes desafios... é tornar os vários projectos de mitigação sustentável, por forma a garantir a criação de recursos financeiros e materiais que possibilite aos afectados e suas famílias reduzir a pobreza absoluta e melhorar a nutrição diária”; “todos os coordenadores dos núcleos provinciais ...vão usar esta estratégia (envolvimento dos líderes religiosos e das matronas para a transmissão de mensagens) nas suas regiões de procedência”; e 15.11.05: “Sendo os núcleos provinciais de Combate ao HIV/Sida instituições sob tutela do Governo para coordenar todas as acções viradas para a luta contra a doença, na verdade o que nós fazemos é financiar todas as actividades de prevenção e combate e, particularmente ao nível da província da Zambézia, apoiamos várias iniciativas levadas a cabo por vários agentes implementadores (disse a coordenadora do Núcleo Provincial de Combate ao HIV/Sida na Zambézia, Manuela Dallas)”; “Pensam que as pessoas que trabalham para o sector de combate à doença têm muito dinheiro, mas não é isso, porque os apoios que o Governo tem muitas vezes são simples promessas e o dinheiro não vem para aqui em montes para ser guardado em cofres. São fundos que estão guardados em bancos dos financiadores, que nós devemos, mediante os procedimentos acordados submeter propostas e depois justificar (sublinhou Dallas)”.

Quadro 4.

Frequência dos artigos publicados no DM em 2005 e 2009, incluindo dias do mês.

		Dias																														Total3				
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31				
Meses de 2005	Out.							1		1															1		1		1						5	
	Nov.	3	1	3	5			2	1		1			1	2	1	2			1					1					2	1				27	
	Dez.	1	2						1					2		2	3								1											12
	Total1																															44				
Meses de 2009	Out.																7																		7	
	Nov.																			1								1								4
	Dez.	2	3		2				3							1										2										13
	Total2																															24				

O papel do teatro no impacto das campanhas de comunicação para a mudança de comportamento em HIV/SIDA promovidas pela World Vision Moçambique em Chidenguele”

Ernesto Nhatsumbo *

Resumo:

O presente artigo procura perceber o impacto da campanha de sensibilização levada a cabo pela World Vision sobre a luta contra o HIV-SIDA junto às populações alvo no distrito de Chidenguele. A pesquisa foi realizada com base numa abordagem qualitativa, nomeadamente observação directa e entrevistas juntos a intervenientes chave. A conclusão é que existem diferenças bastante significativas entre a percepção da World Vision e a das populações alvo no que diz respeito às campanhas de prevenção da doença centradas no teatro. Um tal cenário abre importantes questionamentos acerca da elaboração e eficácia das formas com que a comunicação para a saúde ocorre por parte de entidades internacionais junto às populações locais.

Palavras chave: HIV/SIDA, Percepção, Teatro, Comunicação, Organizações Internacionais

**Director do Curso de Jornalismo, ECA/UEM*

The role of theatre in the impact of the communication campaigns to change behaviour regarding HIV/AIDS, promoted by World Vision Mozambique in Chidenguele

Ernesto Nhatsumbo *

Abstract:

This article attempts to understand the impact of the campaign of sensitization against AIDS carried out by World Vision, directed to the populations living in Chidenguele District. The research was realized using a qualitative approach, namely direct observation and interviews with privileged witnesses. The result is that there are meaningful differences between the perception of World Vision and of local populations regarding the campaigns of prevention of the disease centred on theatre. This scenario opens important reflections about the elaboration and effectiveness of the ways through which communication for health is proposed by international entities towards local populations.

Key-words: AIDS, Perception, Theatre, Communication, International Organization

* Director of the Journalism Course, ECA/UEM

Introdução

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, as organizações não governamentais passaram a assumir um papel de relevo na arena internacional e nacional, quer em situações de conflito armado e calamidades como em situações de ausência de guerra e de cataclismos. Passaram assim, a actuar como sujeitos cujo objectivo último era promover o bem-estar junto às populações alvo das suas intervenções, embora com resultados nem sempre positivos.

O presente artigo representa uma tentativa de dimensionar as actividades de uma organização não-governamental (ONG) internacional, a Visão Mundial, na criação do bem-estar das populações tomando a comunicação como estratégia principal de mudança e tendo como cenário de actuação o Sul de Moçambique, nomeadamente a Província de Gaza.

De facto, é, sem exagero, quase impossível imaginar o sucesso de uma intervenção, sobretudo exógena, de uma ONG visando transformar uma determinada comunidade num ambiente democrático onde se advoga participação sem se prestar a devida atenção à vertente comunicação. Há que estabelecer o elo de ligação entre a organização e a comunidade alvo. É preciso que o grupo alvo seja “encaixado” na filosofia do actor externo e o mesmo deve ocorrer no sentido inverso porque corre-se o risco de suscitar incompatibilidades. A pesquisa tem como objectivo analisar a relação entre as estratégias de comunicação da Visão Mundial com a mudança de comportamento nas populações de Chidenguele no que diz respeito às práticas sexuais de risco.

Esta organização tem-se empenhado e dedicado em várias actividades, direccionando o seu maior enfoque à questão da mitigação do impacto do HIV/SIDA. A opção pelo tema deve-se à sua importância no campo da comunicação, especialmente no sub-campo da comunicação para a mudança de comportamento, para além do facto de qualquer organização depender de uma estratégia de comunicação eficiente e adequada entre as pessoas que a compõem para que estas se mantenham e sejam dignificadas pelas populações que servem.

De um modo geral, a estratégia de comunicação e as formas de comunicação possuem a capacidade de interferir na vida das pessoas. As informações circulam cada vez com uma determinada velocidade e isto faz com que os seus intervenientes estejam em consonância para que, no processo de comunicação, não haja ruídos provocados por um não entendimento da mensagem.

Pela natureza da pesquisa, foi aplicada uma abordagem qualitativa, que se serviu de diferentes técnicas de recolha de dados, a saber: entrevistas semi-estruturadas com os

intervenientes no processo de comunicação (grupos teatrais e o público alvo), entrevistas com alguns informantes chaves, análise de algumas das peças teatrais utilizadas como arma de persuasão contra as práticas sexuais julgadas de alto risco.

A opção pelas entrevistas semi-estruturadas deve-se ao facto de elas serem “maleáveis” se comparadas com as estruturadas e permitirem reconduzir o entrevistado conforme os objectivos da pesquisa. Elas também permitem desenvolver melhor os assuntos abordados, indo para além de uma simples componente afirmativa ou negativa.

As entrevistas foram submetidas a informantes-chave e dirigidas a um líder comunitário da região beneficiária das actividades da Visão Mundial Moçambique, ao director de projectos da sede da Visão Mundial Moçambique em Maputo e a um coordenador do grupo teatral do PSI-JEITO de Gaza. Mais uma vez, tratando-se de uma pesquisa qualitativa que irá compreender a percepção do público alvo em relação às peças teatrais, escolheu-se a metodologia baseada em poucas mas significativas entrevistas, capazes de abordar em profundidade os vários tópicos da investigação aqui apresentada.

Tratando-se de um estudo sobre o impacto de estratégias de comunicação, achou-se pertinente aplicar este método porque permitirá avaliar qualitativamente o impacto das mesmas, os factores por detrás da sua eficácia ou ineficácia, etc.

Como uma abordagem que complementa as informações qualitativas captadas no terreno, usou-se o método quantitativo: no caso desta pesquisa, tal método visa dar credibilidade ao estudo, mobilizando dados estatísticos sobre projectos efectuados, número de envolvidos ou beneficiários dos mesmos e outros aspectos julgados relevantes.

Quanto às peças apresentadas e a que tivemos oportunidade de observar, os coreógrafos falam e encenam sobre a importância do uso do preservativo e a importância da redução de parceiros sexuais como uma forma de educar as pessoas locais no sentido de tomarem alguma atitude para se reduzir os índices de seropositividade. Eles levam consigo para as demonstrações alguns objectos elucidativos e o próprio preservativo. Também encenam sobre uma pessoa morta, pessoa padecendo do vírus, que aparece a pegar a barriga como um sintoma da doença, e encenam ainda sobre um bebé nascido com o vírus. Nestas peças, o grupo usa a língua local, que, no caso de Chidenguele, é o chope e o changana. Deste modo, foi muito importante entrevistar um encenador do grupo do PSI-JEITO de Gaza, sabido que é o grupo encarregue pela WV para dar estes espectáculos.

Como metodologia de abordagem, usou-se o método "intervencionista". Deste modo, a partir das conclusões a tirar das análises a efectuar dos casos escolhidos, será inferida

uma conclusão geral sobre a matéria em análise.

No âmbito teórico, a pesquisa assenta nas principais teorias de comunicação, nomeadamente da comunicação comunitária, comunicação nos movimentos populares e comunicação organizacional.

A materialização destes aspectos será possível mediante a revisão de literatura existente sobre o assunto em análise incidindo neste, exactamente no que se refere à importância da comunicação organizacional.

1. Conceitualização e Referencial teórico

Neste ponto, iremos apresentar os principais conceitos utilizados ao longo do artigo, a partir do conceito de “teatro”, discutindo as teorias que fundamentam a pesquisa aqui desenvolvida.

“Teatro” vem do grego, “*théatron*”, que significa panorama (lugar de onde se vê), ou seja, é o lugar onde as pessoas se reúnem com um objectivo comum: assistir ao espectáculo. Nesse momento, o actor pode ser quem quiser, quando quiser, onde quiser... O público tem liberdade para analisar, criticar, emocionar-se e até pronunciar-se. Ocorre, então, a cumplicidade de palco e público... Tudo isso é mágico, fantástico, algo que somente o teatro pode proporcionar por completo e acredita-se haver três “porquês (razões)” para se fazer teatro, nomeadamente

1) terapêutico, proporcionando a quem o pratica o autoconhecimento, por meio de estudos de outrem (sobre a personagem e sobre a génese do próprio actor);

2) aquisição de cultura, pois, antes de fazer a montagem cénica, há um estudo, uma pesquisa sobre o autor, a época, os costumes, os objectivos e os conflitos do texto/cena e dos personagens;

3) pesquisa prática, em que ocorre a percepção do outro. Por exemplo, uma pessoa pode interpretar uma feirante e, para melhor desempenhar o papel, estuda os seus costumes, o seu andar, os seus gestos, a sua dicção, o volume da voz, etc. Quanto mais informações tiver sobre a feirante, melhor conseguirá interpretá-la e, certamente, melhor será recebida pelos espectadores.

Não podemos nos esquecer de que o teatro é um jogo. Porém, não um simples jogo, mas, sim, um jogo de persuasão. Todo bom actor é um bom “manipulador” e, com toda a certeza, tem maior consciência de quando, como e por quem está sendo “manipulado”.

Hoje em dia somos vítimas de manipulações da publicidade, da política de ética duvidosa, da indústria cultural, dos líderes sociais, etc. O teatro amplia o panorama e as ferramentas de quem o “joga”. (Montardo, 2008, 19).

A mudança de comportamento é a base da prevenção contra o HIV. As mortes precoces de adultos estão ligadas a hábitos que se iniciaram na adolescência, como o fumar e o comportamento sexual de risco. A USAID adota o modelo "ABC", que ficou famoso devido ao seu sucesso em Uganda. O "A" significa abstinência (inclusive adiar a iniciação sexual entre os jovens), o "B" fidelidade e o "C" uso correcto e consistente do preservativo. A abordagem ABC deve ser adaptada ao contexto de um determinado país ou população-alvo. Para os jovens, a USAID dá um destaque especial ao A e ao B. A agência financia capacitação profissionalizante de jovens, com o fim de fornecer-lhes conhecimentos básicos sobre o HIV, ajudá-los a personalizarem o risco e a desenvolverem a auto-estima, capacidade de comunicação e de tomarem as decisões que precisam para fazerem escolhas positivas.

Em países fortemente atingidos pelo HIV/SIDA, a actividade sexual nos indivíduos começa cedo e antes do casamento. Pesquisas mostram que, em média, acima de 40% das mulheres da África Subsaariana fazem sexo pré-marital antes dos 20 anos; entre os rapazes, o sexo antes do casamento é ainda mais comum. Além disso, uma minoria significativa tem a sua primeira experiência sexual antes dos 15 anos. Os programas de abstinência são um recurso particularmente importante para os jovens porque metade das novas contaminações ocorre na faixa etária dos 15 aos 24 anos. O adiamento da iniciação sexual, até mesmo por um ano, pode ter impacto significativo na saúde e bem-estar dos adolescentes e no avanço da epidemia do HIV/Sida (Montardo, 2008,).

Em intervenções de tipo comunitário, que dizem respeito à comunicação, uma das teorias mais usadas é a empírica de campo ou dos efeitos limitados. Aqui, o fluxo de comunicação a dois níveis (two-step-flow of communication) é determinado pela mudança que os líderes exercem junto das instituições e dos indivíduos. Os líderes de opinião e o fluxo comunicativo são apenas uma modalidade específica de um fenómeno de ordem geral: na dinâmica que gera a formação da opinião pública - dinâmica em que participam também os mass média - o resultado global não pode ser atribuído aos indivíduos isoladamente. Deriva de redes de interacção. Acima e para além da liderança de opinião, estão as interacções recíprocas dos componentes do grupo que reforçam as atitudes ainda não definidas de cada um. Baseadas nessas interacções, a repartição da opinião e das atitudes organizadas cristaliza-se (Wolf, 2005, 45).

A comunicação é também considerada uma forma de mediação entre os diferentes actores sociais. Segundo Martin-Babero, citado por (Portela 2005,28), o foco da análise tem de ser deslocado da comunicação dos meios para as mediações, ou seja, para a articulação entre práticas de comunicação e de movimentos sociais, as diferentes temporariedade e a pluralidade de matrizes culturais.

Portela (2005, 32) defende ainda que a escassez da mediação política e cultural na história dos meios é atribuída ao espaço cultural, frequentemente deixado de lado na história. Frente a isso, Barbero (2005, 42) pontua que devido à influência do processo de transnacionalização e da emergência de sujeitos sociais e de identidades culturais novas, a comunicação está a converter-se num espaço estratégico a partir do qual se pode pensar os bloqueios e as contradições que dinamizam essas sociedades-encruzilhadas, a meio caminho entre o sub-desenvolvimento acelerado e uma modernização compulsiva.

Ainda, a autora, no capítulo denominado “Comunicação enquanto mediação”, citando ainda o Barbero, propõe que se desloque o foco de análise da comunicação dos meios para a articulação entre a prática de comunicação e os movimentos sociais (...), as diferenças temporais e (...) a pluralidade de matrizes culturais.

Portela (2005, 32) defende ainda que a escassez da mediação política e cultural na história dos meios é atribuída ao espaço cultural, frequentemente deixado de lado na história. Frente a isso, BARBERO (2005, 42) pontua que devido à influência do processo de transnacionalização e da emergência de sujeitos sociais e de identidades culturais novas, a comunicação está a converter-se num espaço estratégico a partir do qual se pode pensar os bloqueios e as contradições que dinamizam essas sociedades-encruzilhadas, a meio caminho entre o sub-desenvolvimento acelerado e uma modernização compulsiva.

Ainda, a autora, no capítulo denominado “Comunicação enquanto mediação”, citando ainda o Barbero, propõe que se desloque o foco de análise da comunicação dos meios para a articulação entre a prática de comunicação e os movimentos sociais (...), as diferenças temporais e (...) a pluralidade de matrizes culturais.

2. A comunicação relacionada com o HIV/SIDA

Para o caso das estratégias de comunicação para o combate ao HIV/SIDA em Chidenguele, a World Vision Moçambique usa a comunicação para se apoderar das comunidades no sentido de estas continuarem com as actividades desenvolvidas por esta organização depois da sua saída.

No âmbito do HIV/SIDA, a organização tem feito treinamentos, seminários e teatro nas áreas onde os índices de seropositividade são elevados, onde se explica como é que as pessoas devem prevenir-se e como podem viver com o vírus do HIV/SIDA.

Em todas as áreas de desenvolvimento das actividades (ADPs), a World Vision Moçambique cria uma Coligação de Cuidados Comunitários (CCC), grupo sem salário que somente recebe incentivos como bicicletas, camisetes, mantimentos da primeira

necessidade, e capacita-o. As CCC compostas por pessoas influentes da comunidade, como professores, enfermeiros, líderes comunitários, comerciantes, pessoas seropositivas, num total de 15 a 20 elementos em cada comunidade. Estes são o elo de ligação entre a World Vision e a comunidade e vice-versa.

A World Vision treina as CCC e neles há um assistente comunitário que trabalha no caso do HIV/SIDA (life-skill, “habilidades para a vida”), no qual se faz a educação para os pares (passam informações, mas em pessoas da mesma idade para poderem assumir a mensagem quando esta é dada à mesma faixa etária ou a pessoas da mesma instituição).

A estratégia usada é a da sede da instituição, que é disseminada pelas províncias onde esta organização tem desenvolvido as suas actividades. As províncias realizam actividades em palestras e teatro para as comunidades e para o pessoal em exercício.

Esta ONG tem ainda um projecto denominado “Caravana de Esperança”: um programa em que jovens transportados por um camião plataforma, contratados pela organização, procuram transmitir filmes em ecrã gigante e tocam músicas relativas à pandemia do HIV/SIDA e fazem-se às ruas, onde se realizam actividades recreativas: canto, dança, jogos, música e projecção de filmes. Há um outro grupo de mães treinadas e o grupo de mulheres em idade fértil (MIF), também treinadas em matéria do HIV/SIDA. Treinam-se líderes religiosos como um canal de esperança.

Segundo a assessora do director adjunto de programas na World Vision, Vanessa, há um pequeno grupo de activistas pagos pelo MISAU (Ministério da Saúde) que tratam doentes com o objectivo conter a mortalidade em Xai-Xai. Das actividades aqui realizadas, incluem-se ainda a abertura de poços, a construção de escolas, centros de saúde e que são entregues aos ministérios de tutela para a sua administração. De acordo com a Vanessa, a World Vision trabalha em paralelo com o NPCS de Gaza (Núcleo Provincial de Combate ao Sida), com a Direcção de Saúde de Gaza, com a Save the Children, com a PSI-JEITO, e outros com actividade semelhante, mas cada um com a sua estratégia.

Vanessa conta com o apoio incondicional da PSI nos espectáculos a transmitir para as comunidades no que se refere ao combate à pandemia. Na sua alocução, a assessora deixou transparecer que, em matéria de palestras, contra o HIV/SIDA, a WV é que passa as mensagens, pois, usa os canais por ela criados, como os CCC e os Assistentes comunitários.

¹ Segundo o protocolo do MISAU (2004), *Habilidades de vida*, são formas recorrentes estabelecidas pela sociedade em que leva a pessoa portadora de qualquer deficiência e ou enfermidade a desenvolver as funções de vida numa forma normal, como trabalhar, locomover-se, participar

Quanto ao perfil dos temas a retratar nos teatros, a assistente do director adjunto de comunicação afirmou que há uma consulta nas comunidades para poder-se adequar a letra ao conteúdo; estes contactos são assegurados pelo pessoal das CCC e, muitas vezes, os teatros usados anteriormente eram da autoria do PSI-JEITO. De acordo com a assistente do director adjunto, parece ter havido uma grande entrega das comunidades locais, pois, há uma participação notável nos teatros.

Conquanto, acredita que as pessoas vão fazer o teste, pois, com os índices demonstrados de 27% de seropositividade, as últimas estatísticas são uma clara referência de que os espectáculos encenados pelos grupos contractados pela WV estimulam as pessoas a fazerem o teste para saberem do seu estado de seropositividade.

3. Estratégia de comunicação usada pela organização em Gaza

Para o caso das estratégias de comunicação para o combate ao HIV/SIDA em Chidenguele, a World Vision Moçambique usa a comunicação para se apoderar das comunidades no sentido de estas continuarem com as actividades desenvolvidas por esta organização depois da sua saída.

No âmbito do HIV/SIDA, a organização tem feito treinamentos, seminários e teatro nas áreas onde os índices de seropositividade são elevados, onde se explica como é que as pessoas devem prevenir-se e como podem viver com o vírus do HIV/SIDA.

Em todas as áreas de desenvolvimento das actividades (ADPs), a World Vision Moçambique cria uma Coligação de Cuidados Comunitários (CCC), grupo sem salário que somente recebe incentivos como bicicletas, camisetas, mantimentos da primeira necessidade, e capacita-o. As CCC compostas por pessoas influentes da comunidade, como professores, enfermeiros, líderes comunitários, comerciantes, pessoas seropositivas, num total de 15 a 20 elementos em cada comunidade. Estes são o elo de ligação entre a World Vision e a comunidade e vice-versa.

A World Vision treina as CCC e neles há um assistente comunitário que trabalha no caso do HIV/SIDA (life-skill, “habilidades para a vida”), no qual se faz a educação para os pares (passam informações, mas em pessoas da mesma idade para poderem assumir a mensagem quando esta é dada à mesma faixa etária ou a pessoas da mesma instituição).

A estratégia usada é a da sede da instituição, que é disseminada pelas províncias onde esta organização tem desenvolvido as suas actividades. As províncias realizam actividades em palestras e teatro para as comunidades e para o pessoal em exercício.

Esta ONG tem ainda um projecto denominado “Caravana de Esperança”: um programa em que jovens transportados por um camião plataforma, contratados pela

organização, procuram transmitir filmes em ecrã gigante e tocam músicas relativas à pandemia do HIV/SIDA e fazem-se às ruas, onde se realizam actividades recreativas: canto, dança, jogos, música e projecção de filmes. Há um outro grupo de mães treinadas e o grupo de mulheres em idade fértil (MIF), também treinadas em matéria do HIV/SIDA. Treinam-se líderes religiosos como um canal de esperança.

Segundo a assessora do director adjunto de programas na World Vision, Vanessa, há um pequeno grupo de activistas pagos pelo MISAU (Ministério da Saúde) que tratam doentes com o objectivo conter a mortalidade em Xai-Xai. Das actividades aqui realizadas, incluem-se ainda a abertura de poços, a construção de escolas, centros de saúde e que são entregues aos ministérios de tutela para a sua administração. De acordo com a Vanessa, a World Vision trabalha em paralelo com o NPCS de Gaza (Núcleo Provincial de Combate ao Sida), com a Direcção de Saúde de Gaza, com a Save the Children, com a PSI-JEITO, e outros com actividade semelhante, mas cada um com a sua estratégia.

Vanessa conta com o apoio incondicional da PSI nos espectáculos a transmitir para as comunidades no que se refere ao combate à pandemia. Na sua alocução, a assessora deixou transparecer que, em matéria de palestras, contra o HIV/SIDA, a WV é que passa as mensagens, pois, usa os canais por ela criados, como os CCC e os Assistentes comunitários.

Quanto ao perfil dos temas a retratar nos teatros, a assistente do director adjunto de comunicação afirmou que há uma consulta nas comunidades para poder-se adequar a letra ao conteúdo; estes contactos são assegurados pelo pessoal da CCC e, muitas vezes, os teatros usados anteriormente eram da autoria do PSI-JEITO. De acordo com a assistente do director adjunto, parece ter havido uma grande entrega das comunidades locais, pois, há uma participação notável nos teatros.

Conquanto, acredita que as pessoas vão fazer o teste, pois, com os índices demonstrados de 27% de seropositividade, as últimas estatísticas são uma clara referência de que os espectáculos encenados pelos grupos contractados pela WV estimulam as pessoas a fazerem o teste para saberem do seu estado de seropositividade.

3. Estratégia de comunicação usada pela organização em Gaza

Do questionário redigido à PSI-JEITO de Gaza, a supervisora de comunicação para o grupo teatral, senhora Zaida Tovela e o seu adjunto da mesma área, o senhor Nordino Muando, começaram por dizer que a PSI JEITO usa a estratégia de comunicação elaborada pelo CONSELHO NACIONAL DE COMBATE AO SIDA e que o grupo tem debatido com as comunidades assuntos relacionados com o HIV para que ambos encontrem uma solução para a mitigação desta doença.

Também disseram que os teatros por eles exibidos nas comunidades de Gaza são estratificados quanto às idades, uma vez que a informação a passar deve ter um receptor capaz e à altura, dividindo os públicos em grupo etários, nomeadamente de 13-17 anos, 17-25 e 25 ou mais, para garantir que os debates sejam abertos e que não haja gente acanhada porque o assunto é sempre sério.

Quanto à preparação da peça teatral, os coordenadores disseram que as peças são emitidas a partir de Maputo ou a sede é que envia as peças já elaboradas, sendo que a PSI-JEITO DE GAZA somente as transmite população alvo, dando um retoque em Gaza para se adequá-las à realidade da província, dependendo de distrito para distrito. +

Quanto à questão dos interlocutores da PSI, a senhora Tovela disse haver peças escritas há muito tempo que, segundo a política da instituição, não podem ser alteradas de qualquer maneira, pois, elas adequam-se a uma certa realidade existente em Moçambique. Em cada comunidade da província, o PSI tem um agente comunitário aceite pela comunidade, que serve de olheiro dos usos e costumes da população, que os endereça à delegação do grupo teatral para que, no momento da encenação da peça, não se fra a susceptibilidade da população alvo.

A tabela abaixo procura sintetizar os resultados das entrevistas feitas com os diferentes actores sociais envolvidos nas peças teatrais.

Assuntos abordados	World Vision Moçambique	PSI - Jeito de Gaza	Líder comunitário de Chidenguele
1 Consulta à comunidade sobre o tema do teatro.	Fazemos a consulta porque temos um membro da CCC (coligação dos cuidados comunitários) que nos dá informações sobre os doentes com HIV/SIDA junto à comunidade.	Não fazemos nenhuma consulta dos temas a retratar porque tudo já vem encomendado de Maputo.	Ninguém chega a consultar-nos sobre nada. Eles só aparecem com o seu teatro e encenam para a população.
2 Aderência ao teatro pela população.	Sempre que aparecemos somos bem recebidos pela comunidade porque temos, em cada local, um membro que nos tem dado a conhecer algo sobre os doentes que vivem e sofrem do HIV/SIDA.	Tem havido uma excelente aderência ao teatro e as pessoas gostam muito do que o nosso grupo encena.	Tem havido pouca gente a assistir aos espectáculos por falta de comunicação da sua vinda e as pessoas estão preocupadas pelas suas machambas.
3 Instrumentos exibidos durante o teatro.	Usamos um projecto como caravana de esperança, em que jovens aparecem a encenarem num camião plataforma, onde demonstram as actividades sobre o HIV/SIDA.	Exibimos algo como pénis de madeira e o preservativo.	Nunca trouxeram nada para as exposições, somente falam do assunto
4 Relação Mensagem transmitida Vs susceptibilidade da população	Temos, com já disse, um elemento das CCC a trabalhar no local e também envolvemos alguns residentes nos trabalhos, como professores, enfermeiros, líderes comunitários, agricultores da zona e outras pessoas influentes para que não haja atropelos às regras de socialização da população.	O nosso agente, que é nosso olheiro, transmite-nos aquilo que são os usos e costumes da população para que o grupo estude e na peça não fale dos mesmos para que não haja lesados.	Quando chegam, somente dizem o que trazem no seu texto. Há casos em que chegam a falar de poligamia, como elemento de transmissão do HIV/SIDA mas aqui é normal um homem ter duas esposas, é o meu caso e isso não agrada às populações.

5	Importância da comunicação.	Uma importância primária e salutar porque é por ela que a instituição se rege, trabalhando com o público. É o nosso elo de ligação com os nossos beneficiários.	Usamos a comunicação para nos comunicar com os nossos parceiros e é com ele e com os visados dos teatros (comunidade) que nos relacionamos.	Ela é importante e para a comunidade poder estar em contacto com os grupos teatrais deviam falar comigo antes para que a sua aderência seja maior e devia ser com antecedência.
6	Quem transmite as mensagens nas comunidades visitadas.	É a própria World Vision usando o seu staff	Trabalhamos em consonância com as ONGs aqui em Gaza e é nossa obrigação transmitir as mensagens usando o teatro que é transmitido à população.	Tem vindo aqui em Chidenguele um grupo de teatro do PSI-Jeito para fazer os espectáculos. Os da Visão Mundial aparecem a falar doutras actividades.
7	Envolvimento das populações na elaboração dos temas para o teatro.	Há, sim, envolvimento porque a existência dum elemento que nos dá a conhecer sobre a situação da vivência da população é um indicador.	As peças todas já vêm escritas de Maputo e nós somente adequamos a letra à realidade de cada província. Se detectarmos algo, informamos Maputo e eles reelaboram a peça em causa.	Não há nenhum envolvimento nosso. Eles trazem tudo de lá e quando chegam aqui só exibem o que eles trazem.
8	Nível de interesse da população em assistir aos espectáculos	Há um interesse grande em fazer-se presente nos espectáculos.	Há aderência nos espectáculos que transmitimos.	Não tem havido muito interesse, somente de crianças.
9	Meios usados para avaliar a percepção.	Fazemos inquéritos no nosso gabinete de monitoria e avaliação	Depois dos espectáculos fazemos uma ronda de perguntas e respostas usando alguns incentivos para vermos o nível de percepção.	Fazem perguntas depois do espectáculo e dão presentes, onde aparecem crianças a ganharem porque são as mais atrevidas e os adultos ficam acanhados.
10	Índice de seroprevalência	Em Chidenguele os níveis são elevados, em quase toda a província de Gaza.	Os níveis são alarmantes e depois da divulgação dos dados estatísticos ficamos alarmados.	Há muita gente a morrer de sida nesta região.
11	Relação grupo teatral-comunidade local	Bom relacionamento	Excelente relacionamento	Boa relação porque trazem presentes para os que conseguem responder.
12	Línguas usadas	Língua local (Changana e Choje)	Fazemos uma fusão entre o Changana e Choje, pois, no grupo há poucos que falam e entendem o Choje.	Usam o Changana e pouco o Choje porque não sabem falar.
13	Instrumentos exibidos durante o teatro.	Relação mensagens Vs estimulação com a finalidade de fazer-se o teste do HIV/SIDA.	As estatísticas falam por si. Só o facto de se descobrir que os índices estão a subir significa que as pessoas são persuadidas a fazerem o teste.	Ninguém sabe de nada porque quando a pessoa quer ir fazer o teste não diz a outra pessoa, somente ele vai sozinho ao hospital e não chega a dizer a ninguém sobre o seu estado. O que posso dizer é que há muita gente a morrer por causa desta doença aqui na região

Tabela 1: Síntese das entrevistas feitas à World Vision - Sede, PSI-JEITO de Gaza e ao Líder comunitário

Os supervisores foram unânimes em dizer que não tem havido consultas entre o grupo teatral e a população de Chidenguele, uma vez que as peças já estão escritas e que elas são encomendadas de Maputo para as diversas províncias, incluindo Gaza. Disseram ainda que as mesmas peças são elaboradas para abarcar em todas as comunidades moçambicanas independentemente da língua que cada comunidade fala, pois, em todas as províncias há delegações da PSI, cujas actividades são coordenadas com quase todas as organizações (ONGs) que trabalham para mitigação do HIV/SIDA.

4. Resultados

Neste ponto, será apresentada uma sintética análise relativa aos tópicos principais colocados aos três actores sociais entrevistados e mencionados na tabela acima.

Na primeira questão refere-se à consulta junto à comunidade sobre os temas abordados no teatro, encontramos uma extrema divergência, pois, os emissores das mensagens entre si também divergem. Estando o PSI-JEITO encarregue de dar os espectáculos em contracto firmado com a World Vision Moçambique, o representante da PSI-JEITO disse que o que se leva ao consumo da população no que se refere aos teatros é em estreita coordenação com o Núcleo Provincial do Combate ao HIV/SIDA de Gaza (NPCS) e que este, por sua vez, recebe as peças já elaboradas de Maputo.

O que a World Vision tem como sponsor daquela comunidade é um agente da Coligação dos Cuidados Comunitários (CCC), constituída por pessoas influentes e aceites na comunidade e que funcionam como um elo de ligação entre a World Vision e a Comunidade, que leva as informações da sede para periferia e vice-versa. Neste âmbito, põe em prática a teoria do “two-step-of-communication”, segundo (Cornwell, 1990, 231).

Quando os emissores das mensagens não consultam a população ou os líderes de opinião, que são os chefes locais, concluímos que o trabalho que se faz na comunidade não se traduz em ajudar a população entanto que tal, mas em tentar submeter uma certa ideologia contrária à vivência da mesma porque, no mínimo, deve-se fazer uma pesquisa sócio-cultural antes de introduzir-se uma nova componente nos receptores, para que não se considere os indivíduos como seres não pensantes ou que outros possam introduzir-lhes um novo conhecimento que nunca tiveram. Para nós, conclui o nosso entrevistado, é imperioso que se consulte à comunidade sobre que se pretende fazer para que os seus valores, crenças e ideologias sejam salvaguardados.

Verificando as respostas dadas pelas três componentes em análise relativamente à questão a aderência ao teatro pelas populações, as repostas dos emissores das mensagens (WV e PSI-JEITO) não destoam, porque ambos disseram que esta é massiva e que as pessoas das comunidades em causa gostam do que é transmitido. Entretanto, o líder

comunitário da região relata o contrário, dizendo que as populações não se fazem presentes em massa nos espectáculos transmitidos pelo facto de a World Vision e a PSI-JEITO não comunicarem com antecedência o seu aparecimento ou ida à comunidade, salientando que quando o sol nasce, sendo aquela uma zona rural, as pessoas preocupam-se em ir às sua machambas. O líder comunitário disse-nos ainda que quando os colaboradores directos destas organizações vão ao local de concentração encontram jovens e/ou crianças porque os mais velhos, logo pela manhã, apegam-se à agricultura.

Ao analisarmos os factos aferidos aquando da divulgação dos resultados dos inquéritos sobre a situação do HIV/SIDA no País, concluímos que os agentes que se encarregaram de dar mensagens para a mudança de comportamento e tomada de decisão estão a trabalhar com as populações numa situação de Tábula Rasa. Há que dar espaço à população para que possa trazer a sua contribuição no combate a esta pandemia, ouvindo-a e abarcando os seus valores morais e sociais, pois, o tecido social da população é diferente de região em região (Matsinhe, 2005, 45).

A questão da aderência massiva da população aos espectáculos deve ser considerada séria, devendo abarcar todas as faixas etárias, uma vez em que tem havido uma larga aderência juvenil, ao contrário daquilo que tem acontecido com as pessoas mais velhas, consoante o resultado das entrevistas efectuadas no terreno à comunidade, na pessoa do seu líder comunitário. Com efeito, este disse-nos que os encenadores dos espectáculos têm levado consigo alguns presentes que são oferecidos aos que respondem positivamente às questões que eles colocam, como sinal de que a mensagem transmitida durante a encenação foi compreendida. Achamos que esta modalidade é o que faz com que haja aderência de crianças neste tipo de espectáculos.

Para que o cenário seja invertido, em vez de somente preocuparem-se em atribuir presentes, convinha que os provedores das mensagens tivessem a capacidade de mudar a forma de proceder com os seus espectáculos, informando com antecedência o líder local da ida à comunidade, com o objectivo de fazer com que a outra parte que dificilmente tem assistido aos espectáculos consiga lá ir. Este novo cenário faria com que os mais novos e velhos conseguissem ter uma abertura e conversarem mesmo na ausência de espectáculos ou teatros, mudando de comportamento.

Quanto aos instrumentos usados para as demonstrações durante os espectáculos, a WV apegou-se no uso dum camião plataforma para demonstrar os seus programas. O camião cavalo denominado “caravana de esperança” tem apresentado os seus shows. A PSI-JEITO disse-nos, por sua vez, que tem mostrado ao público alguns materiais como um pénis de madeira, encenando a colocação do preservativo mas apenas após autorização por parte da comunidade. O líder comunitário, por seu turno, disse algo muito contraditório aos depoimentos das instituições encarregues de transmitir as mensagens

tendentes ao combate do HIV/SIDA e mudança de comportamento, dizendo que quando vão ao local nunca levam consigo algo expressivo para as demonstrações, somente falam por alto de assuntos relativos ao HIV/SIDA e da maneira como as pessoas podem se precaver e como podem continuar a viver já contaminados. Este desacordo quanto às respostas leva-nos a uma grande dúvida acerca do cumprimento dos objectivos do combate à doença pelos intervenientes. Temos a dizer que ainda falta um grande trabalho destas organizações para poderem controlar os índices de contaminação, pois, as zonas rurais de Moçambique ainda estão repletas de crenças e ideologias da primeira socialização dos indivíduos.

Quanto ao ponto que fala da relação entre as mensagens transmitidas e a susceptibilidade das populações, a WV e PSI-JEITO dizem ter um agente aceite na comunidade que lhes transmite as regras de vivência da comunidade para que nos dias dos espectáculos não se firam as sensibilidades locais. O líder comunitário, por sua vez, revelou-nos que as brigadas das organizações encarregues em levar as peças e encenarem junto da comunidade não fazem nenhuma consulta. Chegam e falam do tema que trazem para a comunidade, o que, frequentemente, resulta numa colisão com os valores comunidade. Por exemplo, eles chagam a dizer que “a poligamia é um dos elementos de transmissão do vírus do HIV/SIDA”, esquecendo-se que muitos dos homens desta região são polígamos, inclusive o próprio líder comunitário”. Trata-se de informações que não agradam a ninguém e é o que leva as pessoas mais velhas a não aderirem aos espectáculos. Para que haja um grande interesse nas populações em escutar as mensagens relacionadas com o combate ao HIV/SIDA, é necessário respeitar as suas crenças e modelos de vida, pois, pelo contrário, nenhuma mensagem vai poder passar devido ao desinteresse dos receptores da mesma. Se se violentar o público alvo, este vai criar barreiras e a mensagem não vai passar.

Analisando o factor comunicação, há um entendimento entre as partes inqueridas, pois, foram unânimes em afirmar que a comunicação tem uma importância maior na medida em que é o móbil das actividades desenvolvidas junto das comunidades rurais que são o seu público alvo.

O líder comunitário também inquerido sobre a mesma matéria comungou com as ideias dos responsáveis pela comunicação naquela região, dizendo que a comunicação é importante e que é por essa razão que consegue comunicar-se com as populações por ele dirigidas. A única falha por ele constatada é o facto de as organizações que trabalham naquela região na área de educação para a tomada de decisão e mudança de comportamento quanto ao combate do HIV/SIDA não o consultarem quando pretendem ir àquela comunidade para encenarem os espectáculos, o que leva à aderência apenas de pessoas de uma faixa etária menor, pois, os mais velhos poderiam fazer-se a eles através da sua convocatória porque ele é que é chefe da zona, pelo que é-lhe devido o

respeito pelos populares daquela região.

As partes inqueridas consideram e sabem que a comunicação é um factor de união e de transmissão das mensagens apesar de esta não acontecer quando é para comunicar algo às comunidades, o que não parece conveniente.

Um ponto crítico entre os entrevistados diz respeito à transmissão das mensagens na comunidade visitada. De facto, a WV - que é o sponsor da comunidade de Chidenguele - disse que o seu staff é que se encarrega de transmitir as mensagens por via dum assistente comunitário que trabalha pela organização juntamente aos membros do CCC, que são coordenadores das actividades entre a WV e as comunidades locais. Num outro passo, a assessora do director-adjunto de comunicação da WV disse-nos que trabalha em coordenação com outras organizações na região, mas cada uma com o seu enfoque e sua estratégia na comunidade.

A PSI-JEITO, por sua vez, esclareceu que trabalha em consonância com quase todas as ONGs em Gaza e que cabe a ela a transmissão das mensagens via teatro, tendentes a reduzir os índices de seroprevalência em qualquer ponto daquela província, frisando que todas as ONGs usam a mesma estratégia de comunicação de combate ao HIV/SIDA emitida pelo CNCS em Maputo, disseminada para todos os pontos do País.

Por sua vez, o líder comunitário por nós inquerido disse que, naquela região, um grupo teatral do PSI-JEITO tem ido fazer os espectáculos falando da pandemia do SIDA. Quanto à WV, aquele líder comunitário deixou transparecer que estes senhores aparecem para executarem outras actividades afins, como é o caso da agricultura, pecuária (criação de animais de pequena espécie, assistência aos doentes sofrendo do Sida, levando-os ao hospital) mas o teatro é feito na comunidade pelo grupo do PSI-JEITO.

Com estas constatações todas, podemos entender que o trabalho da WV em Chidenguele sobre o caso do HIV/SIDA cinge-se no encaminhamento dos doentes para o hospital e não no sentido de ajudar a mitigar a doença. Portanto, esta organização tem ajudado as comunidades noutras áreas e não na do Sida, relativamente ao teatro como comunicação.

Quanto ao envolvimento das populações na elaboração dos temas para o teatro, as partes inqueridas estiveram em desacordo total porque constatámos que a WV refere que existe um elemento na comunidade dá informação sobre a vivência da mesma.

A PSI-JEITO, por seu turno, esclareceu que as peças a serem transmitidas já vêm elaboradas a partir de Maputo, que é a Sede, e que eles somente adequam a letra à realidade da comunidade visada. Referem ainda que quando notam algo que possa perigar a sua comunicação com as comunidades, comunicam o assunto à Sede “Maputo” e esta altera o texto. Reconhecem que, por vezes, há uma inadequação das peças à

realidade, uma vez que Maputo é representativo de um contexto urbano e as peças são encenadas em zonas rurais, onde o tipo e a forma de vida são diferentes dos cidadãos.

O líder inquerido afirmou que nunca houve consulta junto às comunidades: “Quando eles pretenderem dar os espectáculos, aparecem e transmitem o que eles trazem consigo”.

Quanto aos níveis de interesse da população em assistir às exibições teatrais, as organizações inqueridas afirmaram que as comunidades aderem em massa aos espectáculos.

O líder comunitário contradiz os depoimentos dos emissores das mensagens, pois, para ele, a aderência é menor porque as pessoas mais velhas preocupam-se em ir às suas machambas. A aderência é, sem dúvidas, pequena em relação ao número da população que vive nesta zona. Nesta vertente, os actores deste projecto apregoam a comunicação organizacional (Kunsch, 1997, 48).

Quanto aos índices de seroprevalência em Chidenguele, a WV, a PSI-JEITO e o líder comunitário foram quase unânimes nas suas respostas. Reconhecem que os índices são altos em quase toda a província e que a região de Chidenguele é a mais afectada. O líder comunitário foi mais longe ao dizer que na região há muita gente a morrer por causa da mesma doença.

Sobre a relação grupo teatral e a comunidade local, as partes inqueridas esclareceram que estas são excelentes, sendo que o líder comunitário disse-nos que esse tipo de relacionamento deve-se ao facto de as organizações levarem consigo alguns prendas para comunidade, o que faz com que as pessoas se alegrem com a presença destas organizações.

Sobre a língua que os grupos teatrais usam nas encenações, quase todos deram a mesma resposta. Usam o Changana, misturando com o Chope, a língua que se fala em Chidenguele. Desse modo, os grupos teatrais adequam as peças às línguas locais. A PSI-JEITO reconhece que as peças são pensadas em português no local onde são escritas, mas quando chagam ao local de apresentação, elas devem ser traduzidas na língua local, havendo, porém, alguns constrangimentos no momento da tradução, pois, as realidades são distintas.

Conclusões

Uma das conclusões a que chegámos é o facto de o teatro desempenhar um papel fundamental para a mudança de comportamento. Entretanto, a comunidade deve ser consultada previamente sobre a temática a ser transmitida para que não haja conflitos entre as partes. O teatro é “universal”, a sua encenação nas comunidades é necessária;

porém, essa encenação deve ter em conta os valores, as crenças e as ideologias de cada comunidade. Caso contrário, as peças tornam-se ineficazes.

Nas actividades desenvolvidas pela World Vision em Chidenguele, a componente teatro está abarcada, sendo realizada por uma organização contratada para o efeito. Contudo, esta depende de temas elaborados em Maputo, o que vai sempre em desacordo com a realidade social vivida nas comunidades de Chidenguele.

O chefe da localidade defende que as acções da Visão Mundial tendentes à mudança de comportamento são feitas em regime de tábula rasa. No caso específico, isso significa uma situação em que a sede da organização é o espaço privilegiado para a discussão e elaboração dos programas de teatro, sem consulta prévia da comunidade. Esta estratégia não está a surtir os efeitos almejados.

A falta de consulta das comunidades pode ser o motivo que proporciona a falta de interesse por parte da população local, em participar nos teatros programados pelo grupo teatral da PSI-JEITO em parceria com a World Vision Moçambique. Podemos ainda concluir a nossa pesquisa colocando algumas hipóteses para que outros possam-se subsidiar das mesmas na verificação dos factos aqui constatados.

a) A não consulta das comunidades na elaboração dos temas para o teatro é o móbil da falta de interesse das comunidades em assistir aos espectáculos para elas levados pelos grupos teatrais contractados pela World Vision Moçambique.

b) A mudança de responsabilidades pelo sponsor da comunidade de Chidenguele em transmitir a mensagem mediante o uso do teatro é que leva à falta de assimilação por parte das populações locais da própria mensagem.

c) O facto de usar-se a técnica de Tábula Rasa é que cria um desinteresse nas populações relativamente à mudança de comportamento.

A comunicação é um factor indispensável no trabalho de sensibilização entre as partes (emissores e receptores). A falta de contacto com o líder comunitário numa zona rural em que ele é respeitado por quase toda a comunidade pode tornar a comunicação ineficaz.

Na elaboração dos temas a retratar nas peças, não se tem em conta o ambiente sócio-cultural da comunidade visada. Tal ambiente inclui a vertente linguística, que deve ser respeitada para que não se fira a susceptibilidade das comunidades beneficiárias das mensagens tendentes à mudança de comportamento e tomada duma atitude positiva quanto ao mal que se instalou no mundo, o HIV/SIDA.

Referências Bibliográficas

- Amaral, Cláudio (1999). A história da comunicação empresarial. São Paulo. 2ª edição; Gente
- Buenos, Wilson da Costa (2003). Comunicação Empresarial: teoria e pesquisa, São Paulo, Manoela.
- Bordinave, Juan Dias (2003). O que é comunicação, coleção primeiros passos. São Paulo: Ed. Brasiliense.
- Chiavenato, Adalberto (1997). A administração: teoria, processo e prática, 5ª edição, São paulo. Editora S.A De CV.
- Cornewell, at all (1990). Democracy and the Arts: The Role of Participation, Westport, London.
- Daniels, Tom at all (1997). Perspectivas teóricas da comunicação organizacional. 4ª Ed. Dubuque.
- Einseberg, Eric M. and Goodall Jr. H. L. (1997). Organizational communication: valancing, creativity and constraint, second edition. New York, USA. St: Martin's press, 425.
- Freud, Sigmund (2002). O mal estar da civilização, Rio de Janeiro, Saramago, 145/6
- Giangrand, at all (1997). O cliente tem mais do que a razão, São Paulo: Editora Gente.
- Kunsh, Margarida Maria Krohling (1997). As organizações modernas necessitam de uma comunicação integrada. São Paulo, Brasil
- Marchiri, Regina Marlene (1995). Organização, cultura e comunicação - elementos para novas relações com o público interno, São Paulo, Brasil
- Montardo, Sandra Portella (2001). Comunicação: campo de mediações e complexidade.
- SROUR, R.H. Poder cultura e ética nas organizações (1998), Rio de Janeiro. Brasil
- Matsinhe, Cristiano (2005).Tábula Rasa, Dinâmica da resposta moçambicana ao HIV/SIDA, textos editores, Maputo.
- Wolf, Mauro, (2006). Teorias da Comunicação, Editora Presença 9ª edição, p.21, Lisboa.

Comunicação para o desenvolvimento sustentável em Moçambique

O caso da Vila do Milénio de Chibuto

Francisco Ngwenya*

Resumo:

O presente artigo é uma reflexão em Comunicação para o desenvolvimento centrada na visão da UNESCO no contexto do desenvolvimento sustentável. Toma-se, neste contexto, a comunicação, a informação e a educação como os elementos centrais que nos ajudam a perceber até onde vão as forças do Governo no fomento do uso da Ciência e da Tecnologia para se incrementar o desenvolvimento. A unidade de análise é a Vila de Milénio de Chibuto, Distrito de Chibuto, Província de Gaza.

O artigo procura mostrar as políticas de comunicação usadas pelas Vilas de Milénio em Moçambique, em particular na vila de Chibuto. Procuramos evidenciar a importância do fluxo de informação em qualquer contexto como um sistema que fundamenta o bem-estar e a liberdade desejável nos processos de aquisição de conhecimento bem como na produção de bens de consumo.

Partindo da abordagem de Lenner & Schramm (1973), o trabalho de campo possibilitou a constatação de uma comunicação unidirecional que se torna incapaz de dar credibilidade à opinião pública devido às suas falhas, pois, a vila demonstra-se fraca neste processo.

Palavras-chave: Comunicação; Informação; Educação, desenvolvimento sustentável e Comunicação para o Desenvolvimento.

* Francisco Ngwenya, Licenciado em Jornalismo pela Escola de Comunicação e Artes da UEM e Mestrado em Sócio-Economia do Desenvolvimento pelo Instituto Superior de Ciência e Tecnologia de Moçambique - Docente da Escola Superior de Jornalismo e Pesquisador do CEC.

Communication for sustainable development in Mozambique: the case of the Chibuto Millennium Village

Francisco Ngwenya*

Abstract:

This article is a reflection on Communication for Development centered on UNESCO's vision in the context of sustainable development. It takes, in this context, communication, information and education as the core elements that help us to realize the power of government in promoting the use of science and technology to enhance development. Being more effective, we take as our object for analyzes the Millenium Vilage of Chibuto, in Chibuto District, in Gaza Province.

This article seeks to show the communication policies used by the Millennium Villages in Mozambique, particularly in Chibuto. We seek to highlight the importance of information flow in any context as a system that bases a well-being and freedom desirable in knowledge acquisition processes as well as in the production of consumer goods.

Lenner & Schramm (1973) assisted us to perceive the one-way of communication flow that is ineffective to give credibility to public opinion because of its failure, as the village has demonstrated its limitation in this process.

Key words: Communication, information, Education, sustainable development, Communication for Development.

* Holder of a licentiate degree in Journalism from the School of Communication and Arts of the UEM, and a Master's Degree in the Socio-Economics of Development from the Higher Institute of Science and Technology of Mozambique – Teacher at the Higher School of Journalism and Researcher at CEC.

Introdução

O presente artigo faz uma breve análise sobre a situação da comunicação nas vilas de Milénio (novo conceito das aldeias comunais) cujo ressurgimento tinha em vista condicionar um desenvolvimento sustentável para as comunidades desfavorecidas das regiões mais pobres do país. A pesquisa procura olhar para a forma de comunicação usada no âmbito da partilha de conhecimento tomada pela Vila de Milénio de Chibuto como sendo o fundamental para o uso da ciência, técnica e tecnologia no âmbito da produção de bens de consumo e não só.

Partimos com o objectivo de compreender o papel da comunicação nas estratégias de difusão da Ciência e Tecnologia (C&T) na implementação dos programas das Vilas de Milénio em Moçambique (VMM) no contexto do desenvolvimento sustentável. A vila tem como princípio norteador uma gestão local das actividades de desenvolvimento, onde a comunidade define suas metas. Nos países em desenvolvimento, onde os recursos humanos são vistos como fracos em termos técnicos, o processo educativo tem sofrido várias interferências político-ideológicas, daí não cumprir na íntegra o seu papel. A implantação da Vila como um mecanismo de introduzir o uso da técnica e da tecnologia nos Distritos tinha em vista suprir estes males e incrementar o desenvolvimento.

O fundamento teórico do trabalho reside no pensamento de Schramm (1976), que defende que, no geral, o fluxo da comunicação e a informação pública tornam-se cada vez mais instrumentos da elite. Esta informação (Schramm, 1976), que circula lentamente e é quase que inexistente nas zonas rurais, encontra alguma barreira também na sua circulação no meio urbano. Por outro lado, a comunicação interpessoal mede-se em função das necessidades do fluxo dos meios que, por sua vez, dinamizam e incentivam os debates públicos em cada contexto social. Por isso, a informação e a comunicação, através do uso de novas tecnologias, oferecem oportunidades diferenciadas para acelerar o processo educativo.

O artigo examina a comunicação e a forma de circulação de informação na promoção do desenvolvimento nacional, pois, a comunicação constitui um dos eixos fundamentais para o desenvolvimento.

1. Metodologia

O presente artigo usa uma abordagem qualitativa, tendo como seu terreno de pesquisa empírica o Distrito de Chibuto. Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, fizemos uma pesquisa bibliográfica e documental e, posteriormente, entrevistas e observação directa, em Maputo e no distrito de Chibuto, província de Gaza.

A razão principal da escolha do distrito de Chibuto é por nele localizar-se a Vila do Milénio, pioneira de desenvolvimento comunitário em Moçambique. Em Maputo, foram

feitas entrevistas junto a testemunhas-chave, tais como docentes universitários e pesquisadores em comunicação para o desenvolvimento. Já, em Chibuto, as entrevistas foram dirigidas a membros do Governo distrital, líderes comunitários e religiosos, chefes dos bairros, jornalistas, membros da comunidade e beneficiários dos serviços da vila.

2. O papel da comunicação e da informação no desenvolvimento sustentável

Partindo do princípio de que “conhecimento é poder” (Schramm, 1976: 45), enfatizando o papel da informação e comunicação, o Governo, em parceria com as Agências de Cooperação Internacional para o desenvolvimento sustentável, investe no uso da técnica nas comunidades como forma de dinamizar a produção e produtividade.

Schramm (1976: 55), sustenta que o fluxo de informação ajuda as comunidades a adquirirem conhecimento do uso da técnica, substituindo assim o ensino, processo por ele designado como lento e moroso por exigir a construção de escolas e outras infraestruturas. Briggs & Burke (2006: 262) referem que os “processos de aprender e ensinar seriam afectados mais profundamente pela nova disponibilidade de informação do que qualquer outra área da vida humana”. Aqui, os autores valorizam o fluxo da comunicação como sendo um instrumento para dinamizar o conhecimento e influenciar na mudança de comportamento no desenvolvimento sustentável.

A informação regula as normas sociais numa sociedade, pois, ela sempre foi “considerada o princípio organizacional da própria vida” (Briggs & Burke, 2006: 260). Num processo comunicativo, ela ajuda as comunidades a tomarem uma decisão. Por sua vez, Schramm (1976: 75) argumenta que a comunicação e a informação criam e recriam estruturas que garantem uma coesão social. O processo comunicativo percebido por Schramm (1976) dinamiza a participação da sociedade na produção de bens.

Para Valá in (RCS, 2011: 35), as necessidades de informação e comunicação nos países do terceiro mundo medem-se pelo seu nível de desenvolvimento. O autor aponta que a comunicação formal em prol do desenvolvimento rural em países do terceiro mundo é insuficiente e ineficiente.

Voltando para as análises de Schramm (1976: 76), concluímos que o desenvolvimento de um país influencia o aparecimento de mais formas de comunicação porque “à medida que o desenvolvimento nacional é encaminhado, não são as funções da comunicação que se modificam mas as quantidades de comunicação”, de tal sorte que sua função se mantém estacionária levando a cabo os seus objectivos de modificar o comportamento da sociedade face ao desenvolvimento.

Vide grupo de entrevistados.

A disseminação de informação faz com que as necessidades do público se evidenciem e se tomem medidas tendentes ao bem comum garantindo um ambiente para o desenvolvimento. O argumento de Schramm é que “a comunicação está sempre no centro da existência para qualquer sociedade, em desenvolvimento ou não. (...) se o fluxo de informações e os canais de comunicação não são adequados a essas tarefas, eles devem ser elevados ao nível da necessidade” (Schramm, 1976: 98). Isto quer dizer que a comunicação em uma nação em desenvolvimento, em particular, é uma necessidade urgente porque influencia uma mudança social. Por outro lado, “a comunicação moderna, sabiamente usada, pode ajudar a integrar comunidades isoladas, as subculturas diferenciadas, os indivíduos e grupos auto centralizados e os desenvolvimentos separados em um desenvolvimento nacional verdadeiro” (Schramm, 1976: 79).

Nas estratégias de desenvolvimento sustentável em Moçambique, Mucavele (2013) analisa que o processo de desenvolvimento é dinâmico e complexo. A sua análise tende a ser difícil devido à multiplicidade dos factores determinantes do desenvolvimento sustentável. O desenvolvimento deve reduzir as diferenças entre ricos e pobres. Outrossim, deve incluir a mudança de atitude das pessoas perante a poupança e o investimento, onde a prioridade deve ser a comunidade, trazendo para si os seus benefícios.

A comunicação e a informação regulam as normas e as relações sociais e ajudam as comunidades a tomarem uma decisão. Por isso, em Schramm (1976: 75), podemos entender que os “novos avanços em comunicação afetam a sociedade e novos avanços em qualquer setor da sociedade afetam a comunicação. (...) um certo nível de estágio de desenvolvimento da comunicação tem de acompanhar o nível e estágio de desenvolvimento social” bem como económico, na medida em que a comunicação e a informação dinamizam a participação da sociedade na produção de bens económicos e industriais.

Na medida em que a função da comunicação se torna manifesta, levando a cabo os seus objectivos de modificar o comportamento da sociedade face ao fenómeno do desenvolvimento, a quantidade de mensagens que circula dinamiza-se cada vez mais em termos quantitativos. Olhando para esta perspectiva, percebemos que a dinâmica de desenvolvimento seja directamente proporcional às dinâmicas de comunicação, na medida em que as tecnologias, tanto de desenvolvimento como de comunicação, se auto-influenciam.

O ponto central em Schramm (1976:98) e Valá (2011-35-36) é que a comunicação está sempre presente em qualquer sociedade, em desenvolvimento ou não, por isso, se o fluxo de informações e os canais de comunicação não são adequados no processo de partilha de conhecimento, eles devem ser elevados ao nível da necessidade. Na verdade, Schramm

(1976) toma esta posição como apologista da teoria desenvolvimentista, influenciada por um fluxo dinâmico de comunicação e de informação.

3. Perspectivas da Comunicação para o desenvolvimento

Comunicação para o desenvolvimento é um fenómeno muito recente no qual se cobre a relação comunicação e desenvolvimento. Este conceito seria o conjunto de manifestações da comunicação que buscam incidir em aspectos políticos, sociais, culturais, económicos e de sustentabilidade, visando a harmonia das condições socioeconómicas dos indivíduos. Por outro lado, podemos afirmar que é um estudo e utilização de estratégias de comunicação para informar e influenciar as decisões dos indivíduos e das comunidades no sentido de promoverem o uso de técnicas que incrementem a produção e o bem-estar. Jara (2001) apud Callou & Braga (2005: 37) entende tratar-se de um conjunto de processos de concertação ou orquestração dos diferentes actores sociais empenhados no desenvolvimento sustentável das potencialidades económicas endógenas.

Obregón (SD: 2) entende ser uma comunicação feita a partir dos meios onde os líderes de opinião exerçam influência sobre as pessoas nas zonas periféricas para obedecerem aos critérios locais. Mas não basta despejar informação nestas zonas para que se observe desenvolvimento. Isto é, “é preciso que se perceba o comportamento do receptor que dita ou não a forma como ele recebe ou entende a mensagem” OBREGÓN (SD: 2). A comunidade rural, vista numa outra perspectiva, de acordo com Valá (2011: 35), tem a sua forma de auto-organização, por isso, as influências a que esta pode sofrer são do ponto de vista interno e com base nas suas dinâmicas e necessidades.

A comunicação feita para a comunidade nas zonas rurais deve pressupor uma interacção entre os que dão ajuda (países mais desenvolvidos) e os que são ajudados (em vias de desenvolvimento). Portanto, em Schramm (1976: 102), podemos perceber que o fluxo decrescente da informação parte dos países mais ricos para os mais pobres, fornecendo a esses últimos a técnica. Em suma, a informação parte do ponto mais equilibrado do conhecimento da técnica para o ponto desequilibrado. A reacção dos que recebem ajuda vai determinar como é que eles pretendem ser ajudados. Isto é, a comunicação desenvolvida neste contexto deve ser capaz de influenciar na mudança social, muito em particular, no conhecimento da técnica.

O ponto central, neste contexto, é poder mostrar uma comunicação capaz de trazer uma mudança de comportamento a partir de uma negociação que possa guiar um entendimento “e troca de conhecimento porque o receptor não é uma tábua rasa. O profissional colhe experiências locais e dentro desse contexto analisa o ponto de partida para a sua comunicação” (Mário, em entrevista. 2012).

Conforme Mário explica, a comunicação para o desenvolvimento, em última instância, é desenvolvida pela comunidade porque os superiores hierárquicos, desde os Ministros até aos funcionários intermediários, não olham para a comunicação como um fundamento importante no sentido de, de uma forma geral, desenvolver aspectos de mudança social, mas a tomam como algo insignificante. Ora, esta comunicação deve reduzir as incertezas. É preciso perceber que o que a comunidade faz, bem como a sua forma de fazê-lo, é um conjunto de aprendizados de gerações, o que acabou se tornando num hábito cultural. Portanto, é necessário procurar formas de, a partir da comunicação, reduzir as incertezas e as dúvidas.

Portanto, a comunicação, com base no uso de ferramentas próprias, abre espaços para a mudança social e, bem como “regula o nível de tensão social” SCHRAMM (1976:70). Este regular das tensões sociais é o que percebemos ser trazido pelas incertezas advindas a partir da comunicação. Portanto, partindo do pressuposto que a comunicação é um fenómeno cultural, o processo da sua difusão também é cultural, o que gera muito subjectivismo a partir da forma de interpretar estas mensagens. A comunicação torna-se numa arma poderosa na medida em que pode criar mal-estares.

Uma rádio nacional dificilmente poderia fazer abordagens de assuntos que chamem atenção, em particular, à comunidade nos pontos mais recôndito do País. Porém, seu papel seria de saber a que público serve, porque nas rádios nacionais há assuntos gerais e específicos, destinados a públicos específicos. “Quando um programa é para uma zona recôndita, é preciso encontrar uma linguagem clara, directa e de fácil entendimento de acordo com as características e necessidades de cada meio” (Tinga, em entrevista. 2012), pois, à medida que se difunde a mensagem, é preciso ter em conta que o “seu fim é trazer mudança para o melhor na vida social. Por isso, deve incentivar as pessoas a assumirem um compromisso” (Mário, em entrevista. 2012).

É neste contexto em que podemos interpretar a dinâmica da comunicação como um factor preponderante não somente para o desenvolvimento, mas também para unificar a comunidade e condicionar bons relacionamentos. Porém, sentimos haver, de acordo com Tinga (em entrevista.2012) e Mário (em entrevista. 2012) que em Moçambique os fluxos de informação são deficitários dado “estes meios de comunicação ainda circularem dentro das grandes cidades (...), o bom fluxo significa que todos devem ser atingidos” (Tinga, em entrevista. 2012). Portanto, cada vez mais que a comunicação se torna urbana, na visão de Lucian Pye (1989), apud Schramm (1976:119-120), ela marginaliza a sociedade rural, mas quanto mais se torna rural, ela se torna inclusiva. Por isso, segundo Deutschmann (1990) apud Schramm (1976:129), esta informação cai à medida que se sai da cidade em direcção às povoações.

A comunicação deve ser uma partilha e deve proporcionar informação que seja capaz

de consciencializar as comunidades, tanto urbanas como rurais. Contudo, para que esta mensagem seja perfeitamente partilhada, é “preciso que o emissor conheça o conjunto dos códigos do seu público, a forma como conversam e em que mais acreditam para partilhar com eles algo de útil” (Mário, em entrevista. 2012). Este pressuposto leva-nos a perceber a necessidade de haver uma proximidade entre o comunicador e o receptor da mensagem, o que Schuler (2004: 22-29) chama de sinergias, havendo uma adequação e combinação nos elementos que fazem parte do sistema. Porém, não encontramos no contexto mostrado pela autora a sinergia que se pode enquadrar neste meio observado (sujeito-receptor), onde, cada vez mais, a comunicação vai se tornando educativa, pois, reveste-se dos valores da comunidade.

A educação informal que pode funcionar muito bem nas transformações sociais, em particular quando se trata da sociedade rural, revela-se importante no contexto do uso das TICs como uma das modalidades comunicativas mais eficientes e com maior impacto no contexto social na medida em que melhora as condições do fluxo de circulação de informação e comunicação. Porém, no contexto moçambicano, em particular nas zonas rurais, os centros multimédia e toda uma gama de meios que possam dinamizar a comunicação estão obsoletos e/ou não existem.

4. O que são Vilas de Milénio?

A Vila do Milénio Moçambique (VMM) representa uma comunidade rural ou um agrupamento de comunidades de baixa renda que congrega, pelo menos, 5000 habitantes (MCT, 2006). É um programa do Governo, implementado pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) que visa influenciar na redução da pobreza absoluta com base no trabalho das comunidades empobrecidas através do uso das capacidades e potencialidades locais. Ele tem como enfoque a expansão e o uso de Ciência, Tecnologia e gestão do conhecimento nos países em vias de desenvolvimento.

Com a proclamação da Independência Nacional em 1975, o novo Governo, dirigido pela Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), adoptou, com a viragem marxista-leninista de 1977, uma política de desenvolvimento rural baseada na Socialização do Campo, que incluía a alteração das formas de organização rural e dos sistemas de produção para aumentar a produtividade e acelerar o desenvolvimento nacional. A materialização deste programa foi possível graças à mobilização comunitária para se concentrar em aldeias comunais, matriz de governação implementada pelo governo da FRELIMO na qual houve uma grande aderência, o que permitiu a rápida organização das comunidades. Neste contexto, a aldeia comunal era a base fundamental do desenvolvimento, como forma de implantar vilas nas zonas rurais e assentar a população de forma organizada, tornando-se numa solução para contornar a localização dispersa e isolada das comunidades (MCT, 2006: 18).

Volvidas décadas e perturbado pela guerra Civil que culminou com os acordos de Paz em 1992, o Governo de Guebuza, na sua política de desenvolvimento das comunidades, decidiu retomar a ideia ora remota. Neste caso, tomam-se os Distritos como polos de desenvolvimento e retorna-se ao conceito das aldeias comunais, mas com a designação de Vilas de Milénio de desenvolvimento, como um reforço às respostas do ODM, o que passou pela análise da agenda do Governo Central e do Governo Distrital com auxílio de uma investigação apurada e minuciosa do MCT em parceria com o PNUD.

A Revista Vilas do Milénio (2010: 11) mostra que o Programa Nacional das Vilas do Milénio em Moçambique (PNVM) é composto por cinco pilares: a Agricultura; a Educação; a Saúde, Género, HIV e SIDA; Água e Saneamento do meio e Infraestruturas, cuja combinação se torna pertinente para um desenvolvimento pleno e sustentável. Neste sentido, toma-se um conjunto de infraestruturas, nomeadamente, as TICs e a C&T como sectores fundamentais no apoio ao modelo de desenvolvimento sustentável.

Como forma de monitorar o nível de implementação dos projectos da Vila em todo o país, o MCT cria o Centro de Investigação e Transferência de Tecnologias para o Desenvolvimento Comunitário (CITT), através do Decreto 36/2010 de 01 de Setembro. De acordo com Manganhela (em entrevista, 2013), o CITT trabalha com parceiros técnicos a nível nacional bem como com consultores externos que proporcionam uma dinâmica do trabalho, isto é, “o CITT apenas funciona como o órgão que coordena as actividades das Vilas em todo país”. O centro aplica as suas teorias do desenvolvimento comunitário com base nas condições locais, sendo que a sua missão é assegurar a coordenação das acções de consolidação e expansão do PNVM. Com efeito, o centro, em colaboração com a comunidade e líderes comunitários, mostra-se prestativo para fazer valer a sua missão em colocar as zonas rurais em operação para o combate à pobreza através do aumento dos rendimentos familiares.

No contexto do desenvolvimento comunitário, a partir dos esforços do Governo e parceiros estrangeiros e locais, houve necessidade de se desenhar e implementar as Vilas de desenvolvimento em Moçambique como forma de criar condições locais de alívio à fome e à dependência externa das comunidades. Chibuto é o primeiro Distrito em Moçambique a ter uma VMM, sob tutela do MCT em estreita cooperação com PNUD, cobrindo uma área de 9 hectares no bairro Samora Machel (com cerca de 13 mil pessoas), uma localidade que se situa entre as mais pobres do País, onde as consequências da guerra civil e das cheias de 2000 ainda se fazem sentir.

De acordo com Saíde (em entrevista, 2013), a vila fornece serviços que condicionam sua boa imagem como instituição, porém, esta usa uma informação que manipula o que

dificulta um diálogo pleno com a comunidade. Este facto nos ajuda a perceber que a informação que circula na Vila de Chibuto é processada em três momentos/vias: 1) a prática – que mostra como produzir, conservar alimentos e/ou higiene individual; 2) por panfletos, onde se apresentam figuras demonstrativas e; 3) mediática. A maior parte da comunidade não sabe ler e/ou escrever e, por isso, o panfleto não é seguro.

5. A Vila do Milénio de Chibuto – sustentabilidade e desenvolvimento

A comunidade de Chibuto conta com mais de 40 líderes comunitários que funcionam como pontos focais entre as lideranças governamentais e a comunidade. A eles também se confia uma série de informações sobre o Distrito como um todo. A grandeza do Distrito em tamanho e em número de habitantes revela-nos o árduo trabalho que estes têm na difusão de informação, que é feita porta-a-porta ou em encontros comunitários, agendados bem como extraordinários.

Olhando directamente para o nível socioeconómico do Distrito de Chibuto, uma comunidade meramente rural, observámos um índice de desenvolvimento humano muito baixo. Os motivos que podem justificar este fenómeno são vários, desde a fraca capacidade do Governo em prover serviços básicos como a educação condigna até aos serviços de saúde e nutrição (estes serviços estão todos eles obsoletos). Portanto, o nível de circulação de informação útil a partir dos meios de comunicação condiciona, de acordo com os argumentos de Briggs & Burke (2006:262), uma disponibilização de informação e, conseqüentemente, uma aprendizagem. Portanto, esta informação não é disponibilizada de forma regular, o que torna difícil a aprendizagem, na medida em que apenas encontramos um meio de comunicação alternativo que não cobre todas as necessidades da comunidade.

A comunidade de Chibuto mostra que conhece e reconhece a Rádio Comunitária de Chibuto (RCC) como o único meio que, a todo momento, difunde informação. Ao que tudo indica, parece que a rádio monopolizou o sistema de fluxo de informação até ao ponto de colocar em sua dependência toda a comunidade, apesar de haver outras opções de meios de comunicação, como o televisivo e os meios impressos, mas com menor difusão.

A rádio Chibuto tem sido um veículo muito importante para a Vila no sentido de ser o instrumento que dinamiza a circulação de informação no contexto social. O programa da vila passa pela rádio em dias pré-definidos em função da grelha de programação. No entanto, há dúvidas sobre este processo de difusão ou circulação de informação através do meio rádio na medida em que, na comunidade, “poucos conhecem a vila de Chibuto” (Numaio, em entrevista. 2013). Estes argumentos ajudam-nos a perceber que há um tipo

de comunicação que, na óptica de Schramm (1976:98), pode justificar a não adequação dos canais usados. Por isso, “percebe-se que não há desenvolvimento. Apenas fizeram tanque e corredor de água e, prontos. Tínhamos que ver pessoas a trabalharem no concreto” (Mulinde, em entrevista. 2013). Ou seja, as actividades da vila tornam-se omissas a partir do momento em que o seu impacto não se verifica.

A comunicação activa e a circulação de informação no Distrito “ajuda a comunidade a reduzir incertezas” (Machava, em entrevista. 2013). Este aspecto mostra, segundo Schramm (1976:70), que o fluxo de informação se torna importante na regulação do nível de tensão social, o que, de certa forma, apazigua os descontentamentos sociais. Porém, “decidir o que comunicar exige que nos concentremos não tanto sobre a comunicação, mas sobre a mudança” (Schramm, in Lerner & Schramm, 1973: 34).

As informações sobre a chegada da Vila no Distrito circularam em vários domínios, pese embora as lideranças locais não tenham sido formalmente avisadas. Assim, ouviam-se boatos acerca disso na comunidade, pois, “as pessoas falam mesmo em conversa no bairro Mudada. É difícil dizer quem diz, mas ouço” (Macuácuca, em entrevista. 2013), ou porque “conheceu a Vila através dos que vivem na comunidade” (Machel, em entrevista. 2013). Tal remete-nos à ideia de a comunicação visar “atingir a pessoa ou pessoas capazes de decidir a mudança” (Schramm, in Lerner & Schramm, 1973: 38).

A informação que circula no seio das comunidades visa, de acordo com Schramm (1976: 138), comunicar à população como anda o programa e de que necessita. Ora, a trilogia vila-rádio-comunidade que pode ser encontrada no Distrito de Chibuto e na vila em particular, faz-nos indagar sobre a possibilidade de existência de um relacionamento social que surge com base em três eixos: da comunicação a partir da vila, da comunicação a partir da rádio e da comunicação a partir da comunidade, onde os três partilham um conjunto de informações para o benefício social.

A comunidade reconhece que as actividades desenvolvidas pela vila impulsionam e motivam. Por outro lado, ela faz-nos perceber a necessidade de se dinamizar cada vez mais a circulação de informação em todas as vertentes, quer pela rádio, quer pela televisão ou jornais (embora não existam) bem como pela internet. Porém, as melhores relações são vistas entre a rádio e a comunidade, na medida em que a rádio “difunde informação do interesse social bem como temas que eles definem como sendo os mais importantes a serem tratados” (Machava, em entrevista. 2013). A este processo de fluxo de informação, Schramm (1976: 115) refere tratar-se de uma tendência de dar informação aos que estão mais disponíveis a consumi-la, isto é, aos grupos que se encontram nas grandes cidades do que nas regiões rurais.

Confirmamos este facto quando os entrevistados afirmam que “na vila não temos

nenhuma informação” (Adamo, em entrevista. 2013) ou “há falta de informação no Chibuto ...” (Timbana, em entrevista. 2013); mesmo que a rádio faça esforço para tal, ela não consegue satisfazer as demandas do Distrito. Pois, “(...) será que todos ouvem?” (Mandlate, em entrevista, 2013). Schramm (1976: 75), ao referir-se aos meios de comunicação neste contexto, mostra que “os países subdesenvolvidos possuem também um sistema subdesenvolvido de comunicação”, o que faz com que o sentimento sobre estes meios seja negativo, pois, seu uso é limitado. Por sua vez, Lima (2008: 38) aponta que saber usar a informação é condição sine qua non na condução e alcance de bons resultados. Percebemos, por esta via, que a vila pouco sabe usar a informação e muito menos dar valor e conhecer ou prever os seus possíveis impactos.

Esta informação que circula e que é dinamizada pelos líderes chega até às comunidades através de uma comunicação directa que ocorre entre estas e o Governo distrital. Este tipo de comunicação pode ser entendido, na visão de Fortes (1999: 11) e Lenner & Schramm (1973: 38), como uma comunicação dirigida. Para este autor, a comunicação dirigida cria um entendimento e relacionamento entre as organizações e a comunidade fazendo com que, entre os dois, haja um comprometimento no apoio aos esforços operacionais e à consecução dos objectivos almejados. Este mecanismo de não definição da estratégia de circulação de informação contraria as visões de Torquato (2004: 67), que refere a necessidade de se estabelecer, na comunidade, uma informação fundamentada e de valor diferenciado.

Conforme as outras organizações não-governamentais ou associações da sociedade civil na prestação de ajuda, a vila não foge à regra, por isso, a comunidade tem prestado maior atenção aos seus serviços. Porém, há quem afirme nunca ter visto os agentes da vila a se aproximarem das suas comunidades para, de uma forma directa, debaterem assuntos inerentes ao seu desenvolvimento. Pois, “não há nada que venha do milénio, o que existe é as pessoas que receberam ajuda de forma directa” (Macuácuá, em entrevista, 2013).

Neste caso, não é então a comunidade que não percebe o que é a vila, mas sim ela é que não se fez perceber relativamente aos seus objectivos e missões a cumprir dentro daquele contexto. Ou seja, é preciso que os agentes da vila comuniquem o que pretendem à comunidade, pois, “comunicar à população como anda o programa e de que necessita (...)” Schramm (1976: 138) faz desta perceber os objectivos pretendidos e cooperar na medida em que vai se engajando no contexto dos objectivos preconizados.

Ora, as afirmações de Ofisso (em entrevista, 2013) remetem-nos à ideia de que a vila, como um projecto, não fez saber a estratégia de incidência na comunidade, o que fez com que a comunidade não se aproprie dela. Pelas análises feitas, constatámos um fracasso eminente da vila, pois, o que era desejado não se concretiza, daí, o impacto negativo.

Neste caso, apenas ocorre a transmissão de mensagem e não um diálogo, como era de se esperar. Este facto faz-nos perceber que, no processo comunicativo nas nações em desenvolvimento, usa-se um sistema de mão única, o que explica a limitação da informação na vila (Schramm, in Lenner & Schramm, 1973: 31-33). Isto é, consideramos ser usada uma estratégia com limitações maiores no que se refere ao alcance ao público. Pois, Torquato (2004: 67) mostra que quanto mais estratificada for a mensagem maior será a possibilidade de se transmitir dados tangíveis que possam colaborar racionalmente na tomada de decisão e motivar os sujeitos por aquilo que vêem, tocam ou sentem de modo a se engajarem no processo desejado. É por isso que se afirma que “não temos nenhum envolvimento sobre o desenvolvimento das pessoas necessitadas. Devia haver ligação entre a vila e o município e maior envolvimento com a comunidade” (Pe. Dauto, em entrevista, 2013).

Observa-se, neste ambiente, um tipo de comunicação que, na visão de Hunt, apud Kunsch at all (2006: 111), é descendente e de mão única, onde o receptor da mensagem torna-se um receptáculo de informação e sem poder de criar uma retroalimentação neste processo de comunicação. A esta perspectiva, o processo comunicativo torna-se ideológico e com maior poder de desestruturar a coesão social na medida em que o sentimento do receptor nunca é atendido. Tal acontece porque as lideranças locais estão fora do processo comunicativo, o que nos remete ao contraste do pensamento mostrado por Soares (2000:14-15), que considera que o processo comunicativo entre dois sujeitos vale-se pela valorização dada ao receptor onde este ele não apenas serve como receptor mas também em poder responder ao lhe é dito.

É por estes motivos, há falta do conhecimento sobre a vila no seio da comunidade, condiciona um maior envolvimento comunitário na satisfação dos objectivos institucionais. No entanto, apenas se ouvem comentários nas comunidades e sem nenhuma “ligação sustentável que esteja directamente ligada a assuntos de desenvolvimento junto à comunidade” (Pe. Dauto, em entrevista, 2013). Quando um sistema de comunicação é desenvolvido, de acordo com o autor, torna o conhecimento especializado e mobilizável onde seja necessário e prevê um foro para a discussão e a tomada de decisões de forma participativa e dinâmica.

A informação pode ser usada como um instrumento para despertar a consciência da comunidade do ponto de vista humano, social, cultural e cívico e pode contribuir no crescimento da vila. O que quer dizer que a vila deve dar valor aos processos de comunicação, pois, nos dias que correm, “há uma valorização social do mundo da comunicação” (Soares, 2000: 15), que influencia na mudança de comportamento, apregoado em qualquer domínio onde se preze um bom relacionamento e desenvolvimento social.

A vila contribui de forma significativa na capacitação da comunidade no uso das novas tecnologias através do uso dos meios de comunicação como a rádio comunitária local. Neste contexto, observámos que o papel da vila dentro da comunidade é “incentivar os jovens e a comunidade na busca do conhecimento para a sementeira e uso de várias técnicas de produção modernas” (Mucachua, em entrevista, 2013).

Há um empenho da parte da vila em proporcionar serviços condignos à comunidade que se podem medir pelas novas formas de estar dos que se beneficiaram dos projectos, porém, a comunidade não se apropriou do projecto como seu. Há uma dependência criada no seio da comunidade em termos das várias actividades criadas, isto porque “gostaríamos que voltassem com o projecto para ajudar outras pessoas. A vila devia ir avante de modo a que possa diminuir o desemprego” (Ofélia, em entrevista, 2013). Ora, por estas analogias, Mungoi (em entrevista, 2013) refere que se as pessoas pensarem que o projecto é um programa que vem de fora, apenas há intervenientes e não pertence à comunidade, a sustentabilidade ficará em causa. Daí a necessidade de avaliar o nível de apropriação e fazer dele o seu *modus operandi*.

A crítica é geral quando se fala sobre a circulação de informação, pois, não há visibilidade do que se faz na vila de Chibuto, ou seja, há “muito pouco do desenvolvimento” (Mulinde, em entrevista, 2013). A falta de visibilidade prende-se com o facto de a vila não coordenar todas as actividades com a comunidade, por um lado, e usar modelos de comunicação desajustados, como é o caso do modelo mecanicista apresentado por Shannon e Weaver (1949) Apud Fisk (2001: 12) e (Schuler et al., 2004: 12-13), que não permitem troca de informação. Isto faz-nos perceber que na vila a comunicação privilegiada é unidirecional.

Conclusões

O estudo realizado levou-nos a concluir que a melhoria do bem-estar passa através de duas grandes dimensões: a Saúde e a Educação (ambas passíveis de serem proporcionadas com base na informação). A estratégia de difusão da informação na Vila de Chibuto é latente, o que dificulta a criação dos pactos sociais que aproximam os indivíduos no combate a um problema comum. Por outro lado, a comunicação dirigida, mais privilegiada pelas lideranças, contraria os pressupostos do fluxo de comunicação eficiente e eficaz na medida em que não condiciona bons relacionamentos.

Constatámos que a utilidade da informação na comunidade de Chibuto não é relevante dado o facto de se tratar de um instrumento não visível. Porém, há uma interacção dinâmica que se procura criar através desta entre os tomadores de decisão e a comunidade. É neste contexto em que se pode argumentar que a percepção das

actividades da Vila nesta comunidade apresenta algumas dúvidas.

De uma forma geral, percebemos que a vila de milénio no Distrito de Chibuto faz circular uma informação que em SCHRAMM (1976: 71-72) percebemos ser uma informação com uma função política que apenas serve como um comando onde o receptor apenas recebe para cumprir uma ordem.

Neste caso, é preciso que a informação obedeça à função educacional, entendida como a forma de trazer os membros à sociedade com valores da sociedade. Isto é, fazer da comunidade um sujeito único que se une através dos seus valores como sujeito de direito. Ou seja, deve ser o contrário da função política, em que a liderança é feita pelas lideranças locais que se prezam por serem e estarem mais direccionadas para os interesses da comunidade de modo a que esta se sinta como o agente que implementa os serviços.

Bibliografia

- Andrade, Maria Margarida de. (2005). Introdução à metodologia do trabalho científico. 7ª Ed.. São Paulo. Atlas.
- Appolinário, Fábio. (2006). Metodologia da Ciência – Filosofia e prática da pesquisa. São Paulo. Pioneira Thomson learning.
- Bolaño, César (2000). Indústria cultural: Informação e capitalismo. In Revista de Economia Política, Vol. 21, no 3(84) de 2001. SP. Acedido a 12 de Setembro de 2013 – disponível em <http://eptic.com.br/wp-content/uploads/2014/12/resenhas-83.pdf>
- Bolaño, César et al.. (2008). Comunicação, Educação, Economia e Sociedade no
- Bolaño, César. 2000. Indústria cultural: Informação e capitalismo. SP. Hucite/Polis.
- Bordenave, Juan Diaz. (1974). Novas perspectivas na capacitação em comunicação para o desenvolvimento rural. RJ. IICA ed..
- Brasil – desenvolvimento histórico, estrutura atual e os desafios do século XXI. SP. UFS Editora.
- Brigs, Aşa & Burke, Piter. (2006). Uma história social da mídia. 2ª Ed. RJ. Jorge Zahar Editora.
- Callou, Ângelo Brás F. e Braga, Brenda (2005). Estratégias de comunicação para o desenvolvimento local: uma experiência governamental em Pernambuco. Brasil. Estratégias de Comunicação para o Desenvolvimento Local: uma Experiência Governamental em Pernambuco. Comunicação apresentada ao NP 09 – Comunicação Científica e Ambiental, do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1456-1.pdf>, acedido a 18 de Setembro de 2013
- Fisk, John. (2001). Introdução ao estudo da comunicação. 6ª Ed.. Pt. ASA editora,
- Gil, António Carlos. (2008). Métodos e Técnicas de pesquisa social, SP. 6ª ed.. Atlas, disponível em http://www.moodle.ufba.br/file.php/12618/livro_antonio_carlos_gil.pdf - acedido a 14 de Setembro de 2013
- Kunsh, Margarida M. K. at all. (2006). Obtendo resultados com Relações Públicas. 2a Ed. SP. Thomson.
- Lener, Daniel & Schramm, Wilbur. (1973). Comunicação e mudança nos países em desenvolvimento. SP. editora USP.
- Lima, Regina Célia Montenegro (2008). Informação para o desenvolvimento e a formação dos recursos humanos especializados, RJ. E-papers Ed.. disponível em <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/75020>, acedido a 25 de Setembro de 2013
- Lopes, Carlos. (2005). Cooperação e desenvolvimento humano-a agenda emergente para o novo milénio. SP. Unesp Ed.
- Mucavele, Firmino, Economia Agrária e Recursos Naturais, Director, Reforma Académica e Integração Regional, Professor, Universidade Eduardo Mondlane, acedido em http://www.firmino-mucavele.net/index.php?p=1_16_EstratA-gias-de-Desenvolvimento – acedido a 19 de Junho de 2013.
- Netto, J. Teixeira Coelho. (2001). Semiótica, informação e comunicação. SP. 5ª Ed. Perspectiva.
- Obregón, Rafael (2007). Comunicação, Desenvolvimento e Mudança Social. portal da comunicação. In Com-UAB, Professor Associado da School of media Arts & Studies, Ohio University (disponível em http://www.portalcomunicacion.com/uploads/pdf/49_por.pdf, acedido em 05 de Dezembro de 2012.

Relatório do Governo sobre as VMM (2006)

<http://www.vm.org.mz/documentos/Documento%20Vila%20do%20Milenio.pdf> - acedido a 17 de Setembro de 2013.

Revista Vilas de Milénio (2011)

http://www.vm.org.mz/prt/index.php?option=com_content&task=blogcategory&id=14&Itemid=32 20 de Setembro de 2013 (Relatório do Governo sobre as VMM)

Schramm, Wilbuer. (1976). Comunicação de massa e desenvolvimento. RJ. Ed Blosh.

Schuler, Maria et al. (2004). comunicação estratégica. 1ª Ed. RJ. Atlas

Torquato, Gaudêncio (2004). tratado de comunicação organizacional e política. SP. Thomson.

Triviños, Augusto N. S. (2007). Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais - A pesquisa qualitativa em educação: O Positivismo, a Fenomenologia e o Marxismo. 1ª Ed. SP. Atlas.

Valá, Salim (2011). Comunicação e Educação para o desenvolvimento rural em Moçambique: os desafios do fortalecimento da cidadania e do empoderamento das comunidades. In Revista Comunicação & Sociedade – Acesso à Informação, Media e Cidadania, número 1, pp 34-47.

Lista de Entrevistados

Líderes comunitários e chefes dos bairros

Macuacua, Zacarias Vasco – Líder da comunidade do bairro Mudada, entrevista a 15 de Fevereiro de 2013, em Chibuto.

Ofisso, Carlos Jeremias, coordenador da Associação Ntwanano em Chibuto - entrevista a 22 de Fevereiro de 2013, em Chibuto.

Machel, António, Secretário do bairro de Maniquiniqui - entrevista a 05 de Março de 2013, em Chibuto.

Líderes religiosos

Mandlate, Estevão Jr., Pastor da Igreja Evangélica Assembleia de Deus (Chibuto), entrevista realizada a 28 de Fevereiro de 2013. Pastor desde 2003 nesta Igreja. Ex-mineiro na RAS.

Timbana, Neves domingos, Pastor da Paróquia de Chibuto (IPM), entrevista realizada a 28 de Fevereiro de 2013.

Adamo, Abdul Remane, Sheik da Mesquita sede de Chibuto, Massjid Umar Ibin al Khattab - entrevista realizada a 28 de Fevereiro de 2013.

Dauto, Padre José (Católica), responsável da Paróquia de Chibuto desde 2009 – Pároco. Entrevista realizada a 28 de Fevereiro de 2013.

Beneficiários directos dos serviços da Vila (3)

Ofélia Machava, 53 anos, beneficiária (curso de informática e corte e costura)

Comunidade

Gemusse, Enoche Augusto S. – Account Development da Coca-Cola em Chibuto. Foi coordenador da Vila do Milénio de Chibuto de 2006 a 2009, licenciado em ... entrevistado a 27 de Fevereiro de 2013, em Chibuto.

Numaio, Marília Mário - Professora em Chibuto – Escola Primária, entrevista a 22 de Fevereiro de 2013.

Mulinde, Himide juma - comunidade - morador de Chibuto há mais de 60 anos, entrevista a 27 de Fevereiro de 2013.

Especialistas e gestores das Vilas do Milénio Moçambique

Saide, Caisse – coordenador científico da Vila do Milénio de Chibuto. Entrevista a 15 de Fevereiro de 2013.

Manganhela, Augusta, Coordenadora de Planificação e Investigação do CITT

Docentes e Pesquisadores Nacionais

TINGA, Felisberto – ex- director do GABINFO, Docente Universitário e pesquisador em comunicação, entrevista a 16 de Fevereiro de 2013.

MÁRIO, Tomás Vieira, Docente Universitário e pesquisador em Comunicação, em entrevista a 20 de Fevereiro de 2013.

MUNGOI, Cláudio, Docente Universitário e investigador do Departamento de Geografia da UEM, entrevista a 13 de Fevereiro de 2013.

Jornalistas de Chibuto, Rádio Comunitária do Distrito de Chibuto.

MACHAVA, Arlindo – Locutor e produtor e responsável pelo programa a Voz da criança da Rádio Chibuto desde 2003. Entrevista a 22 de Fevereiro de 2013.

MUCACHUA, Fernando – Coordenador de programas da Rádio Chibuto até Abril de 2013. Recentemente é repórter na Rádio Moçambique no Distrito de Xai-Xai, entrevista a 21 de Fevereiro de 2013 (no momento da entrevista ainda fazia parte da RCC).

Revista Media e Sociedade - Normas para os autores

Princípios gerais

1. Os artigos devem ser originais e não podem estar, à data da sua proposta para publicação, publicados ou em apreciação noutra publicação. Qualquer excepção deverá ser explicitamente indicada pelo autor aquando da submissão do artigo, por forma que seja referenciada a primeira edição do texto.

2. Todos os artigos serão submetidos a uma revisão linguística. Os artigos serão devolvidos aos autores para apreciação logo após revisão linguística. Caso haja da parte do revisor pareceres que sugiram mudanças e/ou correcções substanciais, a decisão final de publicação é da responsabilidade do autor do artigo.

3. Compete aos autores a obtenção do copyright sobre todos os materiais que não lhes pertençam: ilustrações, quadros, fotografias, etc.

Submissão dos artigos

4. Proposta via e-mail [recomendada] enviada para ernhanale@yahoo.com.br ou para nobremz@teledata.mz, com informação do nome e contactos na mensagem de e-mail, e os seguintes anexos:

- Texto integral do artigo em formato Word;
- Em separado, no formato Exel, todos os gráficos inseridos no texto principal e respectiva enumeração e legenda;
- Em separado, em formato JPEG ou TIF, todas as fotografias inseridas no texto principal e respectiva enumeração e legenda.

5. Os artigos deverão ser apresentados, através do e-mail indicado, até a data limite de 10 de Junho de 2011. A notificação das decisões de aceitação dos trabalhos será comunicada via e-mail até ao dia 20/25 de Maio de 2011. Este primeiro número da Revista Media e Sociedade será publicado em Junho de 2011.

Normas de apresentação dos artigos

6. Todos os artigos deverão incluir uma folha de rosto autónoma de que constem os seguintes elementos: título do artigo (e subtítulo, caso se aplique), nome do autor, área de formação e/ou pesquisa/trabalho; instituição a que pertence (caso se aplique);

7. Os textos devem ser formatados em Times New Roman, a corpo 12, espaço 1,5. Não devem ser utilizados estilos nem formatações automáticas tais como numeração (numbering) e bolas/asteriscos (bullets).

8. Os artigos não poderão exceder 6000 palavras, incluindo, notas e bibliografia.
9. Para além do texto, os autores devem enviar - em português - um resumo do artigo (800 caracteres, cerca de 10 linhas) e até seis palavras-chave.
10. As notas deverão ser coligidas no fim do artigo (endnotes) (e não em rodapé - footnotes).
11. As palavras estrangeiras devem estar grafadas em itálico.

Normas de citação e referência bibliográfica

12. Relativamente às citações: — qualquer interrupção de citação deve vir assinalada com reticências dentro de parêntesis rectos [...].

— as citações curtas devem ser integradas no texto entre aspas (“”).

— as citações longas (mais de 3 linhas), não devem ter aspas e serão destacadas do texto principal, alinhadas à esquerda pelo parágrafo, fechadas pela pontuação do próprio trecho citado.

13. A bibliografia referenciada no texto deve seguir o estilo autor data (autor, data: página). Por exemplo (Ngoenha, 2004: 63) ou (Gordon e Brown, 2001: 39). No caso de mais de dois autores, utiliza-se et al. (Adams et al., 1995). Citações de diferentes obras do mesmo autor, se publicadas no mesmo ano, devem ser distinguidas com letras (Brown 1990a, 1990b);

14. As referências bibliográficas devem seguir a norma APA 5th :

— Livros: apelido, nome próprio (data). Título. Local: editora.

Exemplo:

Negrão, José (2005). Cem Anos de Economia da Família Rural Africana. Maputo: Texto Editores.

— Capítulo de livro: apelido, nome próprio (data). Título do Capítulo. In apelido, nome próprio (Org.[s]), Nome do Livro (páginas). (Edição se aplicável). Local: editora.

Exemplo:

Ngoenha, Severino Elias (1998). Identidade Moçambicana: Já e Ainda Não. In Serra, Carlos (Org.), Identidade, Moçambicanidade, Mocambicanização (pp. 17-34). Maputo: Imprensa Universitaria.

— Artigo em Revista: apelido, nome próprio (data). Título do artigo. Revista, número (volume – se aplicável), páginas.

Exemplo:

Fook, Jan (2003). *Critical Social Work: the current issues*. *Qualitative Social Work*, 2(2), 123-130.

— Dissertação ou Tese: apelido, nome próprio (data). Título da Dissertação / Tese (Área da Dissertação / Tese, Instituição conferente do grau).

Exemplo:

Franco, Ana Cristina de Almeida M. (2003). *A Investigação em Serviço Social e a formação ao nível da licenciatura. Análise dos Planos de Estudo nos anos 90, em Portugal* (Dissertação de Mestrado em Serviço Social, Instituto Superior Miguel Torga).

— Artigo em Revista Electrónica: apelido, nome próprio (data). Título do artigo. Revista, número (volume – se aplicável) (data do número e/ou data da recuperação do artigo, conforme aplicável), de endereço da internet.

Exemplo:

Juliusdottir, Sigrun e Jan Petersson (2003). *Common Social Work Education Standards in the Nordic Countries – Opening an Issue*. *Social Work and Society*, 1(1) (01.12.2003), de <http://www.socwork.net>.

— Documento electrónico: apelido, nome próprio do autor ou organismo (data). Título do documento, data da recuperação do artigo, de endereço da internet.

Exemplo:

National Institutes of Health. (2003). *NIH Plan for Social Work Research*, retrieved March 2008 from http://obssr.od.nih.gov/Documents/Publications/SWR_Report.pdf.

— Comunicação: apelido, nome próprio (data). Título da comunicação. Comunicação apresentada – Nome do seminário/congresso. Local. Promotor do evento. Data precisa.

Exemplo:

Martins, Alcina e Tomé, Maria Rosa (2008). *O Estado Actual da Formação em*

Serviço Social em Portugal - uma proposta de reforço da organização profissional. Comunicação apresentada ao Seminário Euro-Brasileiro de Serviço Social - Formação, Investigação, Qualidade e Desenvolvimento. Coimbra, Instituto Superior Miguel Torga, 20 de Fevereiro.

15. Os quadros e gráficos devem ter uma cópia em formato Excel (quadros e gráficos) e as imagens uma cópia em formato JPEG ou TIFF (imagens). A sua localização no texto deve estar claramente indicada.

